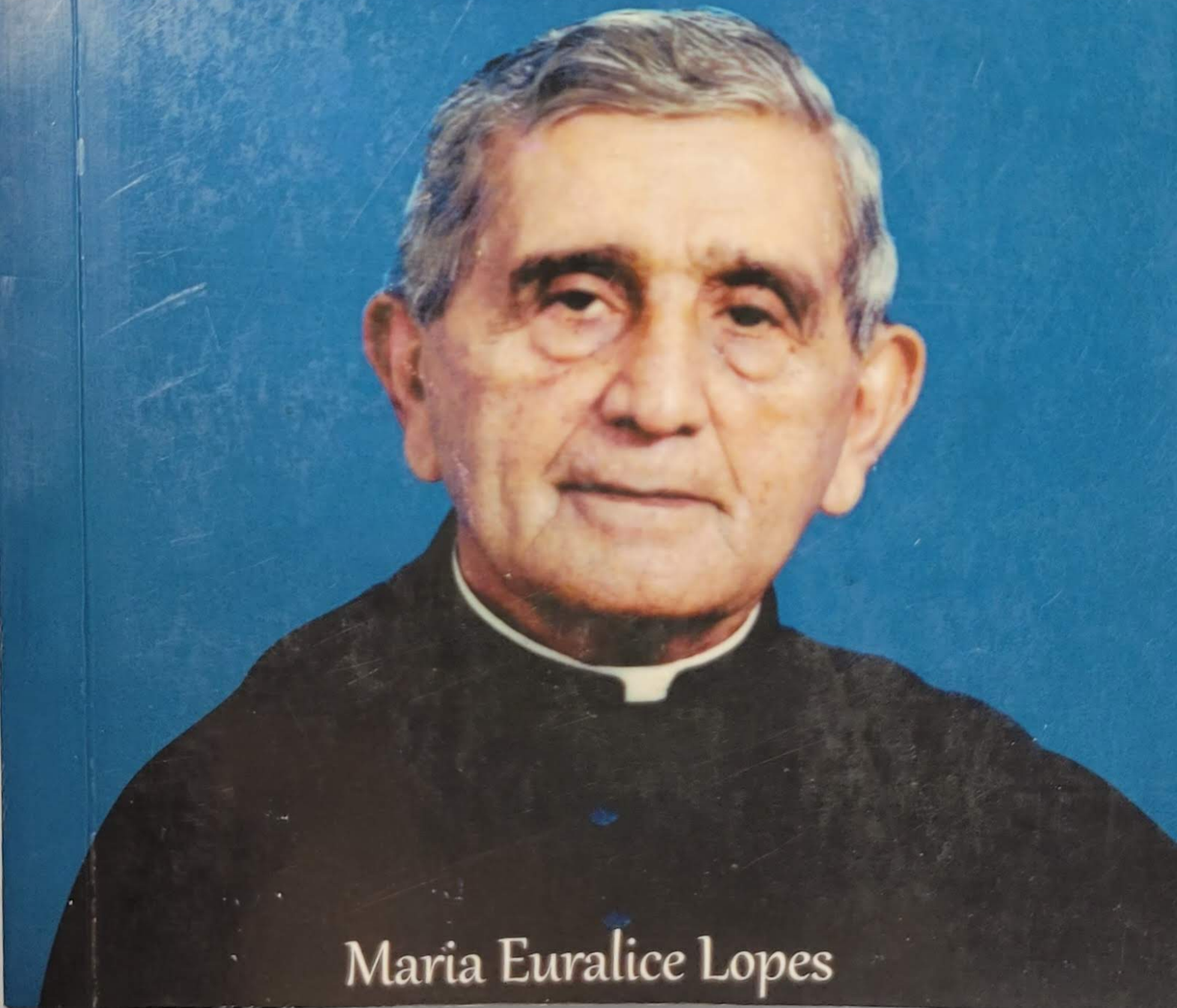
Mons. Odécio

O Benfeitor



Maria Euralice Lopes

aria Euralice Lopes, cidadã lacruzense, professora formada em tras pela Universidade Vale do Acaraú VA) registra na sua caminhada literária na variada experiência de escritora, em esia, na emoção de suas paródias, ntimentos cristãos, sociais... Influi ncretamente nos trabalhos mpartilhados e projetados pelo estudo e rseverança que despertaram seu vasto ber histórico e cultural, nas centenas de onografias reivindicadas entre a munidade estudantil ou mesmo por pios com temas selecionados.

nsentada, sua capacidade de contribuir ra a formação do povo e da terra de Bela uz, ativa-se e luta para apresentar a ra: "Monsenhor Odécio, o benfeitor" – mo a força transformadora da piritualidade e de grande preservação da ssa história.

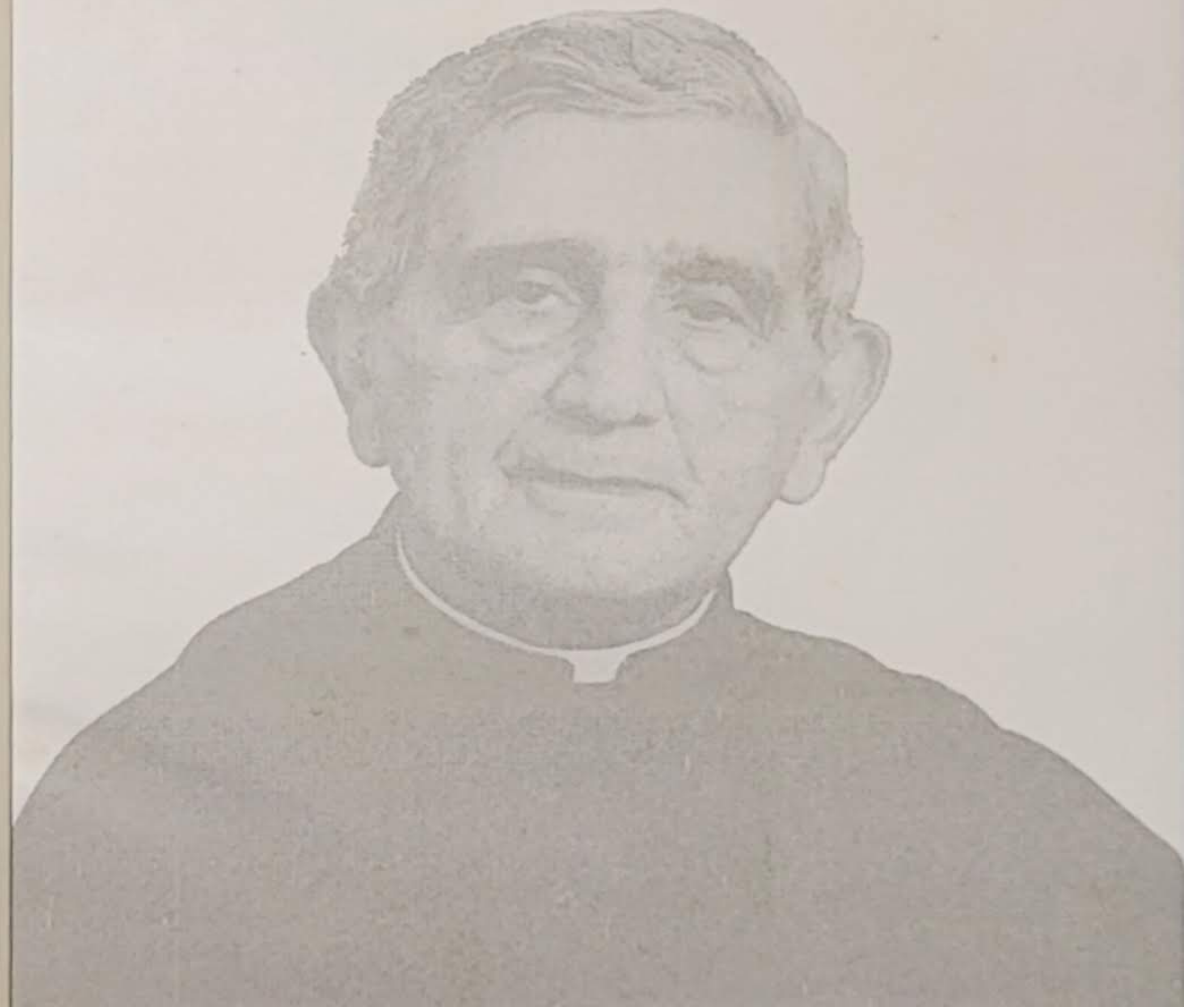
le recordar: o panegírico de Mons. José lson Magalhães (in memoriam) no nquentenário sacerdotal de Mons. décio: - Padre, segundo a sua formação, sua visão, a sua cultura, lembramos enas alguns dos sinais mais visíveis da esença da Igreja nesta comunidade:

dinamismo da catequese, a pujança de sociações religiosas, a beleza do culto mas ele palmilhou este longo caminho à sta de muitas renúncias, momentos de lidão e incompreensões e talvez ... omentos de desânimo. "A esperança não silude", nos ensina São Paulo. E não lhe tou a intercessão de Nossa Senhora.

Maria Euralice Lopes

Mons. Odécio

O Benfeitor



MARIA EURALICE LOPES

MONS. ODÉCIO
O BENFEITOR

BELA CRUZ – CE
2014

AGRADECIMENTOS

À Prefeitura Municipal de Bela Cruz, pelo gesto de desprendimento e generosidade. Sua colaboração veio em boa hora, no que se refere à publicação do meu simples trabalho que se encontrava engavetado, aguardando o momento oportuno de vir à luz. Jamais esquecerei a sua atitude estimulante.

Ao Revmo. Sr. Pe. Manoel Valdery da Rocha. Seu gesto de bondade, suas expressões de carisma e reconhecimento, emocionaram-me profundamente. Sou grata por sua primorosa composição na confecção do prefácio e correção do meu humilde trabalho.

À professora e escritora Maria Neuma V. Carvalho, por sua composição na confecção da orelha do meu humilde livrinho. Mostro-me grata e penhorada.

À minha querida mãe, Francisca Júlia Araújo, pelas lições de vida, afeição e presteza. Ensinou-me as primeiras noções de leitura e escrita e antes de tudo ensinou-me a rezar. Preparou-me para a 1ª Eucaristia e cuidou de mim para que eu me tornasse uma pessoa de atitudes honestas.

Ao inesquecível primo, Ir. José Getúlio Silveira, pioneiro de um trabalho apostólico, que ao longo de 60 anos vem realizando na educação marista, difundindo o Evangelho de Cristo entre jovens e crianças.

Ao meu esposo, Francisco Neon Silveira, companheiro de todos os momentos, principalmente nos mais difíceis.

Aos filhos, Carlos Augusto, Rosemeire, Rosineila e Glacineiva, aos netos Julierme, Guilherme, Vinícius, Rodrigo e Pedro Henrique e aos bisnetos Sarah e Júlio César Neto, dádivas preciosas concedidas por Deus em minha vida.

DEDICATÓRIA

Ao Mons. Sabino de Lima Feijão (in memoriam), pai espiritual, que em nome da Santíssima Trindade, me tornou filha adotiva de Deus.

Ao inesquecível Mons. Odécio Loiola Sampaio (in memoriam) meu orientador espiritual, que através de sua missão evangelizadora apontou-me a direção da virtude, do caráter e da honestidade.

À memória do meu estimado querido pai, Arthur Lopes da Silveira (in memoriam) que através do bom exemplo e da dedicação, indicou-me o caminho do trabalho, do esforço e da virtude cristã. A eles, devo a vida e que sou.

À memória dos meus saudosos filhos, Júlio César Lopes Silveira e César Carlos, que ao chegarem me proporcionaram tanto alegria e ao partirem me ocasionaram uma tristeza imensurável e uma eterna saudade.

Ao respeitoso poeta e acadêmico, Nicodemos Araújo (in memoriam) pelos livros maravilhosos que me presenteou.

Ao saudoso amigo de infância, Dr. José Mozart Araújo (in memoriam) pelos momentos alegres que compartilhamos quando estudantes.

À minha primeira professora Lindaura Araújo (in memoriam) e à Maria Augusta Lima (in memoriam) minha primeira catequista que me abriram as clareiras da fé cristã e da formação intelectual.

PREFÁCIO

Terminei de ler "*Monsenhor Odécio, o benfeitor*". A autora, professora Euralice Lopes, ajudou-me a conhecer melhor alguém que, em vida, tinha-me como seu amigo. E o era realmente. Seu gesto de atenção e acolhimento me faziam acreditar no que ele dizia. Nos diálogos do nosso dia a dia pastoral, ele, pároco de Bela Cruz, e eu, como pároco de Cruz, seu vizinho, podíamos pensar alto.

Mesmo assim, lendo este trabalho literário da professora Euralice, aprendi muito sobre Monsenhor Odécio. Um testemunho sobre um grande padre, um exemplar servo de Deus e da Igreja. Acho que foi por isso mesmo que a autora me escolheu, dentro de tantas outras possibilidades, para prefaciar sua obra literária que agora vai para a publicação, e resgata de mais longe a história de seu biografado. O que eu vivenciei ao seu lado apenas confirma a verdade do bom testemunho dela sobre ele.

A autora vai às origens, tanto da convivência familiar do biografado nos sertões de Novo Oriente, quanto nos longos anos de seu pastoreio em Bela Cruz.

"*Monsenhor Odécio, o benfeitor*" não é bem uma cronologia de obras realizadas. É uma biografia escrita por alguém que, não apenas pesquisou fatos, estórias e datas, mas também compartilhou lutas,

alegrias, preocupações e tristezas daquele sobre o qual decidiu deixar gravado, pensando nas próximas gerações, as doces lições de vida que o Monsenhor nos deu. E que bom que o fez. É comum dizer-se que só morremos para a história, quando ninguém relata para o futuro o que fizemos de bom, ou de mal. E graças a "*Monsenhor Odécio, o benfeitor*" que os que estão agora nascendo, poderão olhar para um exemplo de vida que, entre nós deste Vale do Acaraú, só fez o bem. Levantou pontes, unindo as pessoas; abriu escolas, fechando prisões; construiu, às dezenas, templos religiosos, espalhando a luz da fé; edificou abrigos, tirando do relento e da rua crianças e jovens da nossa comunidade; combateu o bom combate.

Já ensinava o texto bíblico: o testemunho de dois é verdadeiro. Na proporção em que ia eu lendo o livro da professora Euralice, ia me convencendo de que já tinha feito um resumo fiel do que ela escreveu com detalhes e opiniões, críticas de valor sobre os fatos narrados. Fora com uma antecipação de doze anos. Na homília que pronunciei por ocasião da missa de sétimo dia do falecimento de Monsenhor Odécio, celebrada às 19 : 00 h do dia 10 de julho de 2001, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Bela Cruz. Estava o belo templo, por ele mesmo construído, literalmente repleto de fiéis e amigos dele. Dentre eles, Monsenhor José Edson Magalhães, Vigário Episcopal da Região Vale do Acaraú, Padre João Batista Vasconcelos, Pároco de Bela Cruz, Padre José Maria Costa, filho desta Região Vale do Acaraú, nascido na Paróquia Santana do Acaraú e grande amigo de Monsenhor Odécio, a Prefeita Municipal Sra. Vanúsia de Oliveira, as Irmãs Vicentinas do Colégio, familiares de Monsenhor Odécio.

Porque é assim, nada melhor que, neste prefácio, eu reproduza em sua maior parte:

"Ele era muito forte no Evangelho". Foi o que falou, hoje pela manhã, na comunidade Medeiros, Paróquia de Cruz, uma mulher participante da Missa, quando pedi aos fiéis que rezassem pelo Monsenhor Odécio, no sétimo dia de seu falecimento.

"Ele era muito forte no Evangelho". Pregador entusiasta da palavra de Deus, a sua pregação era sempre apreciada pelos fiéis que o escutava. Os seus sermões, consumiam-lhe, em preparação, um bom espaço do seu precioso tempo, pois fazia daquele momento uma verdadeira aula de Teologia, de História da Igreja e de acalorada defesa apologética dos ensinamentos do Senhor Jesus. Aqui, quando se tratava de expor os pensamentos da Igreja, nas delicadas questões da moral pessoal e familiar, pouco lhe importava se a opinião de alguns o considerassem, depois, ultrapassado ou fora de moda. Neste particular, seu modelo era São Paulo: "Prega a palavra, oportuna ou inoportuna, quer agrade ou desagrade". Ele não buscava os elogios fáceis dos que não suportam encontrar-se com a verdade.

Sempre disponível para as ajudas pastorais que a ele pedíamos, e que cumpria com dedicação, não se importando nem mesmo com a frágil condição de sua saúde. Afônico, com visível cansaço, assim mesmo, ele não se furtava ao confessionário e à pregação da festa. Um dia, um paroquiano me disse após sua pregação: "Parece que este padre, quando está rouco ou doente da garganta, é aí que ele fala mais forte e entusiasmado..."

Assumindo, já no primeiro ano de sacerdote, a Paróquia recém-criada, todos nós somos testemunhas de sua disposição e fortaleza na construção das capelas e casas paroquiais que ele plantou em todo território paroquial, e na fundação de associações e grupos pastorais que tornaram evangelizadora e catequética esta Paróquia de Bela Cruz.

Seu zelo pelo que pertencia à Igreja lhe trouxe muitas vezes incompreensões e sofrimentos. Mas, ninguém pode negar que ele não se omitiu na defesa do Patrimônio desta Paróquia. E o fez, da maneira como o fez, nós e seus amigos sabemos, não por interesse pessoal, mas comunitário. O que é motivo suficiente para que esqueçamos a fraqueza de algum gosto em razão do qual alguém tenha se sentido ofendido.

Homem de acolhimento fervoroso, aprendi com ele que era preciso ser receptivo e afetuoso para com aquele que chega. Quantas vezes, ao chegar em frente a sua casa, se ele estivesse na sala da frente, que era seu escritório, ao descer eu do carro, rápido já lá na calçada estava ele para me receber, num gesto de fina e bíblica hospitalidade, que só me edificava.

Distinguiu-me e lisonjeou-me ele com sua amizade e confiança, quando em momentos difíceis de sua vida paroquial, procurou o apoio do colega e amigo da paróquia vizinha. Foi assim, junto ao IBAMA, em Fortaleza, na defesa de sua incompreendida administração do Patrimônio Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Bela Cruz; foi assim na solidariedade que pude prestar-lhe, quando teve de subir o humilhante calvário das querelas políticas que muito fizeram sofrer o venerando e dedicado sacerdote; foi assim agora também, quando, nos dias finais de sua vida, ao buscar em Coroa Grande, um território da minha paróquia, um dos raros momentos de lazer, fomos surpreendidos pelo acidente que o vitimou, e fui eu o escolhido para conduzi-lo ao Hospital Santa Casa, onde apertando a minha mão, ele me sussurrou: "não me deixe sozinho".

Durante cinco décadas, as famílias belacruzenses viram-no acompanhar—com que solicitude... – a solução dos problemas educacionais e familiares. Marcou o seu paroquiato não só com a pregação, o louvor a Deus e o ensinamento da lei do Senhor, mas também com a promoção do homem, ao fundar – em estilo grande – o Patronato Ima-

culada Conceição, que entregou às Religiosas da Caridade – e, ultimamente, a Fundação Maria Inácia Loiola, para crianças pobres, exemplo de aplicação comunitária dos seus bens materiais adquiridos com suor e trabalho.

Mesmo sem fugir de suas atividades pastorais, afeito às lidas do campo, na agricultura e no criatório, conseguiu arrecadar recursos que lhe permitissem um sustento digno, independente das ofertas dos paroquianos, proporcionaram viagens culturais aos Estados Unidos – em visita ao irmão padre – à Europa, ao Egito e à Terra Santa, e lhe deram o gozo de deliciar-se, como ele dizia, com os legítimos prazeres da vida rural e sertaneja, aprendidos na infância, junto ao doce lar da numerosa família e que, sabemos, nunca foram obstáculo a um fecundo e responsável trabalho pastoral.

Foram quase 60 anos de pastoreio do rebanho que a Providência lhe confiou e que ele cuidou com desvelo e sabedoria, nunca desanimando, mas, pelo contrário, sempre dando o melhor que lhe era possível fazer. A distância cronológica entre os padres mais novos e ele, nunca foi empecilho para que ele fosse integrado ao convívio pastoral junto ao presbitério diocesano, do qual ele participava e onde se sentia no meio de irmãos. Já agora, o Pe. João Vasconcelos nos falava da alegria dele em poder ir, no início deste mês, participar do Retiro Espiritual do Clero – obrigação da qual os idosos se dispensam – só não o fazendo por estar hospitalizado.

Em nossas reuniões pastorais, seja no Regional Vale do Acaraú ou no âmbito mais geral da Diocese, sua experiência na condução do povo de Deus, ou mesmo na vivência da vida sacerdotal, era sempre uma referência que ajudava a encontrar o caminho certo. A nós, padres mais novos, deu muitas vezes repetidas lições de desapego, de responsabilidade pela missão confiada, aceitando o convite dos fiéis para tarefas incômodas, mesmo após sua merecida aposentadoria na igreja. Refiro-me, especialmente, ao seu trabalho pastoral na distante Paróquia de Gijoca e às constantes viagens a comunidades carentes desta Paróquia de Bela Cruz e da Paróquia de São Francisco. De Cruz. E isso ele o fazia como um experimentado professor. Até escrevia, com o dedo no ar, as palavras do tema de sua pregação, como, com fino bom humor nos descreve o Pe. Rômulo, filho de Marco.

O Sacerdócio, a Eucaristia, a Igreja e Nossa Senhora da Conceição foram, em vida, os seus quatro amores – prioridade e tema permanente de suas aulas, conferências e pregações da Palavra de Deus. Nas nossas festas de Padroeiro, convidando-o para a pregação, dávamos a ele a liberdade de esquecer os assuntos do nosso programa, porque sabíamos que ele desejava falar sobre um destes: o Sacerdote, a Eucaristia, a Igreja ou Nossa Senhora.

Sacerdote e Pároco, suas mãos sacerdotais e seu cajado de pastor foram portadores das bênçãos de Deus para mais de 60 mil batizados; para milhares de criancinhas a quem fez saborear pela primeira vez o maná da Eucaristia, para milhares e milhares de pecadores arrependidos a quem – também em madrugadas a dentro – ouviu em confissões; para milhares de casais que, em sua presença, uniram-se para as alegrias da vida familiar. Em milhares de vezes, dentro deste belíssimo templo e dentro das inúmeras capelas que ele construiu para nós, as multidões em festa, sob a presidência benfazeja deste Ministro de Deus, elevaram ao Senhor e a Nossa Senhora da Conceição – a quem ele tanto amava – e aos Santos Padroeiros, os cânticos e as orações que nos ajudaram a viver e antecipar, aqui na terra, a alegria do louvor que juntos cantaremos a Deus no céu, onde esperamos, ele está. E que ali viva para sempre. Amém.

Pe. Manoel Valdery da Rocha

Pároco de Cruz.

SUMÁRIO

PALAVRA AO LEITOR 17

Cap. I - ASCENDÊNCIA E INFÂNCIA DE ODÉCIO 23

- Adolescência, fase de opções 27
- Seminário: um caminho para a Vida Sacerdotal 29
- Ordenação e Paroquiato de Padre Odécio 32
- Atividades Religiosas realizadas na Paróquia 35
- Fundando as Associações Religiosas 38

Cap. II - ABRINDO NOVOS CAMINHOS PARA A CATEQUESE ... 46

- Catequese, um dogma de Fé e Doação 56
- A catequese na Zona Rural da Paróquia de Bela Cruz 60
- Criação de Capelas nas Comunidades Adjacentes 68
- Reforma da Igreja Matriz de N.S. da Conceição 71
- Patrimônio de N.S. da Conceição de Bela Cruz 78

Cap. III – PADRE ODÉCIO, MEDIADOR DE UMA MISSÃO SUBLIME E BENFAZEJA 85

- A Educação foi a sua prioridade 97
- Mons. Odécio, um Sacerdote de Fé e de Oração 103

- Um exemplo do Perdão e da Justiça 114
- Eucaristia, o ápice de seu Ministério Sacerdotal 119
- Pecado, uma transgressão do Preceito Religioso 123

Cap. IV – MONS. ODÉCIO, HERDEIRO DE UM IDEAL 127

- Fundação Maria Inácia Loiola 131
- Mons. Odécio, um homem de Cultura e de Paz 141
- Mons. Odécio não valorizava o Cristianismo Fingido 149
- Mons. Odécio e sua Missão Evangelizadora 123
- Falando da Solidão 157

Cap. V – MONS. ODECIO, PRESENÇA DE VIDA EM ORAÇÃO E TRABALHO 161

- A Dimensão Religiosa e Social de Mons. Odécio 169
- Posse do seu sucessor. Pe.Rômulo Rocha 173
- Paroquiato do Pe. João Batista Rodrigues Vasconcelos 177
- Mons. Odécio e suas Virtudes Especial 181
- Falecimento de Mons. Odécio Loiola Sampaio 189

ANEXOS 205

PALAVRA AO LEITOR

Prezado amigo leitor.

Com bastante seriedade, desejo intensamente que leia o que escrevi para você. Não sei se estou divagando ou satisfazendo; se ocasionando alegria, ou pesar; se provocando fascínio ou aversão. Vai depender da sua deliberação.

Apresentar este livro ao público é uma satisfação, visto que envolve aspectos da vida de uma pessoa que por quase 60 anos conviveu com o povo de Bela Cruz, realizando sua missão pastoral e que deixou marcas imperecíveis de seu trabalho em prol da evangelização e da educação das novas gerações desta terra.

Dado o seu estado de saúde, a comunicação tornou-se menos saciável, mas as reminiscências permaneçam vivas e com raízes profundas. A obra que ora à luz, objetiva levar os leitores a momentos de reflexões, que os ajude a resgatar a presença imortal de Monsenhor Odécio, um sacerdote comprometido com a Igreja e com a formação espiritual de seus paroquianos.

Sempre cogitei em falar aos meus conterrâneos, o que a minha mente concebia a respeito deste benfeitor, exemplo de vida e ver-

dade. Após algumas reflexões, resolvi concretizar o meu intento e o tema preferido foi: "Mons. Odécio, o Benfeitor."

Falar deste herói é mais que um ato de consideração e respeito. É quebrar o silêncio respeitoso e reverente, para recordar deste pastor autêntico e semeador da Palavra de Deus. É uma honra às suas atitudes e ações, uma homenagem justa àquele que dedicou sua vida ao trabalho e ao exato cumprimento de sua missão sacerdotal e evangelizadora desta paróquia.

Foi este ministro de Cristo, quem mostrou uma visão clara e abrangente do futuro, abrindo caminhos para a educação belacruzense. Sem ele, nossa cidade, marcharia a passos lentos, sofrendo as consequências da ignorância e da indiferença.

Cada filho desta terra tem a concepção do que é ser um sacerdote segundo a tradição de Mons. Odécio, cuja trajetória de vida religiosa foi marcada por ideais tanto espirituais quanto culturais, imbuídos no bom exemplo e na fé.

Ao lembrar este grande mestre, é impossível não pensar na figura culta e pacífica desse homem de Deus, que de um jeito substancialmente educado, foi digno de uma missão tão dinâmica quanto apostólica, que oportunizou ao povo desta paróquia uma vida mais digna e significativa.

Ao penetrar no cerne de suas virtudes, pode-se imaginar o quanto esse sacerdote doou-se neste meio, mas até o fim permaneceu fiel aos seus propósitos, sem menosprezar a ninguém. Esta humilde obra, dará oportunidades de conhecer um pouco mais do caminho percorrido por Mons. Odécio, ao longo de sua vida pastoral e seu exemplo ajudará ao leitor a suscitar a chama da conscientização e do julgamento da própria realidade.

Sua partida deixou uma irreparável tristeza e ao mesmo tempo resignação, pois como bem expressou Dom Aldo de Cillo Pagotto (2001): "A morte não significa tristeza; é apenas uma separação necessária para passarmos à imortalidade".

Ninguém é tão vazio, que não consiga imaginar o quanto este sacerdote lutou para levar adiante os destinos do povo belacruzense. Ele merece um poema de reconhecimento, de gratidão e apreço.

Bela Cruz, 2014

A autora.

A SUBLIME MISSÃO SACERDOTAL

Como é sublime e admirável a missão do sacerdote
Dedicando seu trabalho em função da humanidade
Tem como esposa a Igreja e como meta a verdade
Do Evangelho de Cristo, ele é o braço mais forte

Em sua vida infantil, já pode ter propensão,
E o chamado de Deus deve estar sempre aguardando.
No albor da juventude ele vai se preparando
Até o dia em que ouve a voz de sua vocação

É o Cristo que o chama para a magnífica missão
Abraçar o celibato e nos estudos alicerçar-se.
Deixar a casa paterna e no seminário internar-se
Quando já tiver certeza de sua predestinação

Vem e segue-me! É o chamado que ele precisa ouvir
Para seguir seu caminho e vive-lo intensamente
Vislumbrar a sua senda gloriosa, humildemente
Em sua missão e seu sentido de existir

Concluindo seus estudos vem o dia do julgamento
O dia mais importante da aguardada ordenação
Data estabelecida para sua boa disposição
Que em promessa solene confirma seu sentimento

Ser sacerdote é estar de poderes revestido
É ter a missão divina tal qual Cristo Jesus
Para conquistar as almas e conduzi-las à luz
Cumprindo suas funções, sendo por Deus dirigido

Sendo humano, ele prefere uma vida solitária,
O sacerdote é exposto aos desejos veementes
Mesmo assim se submete aos perigos existentes
Pois tem Deus no seu caminho, na sua vivência diária

Diante do modernismo que se vive atualmente
Em que tudo é permitido e com a maior facilidade
Sabe-se o quanto é difícil para o Padre, a castidade,
A vida celibatária ser mantida seriamente

Sendo um ministro de Cristo, um piloto da Igreja,
Como a ponte que a sustenta sobre os pilares da fé
Em defesa do seu povo ele se mantém de pé
Para dar prosseguimento a sua missão benfazeja

Quanta responsabilidade tem o padre em sua vida
É preciso ter coragem, muita fé e convicção,
Luz no seu itinerário, uma forte aptidão,
Uma tendência madura, talentosa e decidida

Se as pessoas conhecessem a missão sacerdotal
Se chegassem a refletir toda a sua trajetória
Com certeza entenderiam o cerne de sua história
E dariam mais valor ao seu trabalho ideal

A vida religiosa é uma dádiva divina
Nela o Padre se consagra ao serviço do Senhor
Tornando-se um Ministro de Cristo, o Salvador,
Para levar o ser humano a verdadeira doutrina.

CAPÍTULO I

ASCEDÊNCIA E INFÂNCIA DE ODÉCIO

> "*Uma nova flor desabrocha no jardim do universo para propagar a palavra de Deus e os valores do Evangelho de Cristo.*" (Santo Agostinho)

A vida é um dom impagável e indisponível nas suas múltiplas formas e manifestações. Cada ser humano manifesta, à sua maneira, a sabedoria e a insondável providência de Deus criador. E foi com a prerrogativa divina que a 17 de fevereiro de 1916, na fazenda Várzea Formosa, às margens do rio Poti, município de Crateús – CE nasceu Odécio Loiola Sampaio. Seus pais, Francisco Rodrigues Sampaio e Maria Inácia Loiola de Oliveira, cristãos como eram, inculcaram a fé em todos os nove filhos, formando um lar cristão e bastante feliz, pois todos receberam uma formação educacional e religiosa, fundamentada na fé e nos projetos de Deus.

Odécio teve uma infância feliz, influenciado pelos pais e irmãos mais velhos que faziam parte do seu circulo familiar. Como filho obediente, dedicado e exemplar, sempre ajudava o pai nos afazeres do dia a dia, na agricultura e na pecuária, onde fazia de tudo um pou-

co. Capinava, plantava, acompanhava os trabalhadores na limpeza das plantações, na colheita, tarefa que lhe era imposta pelo pai.

Às vezes, sentia-se cansado e chegava a oferecer algo a um operário que o ajudasse na empreitada. E não era apenas isso. A colheita do feijão e do algodão era uma das pequenas tarefas de Odécio, que como um bom filho, compreensivo, reconhecia que era seu dever ajudar seu pai e, em sinal de gratidão, fazia aquilo com disposição e prazer como se estivesse se divertindo.

O trato e a criação dos animais foi também um destaque na sua vida infantil, cuidando do gado do pai colocando bois nas carroças para o serviço caseiro, oferecendo rações, praticando a ordenha e, muitas vezes, cavalgava nas próprias reses. Era o carro de bois que transportava o material de construção, uma vez que a cerâmica era fabricada por suas próprias mãos, ao lado dos irmãos.

O pai, homem empreendedor, inteligente e trabalhador, embora de poucas letras, contribuiu bastante para que ele e seus irmãos tivessem um estudo mais proveitoso e uma formação baseada na cidadania e na moral. A mãe, uma senhora piedosa, servia de modelo e guia para fortalecer seus primeiros passos como cristãos, no aprofundamento da fé, de sua vida de oração e no despertar de sua vocação sacerdotal.

Odécio, não teve lazer que marcasse sua infância, pois a viveu firmado na obediência e no trabalho. Aos seus 10 anos de idade, pre-

dominavam na localidade os partidos políticos denominados: Marretas e Democratas. Naquela época, dificilmente as crianças valorizavam os partidos dos pais. Mas alguns senhores, fazendeiros, por motivos políticos, ou por problemas de heranças injustamente divididas e até mesmo por vinganças, brigas ou crimes cometidos, contratavam e mantinham em suas propriedades, aqueles homens rústicos, adestrados no cangaço, vindos de outros Estados ou cedidos por outros senhores de fazenda considerados poderosos. Esses bandidos adversos, quando se encontravam nos campos, vilas e lugarejos desencadeavam combates com armas, chegando a fazerem vitimas fatais.

Em pequenos povoados, surgiam, às vezes, homens mal humorados, trajados de azul-escuro, chapéus de couro, cintos munidos de balas, e mãos agarradas aos rifles, orgulhosos, debulhando suas proezas guerreiras, só na intenção de apavorar as pessoas. A garotada, de 10 a 14 anos, cercava, apreciava, e admirava aqueles fictícios heróis e alguns até chegavam a imitá-los nos seus gestos de combate. Dividiam-se em grupos intitulados: Marretas e Democratas e aos domingos saiam munidos de bornais (sacos de fazenda para provisões, usados a tiracolo) cheinhos de pedras, e entre as divisas de muros ou cercados, marcavam os locais de encontros para travarem renhida disputa.

No combate, as pedras se entrelaçavam nos espaços em direção aos grupos em questão. E quando um dos lutadores tinha a cabeça

atingida com derramamento de sangue, eles proclamavam a vitória do partido vencedor. Em algumas vezes, Odécio assistiu o episódio e até fez parte dessas guerrilhas, mas, logo que seu pai tomou conhecimento desse tipo de brincadeira proibiu imediatamente a presença de seus filhos nelas. O senhor Francisco, jamais presenciou este tipo de divertimento e nunca imaginou que o filho brincasse de cangaço com os amigos.

Francisco Rodrigues era um homem de poucos estudos, mas fez o possível para dar aos filhos uma educação de qualidade. Naquela época, era muito difícil escolas na redondeza e por isso surgiam por ali, professores ambulantes que lecionavam nas residências, em determinadas temporadas. O pai de Odécio não perdia oportunidade e os contratava para ensinar aos filhos.

Por sorte, surgiu em Novo Oriente uma professora de Inglês, de nome Maria Antonieta dos Sacramentos. Os primeiros ensinamentos catequéticos foram ministrados ao menino Odécio por esta professora que o preparou para sua primeira Eucaristia. No decorrer da semana, assistia aulas e aos sábados ajudava o pai no comércio, onde lecionava matemática, principalmente juros, uma taxa paga por uma quantia de dinheiro emprestado.

ADOLESCÊNCIA: FASE DE OPÇÕES

> *"Estava com o pai e os irmãos a consertar suas redes, quando foi chamado por Jesus"* (Mt 4,2-22)

A adolescência é uma fase de profundas mudanças, marcada pelo desejo de independência, pela autoafirmação e pelas descobertas vocacionais. Cada ser humano é único, portanto analisar as características e tendências de cada adolescente é uma tarefa árdua e ao mesmo tempo surpreendente, principalmente para os pais. Mas foi analisando com cuidado, o comportamento e a propensão espiritual dos filhos, que Francisco Rodrigues procurou orientá-los pela escolha de vida. Assim, ele foi aos poucos captando seus impulsos, suas inclinações e percebeu que Odécio guardava no íntimo uma tendência para a vida sacerdotal.

Passou a encorajá-lo para as responsabilidades apostólicas.

Novo Oriente era uma capela pertencente à Paróquia de Independência que ficava a doze quilômetros e o Vigário, quando vinha fazer uma visita, hospedava-se em casa do avô do Odécio. Seu pai, sempre o visitava para ouvi-lo falar das coisas de Deus, pois era cristão autêntico e jamais perdia missas aos domingos. Admirava e valo-

rizava os santos sacramentos e por isso mantinha um forte contato entre o pai e Odécio, o vigário e a professora o que contribuiu bastante para ajudá-lo na educação de seus filhos. Nas tardes de domingo, Odécio costumava sair com o pai e os irmãos para observarem as plantações e nas caminhadas, o pai comentava com os filhos sobre a importância da vida religiosa e dizia: "O sacerdote é um homem de Deus. O padre é uma pessoa aceitável em toda parte. Quem é padre tem a certeza da salvação".

Essas palavras eram proferidas por Francisco Rodrigues, sempre que havia uma oportunidade propícia para extravasar seus sentimentos a respeito da futura vocação dos filhos. Por ser um homem, demente a Deus, inspirava nele a vida sacerdotal, pois não possuía cultura, mas era um homem de fé cristã e de senso evangélico. Ele sabia que a principal finalidade da aprendizagem não era apenas preencher a mente humana, com conhecimentos úteis, mas fornecer-lhe meios para adquiri-los. Portanto, sabia que era necessário que os pais desenvolvessem as faculdades intelectuais dos filhos, a fim de que no decorrer de suas vidas, pudessem trilhar os melhores caminhos.

No cerne deste pensamento, Odécio ouvia o chamado de Deus: "Vem, filho e segue-me. Deixa de lado as ferramentas do campo, licencia-te das criações de gado, renuncia ao balcão do comércio e vem

ser meu discípulo, porque outra função te aguarda: a conquista das almas".

Aquela voz era do anjo, que lhe falando através do pronunciamento do pai, estava sempre a dizer: "como é bonito o trabalho do padre. Ele salva almas. Quem salva se salva" (SAMPAIO, 1996, - discurso proferido em 17/02/96).

Quando seu pai falava da grandeza do sacerdócio, não era o sangue nem a carne que falava, mas sim, o espírito de Deus que nele falava. Sua mãe uma mulher de orações, mas não apoiava a respeito da vocação dos filhos, talvez porque não desejasse separar-se dos filhos por muito tempo e por que reconhecia a difícil incumbência que pesava sobre eles. No entanto, deixava a critério de cada um, sem oposições nem aconselhamentos.

Odécio sabia que o desafio não era fácil, mas resolveu vivenciá-lo e preferiu seguir o caminho que Deus lhe determinou: ingressar no Seminário.

SEMINÁRIO: UM CAMINHO PARA A VIDA SACERDOTAL

> *"Fitando-o, Jesus o amou e disse: Uma coisa te falta: vai, vende o que tens, dá aos pobres e segue-me"* (Mc 10,21).

O seminário é um estabelecimento de ensino que habilita para o estado eclesiástico. E atendendo ao desejo dos pais, Odécio ingressa no Seminário Diocesano São José em Sobral, (Betânia) em 1928. Permaneceu ali até 1935, sempre estudioso e dócil aos superiores. Ao ser solicitado para fazer visitas às capelas juntamente aos padres não hesitava e ajudava no que fosse confiado.

Certa vez, ao ser convidado para ajudar nas missões na cidade de Acaraú, ficou hospedado na casa paroquial onde residia Mons. Sabino. Vizinho a esta residência, encontravam-se hospedados músicos para tocarem nas festas carnavalescas.

Passaram o dia ensaiando e o seminarista Odécio ao ouvir aquela banda tocar detinha-se em acompanhar com assobios. Um padre conselheiro dos seminaristas e que o acompanhava no trabalho missionário, reclamou severamente, dizendo: "Seminarista que quer ser padre não assobia música carnavalesca" (REINT, padre João, 1928).

Odécio passou as férias na casa dos pais, onde lecionava a catequese e para motivar suas aulas de catecismo, organizava torneios com os alunos. Odécio e seu irmão Joviniano, que na época também era seminarista, no período de férias logo depois do café da manhã, saiam percorrendo os campos, recordando o tempo de infância, matando a saudade de tudo que ali deixaram. Ali, refletiam intimamente

que era com esse espírito de luta, trabalho, estudo, vocação e muito amor a Deus e ao próximo, que estavam prosseguindo a carreira sacerdotal.

Depois de alguns anos, Odécio foi transferido para o Seminário Maior, em Fortaleza (Prainha), onde cursou Filosofia e Teologia, com os competentes e santos Lazaristas, os Padres da Congregação da Missão.

Ali sua vocação se fortalecia cada vez mais, tendo à frente um caminho em construção ao qual ele daria forma à medida que o trilhasse. Ali sua vocação se estruturava, superando as tentações de acomodação e desânimo, além da saudade da família, do convívio e do aconchego do lar e dos costumes de sua terra. Mas o chamado de Deus o atraia a cada dia, convidando-o a uma obra de amor realizada dentro de uma vida de fé, de serviço baseada na missão evangelizadora.

Foi com base nesta reflexão cristã, que Odécio firmou sua ideia de propagar o Evangelho de Cristo, a qual ia aumentando e expressando sua convicção de que o chamado de Deus deveria preencher suas expectativas.

Odécio começava a participar dos cuidados pastorais o que lhe deixava satisfeito e comprometido com a vocação que escolheu.

ORDENAÇÃO E PAROQUIATO DE PADRE ODÉCIO

> *"Eu vim como a luz do mundo, para que, quem crê em mim não fique na escuridão."* (Jo 12,46).

Depois de receber as Ordens menores e maiores, na Catedral de Sobral, Odécio recebeu o Presbiterato das mãos do Bispo Diocesano, Dom José Tupinambá da Frota, aos 30 de novembro de 1941. Agora, Odécio sentia-se um padre, realizado, mesmo porque no Seminário, seu Diretor Espiritual era padre Tomé, de origem holandesa, que o preparou para a ação evangelizadora, dada a sua espiritualidade e carisma, pois contribuiu bastante para o crescimento sacerdotal.

Sua primeira missa foi celebrada em dezembro do mesmo ano, na catedral do Crato – CE. E logo em 1942, padre Odécio foi solicitado a assumir uma paróquia e recebeu da Cúria Diocesana, a nomeação para ser pároco de Santa Cruz (hoje Bela Cruz). Às dezessete horas e trinta minutos do dia dez de janeiro de 1942, chegou àquela comunidade seu primeiro pároco, que foi recebido por uma população em festa. A cerimônia de posse ocorreu às nove horas do dia onze de janeiro, contando com a presença de vários sacerdotes, Bispos e outras autoridades. Uma incalculável multidão o esperava.

Pe. Odécio, um vigário novo, educado e habilidoso, caiu na simpatia dos paroquianos, com quem fez amizades demonstrando um equilíbrio maduro diante dos embates do cotidiano sacerdotal. No decorrer daqueles tempos conturbados, Santa Cruz tinha agora um orientador espiritual e aos poucos ia se tornando berço de novas e numerosas iniciativas missionárias e apostólicas.

Padre Odécio, um sacerdote equilibrado e responsável pelos seus atos, aprendeu como encarar as situações difíceis da vida até mesmo sob pressão dos ignorantes. Agora é um administrador com bastante responsabilidade, sob seu domínio.

Desde os primórdios, aquele povo laborioso, sempre cultuou a fé cristã de forma digna de imitação no nivelamento de seus sentimentos puros. Assim, aquela aspiração da comunidade aumentava verticalmente na medida em que ia se desenvolvendo com gradativo aumento de sua população.

O povo santacruzense que sempre gozou de profundos sentimentos cristãos, e preocupado em criar uma Paróquia, capaz de fornecer lideranças religiosas e educacionais, tinha agora um líder disposto ao trabalho pastoral. Na sua chagada a comunidade apresentou-se caprichosamente ornamentada, dando àquele ambiente um cunho verdadeiramente festivo, que caracterizava bem uma alegria indescritível transbordando o coração daquele povo.

As solenidades também estiveram presentes o atual Bispo Auxiliar de Fortaleza, Dom Manoel Edmilson da Cruz, os padres Aristides Andrade Sales, Vicente de Paulo Albuquerque e o professor José Sebastião Silva, os quais cursavam naquela época o Seminário de Sobral. As saudações ao Sr. Bispo e ao Pároco foram executadas pelos conterrâneos intelectuais Lauro Meneses e Nicodemos Araújo. Sabemos que, quando nos deixamos ser guiados por Deus, num gesto de profunda intimidade com Ele nenhum problema deixa de ser superado.

Acreditando nessa possibilidade, o povo de Santa Cruz viu diante de si a concretização de um velho sonho que se tornava real: um sacerdote, no comando das atividades religiosas, ao lado do povo.

Sem dúvida, um dos legados mais importantes do sacerdócio de Padre Odécio foi promover o diálogo inter-religioso. Ele conseguiu não só reunir as principais lideranças religiosas da Paróquia, mas colocar na agenda do seu coração o amor ao próximo, à harmonia, a solidariedade, a partilha de valores e a difusão da Palavra de Deus.

Ao receber sua Paróquia, Padre Odécio foi agraciado com bastantes visitas de amigos, crianças e jovens, que faziam questão de conhecer de perto aquele que veio para semear o Evangelho de Cristo em nossa comunidade, Como um sacerdote de visão abrangente, ele foi logo captando as maiores carências da Paróquia.

ATIVIDADES RELIGIOSAS REALIZADAS NA PARÓQUIA

> *"Portanto, todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as põe em prática, será como um homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha."*
> (Mt 7,24)

Cada ser humano tem sua própria experiência do que é ser um sacerdote, pároco segundo a tradição de Padre Odécio. Como descendente de uma família religiosa de expressão cearense, ele também possuía uma tradição e, portanto uma trajetória. Solicitado para assumir uma paróquia, ele sentiu que havia chegado o momento de apresentar aos seus paroquianos uma expressão renovada da sua herança educativa, católica de nascimento; para indicar novas formas de viver sua religião e seu carisma com os quais viveu desde o amanhecer da sua existência.

Logo ao chegar, tentou conscientizar o povo de que estava recebendo na paróquia um sacerdote, na pessoa de um novo vigário, um representante de Cristo, que veio para orientá-lo, rumo ao projeto de Deus. Mostrando-se criativo e dinamicamente fiel a essa herança, Padre. Odécio procurava dirigir seu rebanho com perspicácia e convicção.

Dentre em pouco, ele pôde observar que a educação dos jovens e das crianças naquela comunidade era urgente, pois como pedras toscas precisavam ser lapidadas. A necessidade de formação educacional e religiosa exigia respostas, fruto de suas reflexões, novas experiências sob a orientação do novo pastor, que constatava um talento todo especial para penetrar no mundo dos jovens, adolescentes e crianças, para fazê-los caminhar ao seu lado. Como orientador, precisava motivá-los e acompanhá-los, na busca da perseverança ao chamado de Deus, para ouvir o Evangelho de Cristo e colocá-lo em prática.

Ao ganhar um novo pároco, Santa Cruz passou por uma mudança significativa. Um novo tempo surgiu, dando ênfase ao desenvolvimento, para que novas ideias viessem acontecer. A premente necessidade de um orientador espiritual, dado o crescente número de fieis que levaram avante o desejo e a importância de ter à frente um pastor dedicado como Pe. Odécio, agora estava sendo superada, pois o povo já sentia confiança tendo um sacerdote como dirigente do Evangelho de Jesus Cristo.

Era visível a boa vontade de trabalhar, o autêntico espírito de fé, a coragem para desempenhar a árdua e a abençoada missão de que fora incumbido. Foi assim que o jovem sacerdote com apenas 26 anos de idade, mas portador de qualidades essenciais para o exercício de

seu ministério conseguiu superar os obstáculos, vencer as dificuldades e melhorar o estilo de vida daquela comunidade tão carente.

Logo ao assumir, não mediu esforços para iniciar um vasto programa que pretendia realizar. Seu desejo era implantar no seio daquela nova paróquia uma notável mentalidade, voltada, sobretudo, para os problemas religiosos e educacionais, já que os dois polos principais do seu trabalho pastoral eram: Religião e Educação, os pilares da vida humana.

Padre Odécio compreendia, com precisão, a magnitude e a gravidade das tarefas que lhe pesavam sobre os ombros, mesmo porque a Paróquia confiada a ele ocupava mil Km² de território. Na área se contava, naquela época, aproximadamente 18.000 almas. Imbuído, portanto, deste louvável objetivo, enquanto cuidava de novas diretrizes para a vida religiosa e social de seus paroquianos, tratava de desenvolver a instrução.

"Por experiência, sabemos o que significa estar presente. Um compromisso atuante é mais do que simplesmente estar ali, pois ser presente é assumir o passado, questionar o hoje e dinamizar o futuro, numa linha de construção" (Carta de João Paulo II, publicada em Roma em 14/08/81).

Em todos esses aspectos, Padre. Odécio foi presença atuando como um pastor autêntico e cuidadoso, olhando para o presente e as-

sumindo-o, pressentindo o futuro, questionando-o e sempre abrindo perspectivas. Ao assumir a paróquia, o primeiro pensamento do pastor foi encampar e priorizar a educação e a catequese. Sua primeira marcha foi para as crianças, às quais considerava a pupila de seus olhos.

Padre Odécio fez dele as palavras de Jesus: "Deixai vir a mim os pequeninos porque deles é o reino dos céus". (Mt. 19,14). Como sacerdote, ministro de Cristo, Padre Odécio reconhecia que aquelas crianças precisavam sentir para conhecer a doutrina cristã, necessitavam ouvir e entender, para saber discernir entre o bem e o mal e assim construírem um mundo mais justo e fraterno. Foi acreditando nessa possibilidade que ele conquistou os pais e as crianças da Paróquia a conhecerem melhor os rudimentos dos ensinamentos cristãos.

FUNDANDO AS ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS

> *"Se permaneceres em minha palavra, sereis verdadeiramente meu discípulo, conheceis a verdade e a verdade vos libertará."* (Jo. 8, 31-32)

O seguimento de Jesus se faz com a força do espírito que é o motor do Evangelho de Cristo que leva o pai ao povo. Deus fez morada, mediante a encarnação do filho querido e amado: "Este é meu filho amado, que muito me agrada" (Mt 3, 17b).

Associações religiosas são agremiações religiosas que se irmanam para colocar em evidência as experiências e vivências religiosas. Em Bela Cruz, as associações religiosas tiveram início com a Irmandade de N.S. da Conceição, cujo compromisso foi aprovado pelo Bispo Dom Joaquim José Vieira, 2° Bispo do Ceará. Anos mais tarde, foi fundada a Conferência de São Vicente de Paulo, que atualmente ainda tem vida ativa. Em 1938, foi fundada a Obra das Vocações Sacerdotais e, dois anos depois, foi criada a Associação da Doutrina Cristã, ambas pelo Padre Sabino de Lima, então vigário de Acaraú (in- memóriam).

Todas essas associações não obtiveram êxito, por falta de um pastor residente que lutasse para mantê-las equilibradas e perseverantes. Mas, com o paroquiato de Pe. Odécio foram fundadas, na Paróquia de Bela Cruz, várias associações que progrediram bastante, com resultados satisfatórios, dando prosseguimento ao vasto programa religioso que pretendia realizar.

Em Cronologia de Bela Cruz (ARAÚJO, 1990), encontra-se a seguinte informação:

1942 – 12 de junho, Padre Odécio fundou o Apostolado da Oração, iniciando com 400 zelados;

1942 – 08 de dezembro, fundou a Associação da Pia União das Filhas de Maria;

1943 – 15 de agosto: é fundada a Congregação Mariana Masculina;

1944 – 1° domingo do ano: ocorreu a Fundação da Cruzada Eucarística Infantil;

1949 – 03 de outubro: fundação da Associação das Terezinhas;

1960 – 16 de agosto: instituição da Associação das Benjaminas da Virgem Maria;

1960 – 27 de setembro: foi criada a Associação Santa Luiza de Marilac.

Todas essas Associações tinham seus dias e contos oficiais, comemorados e consagrados pelos grupos, além de suas indumentárias, cada uma com seu significado, sua história e suas cores. Assim como Jesus encontrou resistência, seus seguidores também encontraram coragem para conduzirem suas vidas orientadas por um sacerdote tão corajoso como foi Monsenhor Odécio. Cada Associação tinha por obrigação comparecer às reuniões na sua determinada data. Assim:

- Zeladoras do Apostolado da Oração: Primeira sexta-feira de cada mês.
- Obra das Vocações Sacerdotais: também na primeira sexta-feira do mês.

- Pia União das Filhas de Maria: Primeiro sábado de cada mês, seguindo-se de retiro, tendo a igreja como local de reflexão, meditação e oração durante o dia todo.
- Congregação Mariana: Segundo domingo de cada mês.
- Cruzada Eucarística Infantil – A cruzadinha como Padre. Odécio chamava, era reunida no primeiro domingo de cada mês.
- Terezinhas – todas as primeiras terças-feiras de cada mês.
- As associações Benjaminas da Virgem Maria e Santa Luiza de Marilac comemoravam seu dia oficial em 27 de setembro de cada ano.

Havia uma hora de adoração ao SS. Sacramento, para cada associação, encerrando-se às cinco da tarde com os demais fieis.

Foi alicerçado nesta confiança que nosso incansável pároco, implantou o progresso em nossa paróquia, pois sua evolução sempre aconteceu com a participação autêntica de Padre Odécio.

Com relação às Associações, algumas não fizeram sucesso, mas outras permaneceram com bastante êxito, deixando implantado no âmbito da comunidade uma mentalidade nova, voltada para a conscientização de que estamos aqui para cumprir a missão que Deus nos ordenou.

Todas as pessoas que permanecessem à Associação tinham por obrigação ser catequistas, principalmente as mulheres. Esse louvável trabalho do pároco, estimulando e ajudando as vocações religiosas, foi compensado com um resultado altamente valioso. Aquela terra que já possuía um filho sacerdote na pessoa do Padre Francisco Olinto de Araújo Leitão, dentro de alguns anos, viu subirem ao altar da Igreja Católica os seguintes sacerdotes:

Aureliano Diamantino da Silveira (in- memoriam)

Benedito Valter Araújo (in- memoriam)

Francisco de Assis Lopes

Francisco de Assis Magalhães Rocha

Joaquim Diomar de Araújo (in- memoriam)

João Delmonte de Carvalho (in- memoriam)

Receberam as ordens de Irmãos Maristas, os jovens:

José Getúlio da Silveira, que permanece até hoje.

Também receberam o hábito de Religiosas as jovens:

Adalgiza Ferreira de Freitas

Maria Luiza da Silveira

Maria Pureza de Freitas

Maria José de Araújo (in- memoriam)

Maria Aurea de Freitas

Maria do Perpetuo Socorro Carvalho

Maria das Graças Pinto

Rosalba Araci Vasconcelos

Tereza Neuma Vasconcelos

Tereza Dutra da Rocha.

Alguns desses religiosos já faleceram outros se afastaram e alguns ainda permanecem no exercício de suas atividades vocacionais.

Como despertador de vocações, Padre Odécio empregou seu dinamismo, criatividade e zelo apostólico, pelos paroquianos, desvelando-se em aprimorar os jovens para a vida religiosa. Como sacerdote exemplar, nosso pároco sempre se esforçou por estar presente em todos os eventos religiosos da sua paróquia.

As Associações mencionadas tiveram existência com um crescente número de agremiados, justificando bem a denominação de "Falanges Aguerridas da Religião Católica", que lhes deu Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra. Entretanto, após o Concílio Vaticano II, elas foram se dissolvendo e somente algumas sobrevivem.

Essas associações, juntamente com a catequese, foram braço direito do Padre, pois, com seu zelo apostólico e educacional, tornava-as impregnadas pelo desejo de trabalhar pela busca da salvação. Foi através dessa experiência pessoal com Deus, que o povo de Bela Cruz

conseguiu redescobrir o poder da oração, porque foi nela que encontraram o que estavam necessitando: um sentido para viver melhor em busca da salvação em Cristo Jesus.

As zeladoras do apostolado da Oração tiveram como incumbência entronizar a Imagem do Sagrado Coração de Jesus em suas residências. O ato religioso era realizado em um domingo de preferência no mês de junho. Monsenhor Odécio fazia questão de comparecer àquela casa para efetuar a cerimônia. Além disso, tinham como um dever sagrado arranjar outras famílias de boa reputação que desejassem uma entronização em suas casas, mesmo que não pertencessem ainda à Associação.

Aquelas solenidades eram assistidas pelas zeladoras e demais famílias e aquelas residências se tornavam mais respeitadas. Ali, não podia haver profanações, como festas dançantes, infidelidade entre os casais e as famílias deveriam comungar nas primeiras sextas-feiras de cada mês. Tudo isso, representava um convite aos casais, para ingressar nas associações religiosas, o que aconteceu com muito deles.

Além disso, cada zeladora tinha como dever sagrado adquirir pessoas para receberem fita de zelados. Uma fita vermelha e mais estreita do que as das zeladoras. Cada zelador deveria também comungar às primeiras sextas-feiras de cada mês e pagar uma pequena quantia em dinheiro, a fim de que pudesse usufruir da missa.

Cada zeladora era responsável pelos seus zelados e zeladas, fazia uma espécie de evangelização, recebia aquela espórtula e repassava ao Padre, em cada primeira sexta-feira do mês, por ocasião da sessão. Com o decorrer do tempo, os zelados foram se afastando e somente as zeladoras ficaram contribuindo mensalmente.

CAPÍTULO II

2. ABRINDO NOVOS CAMINHOS PARA A CATEQUESE

> *"Viver de forma coerente a sua fé, devotando o melhor do seu tempo e do seu zelo, a ensinar as verdades para a vivência da fé."*
>
> Dom Fragoso (1992)

A catequese assemelha-se a uma pessoa que está percorrendo um caminho. Na medida em que ela vai caminhando, sabe quanto já andou e quanto ainda tem para andar. Essa pessoa tem uma história já feita e outra ainda por fazer. Parece que o passo que da à frente fica apoiado no pé que está atrás. A história se faz com dois olhares: um no passado e outro no futuro. Ambas devem ajudar-se.

O ensino religioso constituiu-se espaço de diálogo entre educador e educando, para conhecer, trocar e desenvolver saberes, que irão servir à vida numa amplidão maior que apenas o pragmático. "como preparar-se para ressignificar o sentido pleno da vida cristã". (SONIA DE ITEZ, 2012).

Foi abrindo novos caminhos para a catequese que Padre Odécio encontrou formas para disseminar a concretude do conhecimento dos valores cristãos, entre àquelas crianças tão carentes de Deus.

O desafio de fundar a catequese na paróquia era possível, mas não podia ser enfrentado sem contar com a ajuda de pessoas da comunidade, que se prontificaram para colaborar na construção de um prédio, o Centro Catequético Pio XII, localizado na sede e inaugurado em 1945. Assim, Padre Odécio teve como uma das suas principais atividades religiosas o movimento catequético e logo procurou difundir em todas as comunidades da paróquia, a preparação das crianças para a primeira Eucaristia.

Para isso, precisava formar catequistas em toda a paróquia, com o objetivo de desencadear uma postura reflexiva, argumentativa e criativa frente ao ensino religioso, que superasse a visão fragmentada que separava o mundo profano do sagrado, na busca do conhecimento da vida e da doutrina cristã, para tornar os fieis pessoas de fé.

Com a criação da catequese, Padre Odécio passou a erigir capelas e casas paroquiais nas comunidades das zonas rurais.

O trabalho desse sacerdote, como pároco, foi tão intenso que para dar prosseguimento ao vasto programa catequético que pretendia realizar, fundou as associações religiosas que lhe proporcionaram grande ajuda neste contexto.

Não era à toa que Padre Odécio olhava para o futuro com audácia e esperança. Em cada canto da paróquia existiam milhares de

crianças e jovens, carentes da instrução religiosa e cabia a ele conduzir aos ombros aquele fardo pesado, que não conseguia realizar sozinho.

Como pároco zeloso e responsável, experimentou alegrias e dificuldades lutas e conquistas, no decorrer do seu trabalho pastoral. E o fez, reconhecendo o bem praticado, acreditando no futuro daquelas crianças, cujas vidas religiosas deviam ser tocadas por ele.

Ao enfrentar seu movimento espiritual, Padre Odécio reconhecia seu trabalho como uma necessidade interligada na teia da vida, o que lhe despertava e alimentava sensibilidades na certeza do dever cumprido. Um movimento profético que aglutinava, no seu tempo, centenas de crianças e adolescentes que eram convocados a permanecer abertos ao caminho de Jesus e modelar um futuro cada vez mais promissor, de acordo com o dinamismo do seu ideal.

Enquanto planejava seu itinerário catequético junto às crianças, Padre Odécio ia percebendo que o desafio para o ensino religioso vinha modificar não só a vida das crianças, mas também a das catequistas, que necessitavam de uma formação profissional mais consistente para levarem às crianças a educação para a fé.

Assim pensando, o vigário conseguiu parcerias com as Filhas de Maria no sentido de trazer à luz uma nova maneira de inculcar nas crianças esses princípios cristãos, dando prosseguimento ao projeto que idealizou. Com a ajuda da Pia União das Filhas de Maria, a catequese propagou-se rapidamente, as crianças foram convocadas e divididas em turmas.

Dai, pode-se perceber que, quando há boa vontade, determinação e o amor ao próximo, tudo se torna mais fácil, pois, segundo Jo. 4,16: "Des é amor. Quem vive o amor, vive em Deus e Deus permanece nele ou nela".

Desta forma, tudo o que Padre Odécio planejava, tinha Deus como mediador, cuja força facilitava seu trabalho e produzia frutos eficazes.

Padre Odécio lidava com as próprias reações, e partilhando suas experiências com os paroquianos, buscava assessoria profissional e aconselhamento com aqueles mais experientes e conhecedores do meio.

Para que uma comunidade seja sinal de vida nova é preciso ter no leme pessoa de caráter, que esteja disposto a arregaçar as mangas e contribuir para a busca de soluções. Nos Atos dos Apóstolos, Lucas propôs um modelo de quatro colunas ou pontos básicos quando diz: "Eles perseveram no ensinamento dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão, e nas orações". (At 2,42).

Na realidade, Padre Odécio, de vez em quando, afastava-se do trabalho, para atender as necessidades espirituais, em consonância com os amigos mais próximos. A autoridade dos apóstolos não vem

da tradição ou da raça, nem da força ou do poder, nem de curso ou diploma, mas da fé, dos sinais realizados na comunidade. Padre. Odécio segue o testemunho dos apóstolos, mantidos pela força missionária, pela experiência de vida, pela coragem e pelo desejo de atrair as crianças para a oração, a comunhão e o conhecimento da Palavra de Deus. Padre Odécio assumiu sua paróquia já sabendo do trabalho que lhe custava, mas que valia a pena enfrentá-lo.

Assumiu as mais desafiadoras realidades daquela cultura da época, já tão entranhada na vida dos paroquianos que até então se encontravam distantes da igreja. Como fruto de sua presença atenta e portadora de esperanças, mesmo com sacrifício pessoal e através da voz poderosa de Cristo, chefe da igreja, Padre Odécio conseguiu tornar a vida de seus paroquianos mais fiel ao chamado de Deus, onde tivessem a oportunidade de viver com dignidade e sabedoria religiosa.

Como falou em Jo. 1,9 "Buscamos ser a luz que ilumina o seu caminho até a luz de Cristo". Entretanto, os desafios enfrentados eram aqueles vividos por um povo marcado pela ignorância religiosa e que precisava de alguém que o ouvisse, questionasse, e com ele rezasse e olhasse o mundo através de seus costumes e tradições.

Padre Odécio procurou despertar nos corações daqueles cristãos a consciência de que estavam sendo convocados a acolher a Palavra da Salvação até que de todos pudesse surgir e crescer em comu-

nhão com Deus e os irmãos. Seu trabalho catequético foi tão bem organizado, sem falhas, num compromisso ético, firme e decisivo em prol do crescimento educacional e religioso das crianças, que se mantinham no catecismo até a conclusão do 3° Catecismo da Doutrina Cristã.

Observa-se que aquelas catequistas demonstravam um grande interesse nesta colaboração, dedicando-se de coração aberto ás crianças a elas confiadas. A doutrina resumida era transmitida pelas catequistas, até que todas as crianças aprendessem de cor e sem cometer nenhuma falha: Pai Nosso, Ave Maria, Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, Ato de Contrição, Credo, Salve Rainha e Eu Pecador.

Somente depois de aprender todas essas orações era que as crianças estariam aptas aos Sacramentos da Confissão e da Eucaristia.

A partir daí, as aulas de catecismo prosseguiam com o 1°, o 2° e até o 3° catecismo. Aquelas perguntas eram transformadas em lições que eram decoradas e respondidas pelos alunos, perante as catequistas. Para gerar mais incentivos, aqueles alunos mais aplicados, recebiam das catequistas, a cada aula, um pequeno cartão colorido, denominado bom-ponto, que servia como prêmio de aplicação. Para as crianças, aqueles cartõezinhos tinham valores inexplicáveis, pois cada aluno procurava estudar mais, a fim de conseguir maior número de cartões.

Assim, nem faltavam às aulas, e aprendiam bem as suas lições, para que recebessem seus prêmios de assiduidade e de bom aluno. Essas e outras eram táticas usadas por Padre. Odécio para levar a catequese à sua plenitude.

As aulas eram ministradas nos dias da semana: quinta-feira e domingo, das 3 às 4 horas da tarde, encerrando-se como uma visita ao SS. Sacramento, na Igreja Matriz, por todos os grupos e catequistas da sede.

Foi nessa perspectiva cristã e corajosa que a ideia do nosso pároco germinou e prosseguiu determinada por Deus, para que pudesse expressar sua convicção de que ele deveria trabalhar também com as crianças da zona rural, tão desprovidas da oportunidade de uma educação religiosa, da qual ninguém haveria se preocupado ainda. Foi com esse pensamento que difundiu a catequese em todos os ângulos da paróquia, mesmo nos mais distantes.

Enquanto isso orientava as catequistas como deveriam trabalhar com as crianças, reunindo-as em grupos e orientando-as da melhor maneira possível.

Aqui na sede ele dava assistência, fiscalizava, organizava, corrigia deficiências, exigia atenção, frequência e por ocasião das visitas das crianças ao SS. Sacramento, ele fazia-se presente, para em seguida, falar com elas e ensinar a todos os cantos religiosos, até que as

crianças e as catequistas memorizassem, pois na época não existia acompanhamento de instrumento musical.

Naquela época, Padre Odécio ainda não era proprietário de transporte e sua única condução era um cavalo de sela no qual ele percorria todos os recantos da paróquia. Nessa mesma montaria, ele atendia confissões de pessoas enfermas, angariava recursos, para construir capelas, escolas, subsídios para a Igreja Matriz e ainda coordenava as terras que pertenciam ao patrimônio de N. S. da Conceição, que era de sua responsabilidade, a qual sempre zelou e protegeu contra os invasores.

As catequistas da sede, todas as segundas feiras, recebiam aulas de religião ministradas pelo próprio vigário, no horário das 2 às 3 horas da tarde, num salão da Igreja Matriz, localizado acima da sacristia. Além do catecismo grande como era chamado, o vigário pesquisava e planejava umas aulas referentes aos dados fundamentais para repassar às catequistas, bem como os sacramentos, os objetos pertencentes à igreja e o significado de cada um.

Incluía os valores dos paramentos usados pelo Padre, como roquete, (tipos de velas,) turíbulo (vaso onde se queima o incenso nos templos) estola, patena (disco de metal dourado para cobrir o cálice e receber a hóstia) alva e outros, importantes para os exercícios e de

valiosas instruções, que serviam de base para uso dos sacerdotes na igreja.

Padre Odécio não media esforços, nem somava horas trabalhadas, pois tudo era feito com a intenção de agradar a Deus e a seus paroquianos. E graças à sua atuação, o povo católico via a paróquia caminhando em plenitude, atualizando-se sempre mais e buscando saídas para suas pastorais.

Para ampliar o brilho das missas, ele organizou um coral religioso, composto por cantoras selecionadas e responsáveis, bastante pontuais, as quais tinham o acompanhamento musical de um harmônio (órgão, no qual os tubos são substituídos por palhetas livres), sobre o comando do harmonista Joca Lopes (in memoriam).

Os cantos eram adquiridos pelo padre e transmitidos às cantoras através do harmônio. Nas visitas pastorais, ele acionava catequistas, associações religiosas, professoras e o povo em geral, para os preparativos, as recepções e as mensagens prestadas, mas tudo comandado por ele.

Nas conferências do Santo Crisma, que geralmente tinham a presença do Bispo Diocesano e de alguns sacerdotes que o acompanhavam, Padre Odécio cuidava da hospedagem, que quase sempre era numa casa de sua propriedade vizinha à Casa Paroquial.

Para o exercício do Sacramento do Crisma, concedido às crianças e jovens, ele convocava as catequistas, professoras de sua inteira confiança, que ficavam de plantão o dia todo nas janelas da Casa Paroquial, para notificar os crismados e padrinhos que iam sendo conferido na Igreja Matriz pelo Bispo.

Como catequista e professora, naquela época sempre fiz parte deste contexto juntamente com minha colega Inês Edite Araújo (in memoriam), que também era professora e catequista.

Era humanamente visível a força de vontade com que o bom sacerdote desenvolvia seu trabalho pastoral, sem se apoiar nas pessoas, quando ele sozinho era capaz de fazer. Essa experiência mostrava-lhe o ideal da Igreja e o projeto de uma nova sociedade na qual ele estava inserido.

Naquela época, a Igreja não tinha o suporte de grupos como tem hoje, portanto, tudo era organizado pelo Padre, o que fazia com bastante gosto sem reclamar, sem demonstrar cansaço.

Os caminhos de abertura para a catequese não deixaram Mons. Odécio abatido, pois a marcha prosseguia em ritmo acelerado tendo a catequese como um ponto fundamental e indiscutível da doutrina religiosa, concedido às crianças e jovens, o que lhe deixava feliz.

Vendo realizado o ensino religioso na sede, mais um leque se abre para a catequese da zona rural, o que exigia mais esforço e una-

nimidade em torno desta cultura cristã. Precisava ver uma catequese arraigada na sua fé e missão, para que assegurada na sua jornada, pudesse se expandir e dar testemunho de sua Evangelização através dos ensinamentos da Doutrina Cristã.

CATEQUESE, UM DOGMA DE FÉ E DOAÇÃO

> *"Pois eu te digo, que tu és Pedro e sobre esta pedra construirei minha igreja e o império da morte não a vencerá".*
>
> (Mt 16-18).

Quando Padre Odécio chegou a essa terra e conheceu a sua paróquia, logo manifestou o desejo de continuar a missão deixada por Cristo, levar o Evangelho a todas as criaturas. Evangelizar era sua missão, sua razão de ser. Mas, para isso, ele precisava de colaboradores que eram os catequistas. Foi necessário convocar voluntários para essa missão. Ele sabia que o Espírito Santo era quem fortalecia e impulsionava esse valioso trabalho.

Segundo o Vaticano II, "toda a Igreja é missionária e a obra da evangelização é um dever fundamental do povo de Deus". O catequista tem autoridade para evangelizar porque participa da missão da Igreja, dada por Jesus e movida pelo Espírito Santo. Mas essa autoridade não significa oprimir nem impor através de ameaças e repressões, porque este tipo de poder não foi transmitido por Jesus a seus seguidores.

(Jc. 22.24-27).

Ao convocar os catequistas para o trabalho catequético, Padre Odécio deixava claro que a missão do catequista era receber o poder de servir os outros como irmãos e não de dominá-los. O catequista partilha a fé, com outras pessoas, considerando-as como irmãs, em caminhada de fé. A atividade do catequista é compromisso de comunhão e de ação na comunidade eclesial.

Nas aulas de religião que Padre Odécio transmitia para catequistas, ele comentava. "O catecismo não fala em nome próprio, mas em nome da igreja da sua comunidade cristã. Ele é convidado a estar sempre unido à caminhada da Igreja, dando testemunho de vida. Ao viver aquilo que ensina, o catequista se torna um Evangelho vivo, mostrando que a fé não é algo que se impõe, mas que se abraça livremente, com alegria".

A catequese é uma autoridade concedida pelo Espírito Santo, que nasce da capacidade de escutar a Palavra e vivê-la no amor a Deus e aos irmãos. A catequese tem o papel de ajudar a comunidade a participar melhor e a vivenciar a fé no dia a dia da vida de cada cristão.

O educador católico é o que exerce a sua missão na igreja, vivendo na fé a sua vocação, dentro da estrutura comunitária da catequese, ponto fundamental e indiscutível da doutrina religiosa. A catequese é um projeto apostólico, inspirado na fé, e compreende a transmissão da cultura, a prática de uma pedagogia de contato direto e pessoal com as crianças.

O catequista deve estar convencido de que participa da missão santificadora da religião cristã. O leigo católico é testemunha da fé na Escola.

Padre Odécio foi um amante fiel da catequese, portanto sua preocupação constante foi disseminar a Educação Religiosa, como um sinal do reino de Deus.

Para ele, as crianças são herdeiras do Reino de Deus e dos páramos eternos, o que há de mais amável e de mais belo sobre a terra.

Segundo Santo Agostinho, a criança é a criatura visível e mais perfeita; é o "maior milagre de Deus".

Para Padre Odécio a criança é o campo que Deus nos deu para cultivar; é um tenro rebento, uma planta frágil, mas que um dia será grande árvore produzindo frutos de virtudes, e projetando ao longo sua sombra gloriosa. Ele sempre soube que o sacerdote representa a Igreja que recebeu do Divino Salvador missão de educadora dos povos (Mt 28, 19-20).. Além de seu múnus função de mestra, a Igreja tem o

direito de controlar o ensino religioso e moral ministrado pela família e pelo catequista.

Como semeador persistente e movido pela missão que lhe foi confiada, Monsenhor Odécio sempre acreditou que seu trabalho em prol da catequese despertava nas crianças o desejo de conhecer a verdade e os valores de Cristo, pois se a criança é motivada em tudo o que realiza, aprende a ser confiante e determinada e se interessa mais pela aprendizagem da Doutrina Cristã.

No catecismo, a criança vai conhecendo aos poucos o significado do ensino religioso, que se faz presente na vida humana, e compreendendo o mistério divino. E foi sob esse prisma, que nosso primeiro pároco, tão logo assumiu seu ministério, procurou disseminar a catequese por todas as cercanias da Paróquia, desde o centro até as comunidades mais humildes.

A perfeição não consiste na multiplicidade das coisas feitas, mas no fato de serem bem feitas. É no decorrer das aulas de religião que as crianças vão adquirindo conhecimentos atinentes à missão de conduzir as pessoas à profissão na fé em Cristo.

É com base nessa afirmação que algumas crianças sentem o chamado de Deus para ingressarem na vida religiosa e descobrem sua vocação.

Foi na catequese que Padre Odécio recebeu os primeiros ensinamentos religiosos, ajudado pelos pais, o que o incentivou a seguir a vida religiosa e abraçar a missão que assumiu desde os seus 25 anos até o dia em que partiu.

A CATEQUESE NA ZONA RURAL DA PARÓQUIA DE BELA CRUZ

> *"Anunciar não a si mesmo, mas Jesus Cristo, a sua vida e a sua prática, o que Ele fez e o que Ele disse. É preciso que Cristo seja anunciado", afirma São Paulo* (Fil. 1,18).

"Sede bondosos com as crianças mais pobres, as mais ignorantes e as menos dotadas; fazei-lhes perguntas e tratai de demonstrar-lhes em todo o momento que as apreciais e as quereis tanto mais quanto mais carentes se acham dos bens da fortuna e da natureza" (CHAMPAGNAT, 1997).

A instrução religiosa é a crença na existência de forças sobrenaturais, a manifestação desta crença pela doutrina cristã. A dura realidade em que viviam tantas crianças e jovens da zona rural, naquela época, convocava às pessoas de fé a uma luta diária pela melhoria de

vida religiosa sólida, com aberta aos outros, trabalhando e rezando juntos.

Logo nas primeiras visitas feitas por Padre Odécio àquelas comunidades rurais, era possível detectar que as famílias residentes alí viviam à margem da evangelização, sem um ambiente educativo religioso, sem Deus. A maioria das crianças e adolescentes, desde cedo, eram habituados ao trabalho árduo do campo e, portanto, cresciam desprovidas da oportunidade de uma formação religiosa da qual ninguém ali se ocupava.

Atento à vontade de Deus, que se manifestava sempre nas circunstâncias da sua vida, Padre Odécio refletiu sobre a frase do salmo "se o senhor não constrói a casa em vão trabalham os operários". Confiando no êxito do seu apostolado à Santíssima Virgem, que tudo faz por nós, ele fez suas as palavras de Jesus: "Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás serve para o Reino de Deus" (Lu 9-62).

Padre Odécio, presenciando o isolamento e a pobreza cultural do povo da região rural, sentiu-se penalizado e logo pensou numa saída: mudar a mentalidade daquelas famílias, através da catequese, naquele meio. Observou que mesmo aquelas com maior poder aquisitivo criavam os filhos analfabetos e sem nenhuma instrução religiosa.

Adultos feitos, ao procurarem o sacramento do Matrimônio, muitos deles eram impedidos pelo vigário de Acaraú, por não saberem

a doutrina exigida para a confissão, pois quase sempre aquela era a primeira vez que se aproximavam de um sacerdote para receber os sacramentos da Penitência e da Eucaristia.

Revoltados com a decisão do Padre, o casal se unia sem as bênçãos de Deus e a partir dali uma nova família ia se formando, sem conhecer a vida cristã.

Com a fundação do Apostolado da Oração, em 1942, Padre Odécio exigiu que todas as zeladoras residentes na zona rural se tornassem catequistas, para levar às crianças e jovens da sua comunidade os ensinamentos da Doutrina Cristã.

Minha mãe, Francisca Júlia, foi uma das zeladoras que, por algum tempo, ocupou-se dessa missão, ensinando às crianças e jovens os rudimentos do catecismo. Para isso, ela se esforçava bastante. Responsável pela função que lhe foi conferida, ela lecionava na própria residência na localidade de Lagoa Seca – Bela Cruz. Munida de boa vontade, ela percorreu os arredores locais, conseguindo alcançar um elevado número de crianças, adolescentes e jovens sem nenhum princípio religioso.

Sozinha, ela organizava as turmas, ensinava a doutrina conforme as normas ditadas pelo Padre. Era um trabalho desafiante, mas minha mãe o desenvolvia com muita satisfação, pois já podia contar

com minha ajuda. Aos 9 a10 anos de idade, sentia-me preparada para auxiliá-la no ensino do catecismo de perseverança.

Após um período de preparação, todos os alunos eram encaminhados à capela de São João Batista na comunidade de Tapera, a 8 quilômetros de distância, para serem atendidas em confissão. Encerradas as confissões, todos voltavam para suas casas e na manhã seguinte, às 7 horas da manhã, estavam de volta à Igrejinha para receberem a Santa da Comunhão. Tinham como assessora minha mãe e Padre Odécio como dirigente de tudo.

O atendimento era um tanto difícil, porque as crianças residiam um pouco afastado umas das outras, não tinham transporte e tinham que sair de casa antes do amanhecer. Portanto, a maioria vinha acompanhada pelos pais, ou pelos irmãos mais velhos, até a residência de minha mãe, ponto de partida para a caminhada longa, pois deveriam atravessar o Rio Acaraú, que às vezes ainda continha água corrente. Algumas crianças menores eram transportadas pelos pais ou adultos, para evitar que molhassem as roupas ou caíssem na água. Lá Padre Odécio os aguardava com alegria.

Anos depois, minha mãe veio residir em Bela Cruz e as crianças ficaram sem o ensino do catecismo, até que outra pessoa assumiu a catequese, em seu lugar.

Diz um provérbio grego, que "a persistência é uma árvore de raiz amarga, mas de frutos doces".

Acreditando na força divina, Padre Odécio procurou difundir o movimento catequético não só na comunidade de Lagoa Seca, mas também em todas as capelas que ele ia construindo, preparando crianças para a primeira Eucaristia e formando catequistas com o objetivo de fortalecer a fé e tornar as crianças pessoas melhores.

Com a criação da catequese foram erigidas capelas e casas paroquiais nas comunidades. Foi tão intenso o trabalho do sacerdote, que na sua vida pastoral foram fundadas várias Associações, a fim de tornar o ensino religioso mais extenso e acessível a todos os paroquianos.

Disso tudo, pode-se observar que o progresso de Bela Cruz aconteceu com a autêntica participação de Padre Odécio que sempre trabalhou com afinco para ver os seus paroquianos satisfeitos, colhendo os frutos das ações, atitudes concretas, assumidas pelo Pároco.

Na voragem do tempo, ele ia planejando cuidadosamente e, com seu zelo apostólico e educacional, conversava com as famílias e ia colocando nos lugarejos mais afastados escolinhas particulares para ensinar às crianças e jovens os rudimentos da religião, leitura e escrita. Ali, ele mantinha professoras, de preferência parentes daquelas famílias, para que melhor se adaptassem. A pequena remuneração mensal era feita pela paróquia por meio dele.

Eu mesma lecionei na residência do Sr. Manuel Lúcio, na localidade de Correguinho – Bela Cruz, por um período de três anos. As aulas eram ministradas na parte da manhã e o catecismo na parte da tarde. Como eu era sozinha, ensinava as crianças menores às segundas e quartas-feiras, e as maiores, as terças e quintas-feiras.

As turmas eram colocadas em bancos e eu ficava à frente delas, rezando e elas repetindo comigo, até aprenderem de cor, desde o Sinal da Cruz até a Salve Rainha, doutrina exigida pelo Padre, para que os alunos se preparassem para receber a Primeira Eucaristia. No momento da confissão, se alguém titubeasse em algumas das orações, não havia confissão. Precisavam memorizar para não esquecer.

Nos finais de ano, Padre Odécio comparecia ali. Todas as turmas se reuniam e recebiam dele instruções valiosas a respeito do significado da Confissão e da Comunhão. Passava à tarde com as crianças e os jovens, ensinando cantos para a Missa e só voltava à tardinha quando todos cantassem sozinhos.

Dá para perceber, o quanto ele se esforçava para ver seu desejo realizado. Em contato com as crianças, ele marcava a data da Páscoa e no dia determinado ele chagava pela manhã, passava o dia todo fazendo confissões naquela residência, almoçava, descansava um pouco e prosseguia na parte da tarde, confessando jovens e adultos que desejassem ser atendidos em confissão. Como naquela época usava-se o

confessionário (móvel onde o padre se assentava para as confissões) eu me responsabilizava para a improvisação de um e ali juntinho, sentado numa cadeira comum, Padre Odécio ficava atendendo o dia todo, e só à tarde regressava à sua residência, a 8 quilômetros de distância, voltando no dia seguinte a cavalo para a Santa Missa.

Assim, na manhã seguinte, o povo juntamente comigo, erguíamos um belo altar muito bem ornamentado, debaixo de um frondoso cajueiro ao lado da residência, e ali era celebrada uma missa, diante de uma multidão de fieis maravilhados com aquela ocorrência religiosa.

Ao enfrentar esses desafios, Padre Odécio fazia dele o pensamento de Santa Terezinha do Menino Jesus: "Não me deixo abater, porque não espero, nesta terra, nenhuma retribuição. É pelo bom Deus que faço tudo".

Naquele primeiro ano de catequese, em Correguinho, aconteceu a 1ª Eucaristia, de um elevado número de pessoas entre: crianças, jovens e adultos de ambos os sexos.

Entre eles estavam casais juntos, sem o Matrimônio, os quais tiveram que se manter separados por um período de oito dias, para em seguida serem encaminhados à Igreja Matriz, para receberem o Sacramento do Matrimônio, como presente do sacerdote.

Entre as crianças, adolescentes e adultos, estavam incluídas oito prostitutas, que há um tempo viviam no meretrício, mas que frequentaram o catecismo aprenderam a doutrina exigida e resolveram receber os sacramentos da Penitência e da Eucaristia, prometendo abandonar a prostituição. A decisão delas não foi em vão, pois algumas se casaram depois e viveram felizes.

Portador de um espirito missionário, Padre Odécio foi percebendo que sua missão não era apenas ensinar a Doutrina Cristã às crianças e aos jovens, mas levar o Evangelho de Cristo às famílias. Ele reconheceu que as famílias católicas precisavam de alguém que lhes despertassem a consciência de que a vida precisa ser coerente com a Palavra de Deus. Segundo Lc. 8,16 "ninguém acende uma lâmpada e a cobre com um vaso ou a põe debaixo da cama; mas a põe sobre um castiçal, para iluminar os que entram".

Para que a força transformadora do Evangelho seja manifesta na ação de todos os cristãos, principalmente na superação da ignorância religiosa, é fundamental um trabalho sério e abrangente que envolva todas as famílias e paroquianos em geral.

CRIAÇÃO DE CAPELAS NAS COMUNIDADES ADJACENTES

> Jesus fixando seu olhar disse: *"Tu és Simão Pedro, filho de João, chamar-te-ás Céfas que quer dizer pedra"* (Jo. 1, 42).

É impossível pensar sobre Padre Odécio sem ter presentes as comunidades organizadas por ele e que surgiram como consequência e resposta à sua dedicação. Nem é possível dizer com exatidão quantas comunidades ele fundou, reunindo pessoas nas casas (igrejas domésticas). Nos pequenos povoados, e até mesmo em fazendas mais populares, Padre Odécio construiu capelas, centros catequéticos, e dentro de um curto período, oito capelas foram edificadas, todas com dimensões suficientes para o atendimento aos fieis.

Logo em 29 de junho de 1943, inaugurou a capela de São Pedro, no povoado de Lagoa do Carneiro, hoje pertencente a Paróquia de Acaraú.

No povoado de Matriz inaugurou, a 04 de outubro de 1945, a Capela de São Francisco.

No povoado de São Gonçalo, foi inaugurada a Capela de Santo Antônio, a 02 de outubro de 1961.

Inaugurou a Capela de São Miguel, no povoado de Riacho da Prata, em 12 de novembro de 1961.

No povoado de Cajueirinho, a 14 de novembro de 1965, a Capela de São José.

Inaugurou a Capela de N. Sra. De Fátima no povoado de Correguinho, a 18 de novembro de 1966.

A 02 de agosto de 1970, foi inaugurada a Capela de São João Batista no povoado de Celsolândia. Essa capela havia sido construída m 1902, por um habitante do povoado de Tapera. Foi demolida pelo Vigário e reconstruída em outro povoado.

Em 02 de julho de 1978, inaugurou a Capela de N. Sra. do Perpetuo Socorro na localidade de Araticuns.

E foi assim que, dentro de um certo espaço de tempo, foram construídas essas capelas, sendo que, atualmente duas delas foram cedidas a outras paroquias.

Boa parte dessas capelas foi construída em momentos difíceis. Para angariar recursos, o Padre organizava leilões naquelas comunidades, adquiria doações de pessoas de boa vontade e, ao lado do povo, em período determinado, tudo estava pronto para ser inaugurado, inclusive as imagens padroeiras.

Com a criação da Paróquia, a catequese floresceu, dada a convivência vivida entre catequista e o Padre, que com seu zelo apostólico, também ensinava a rezar e a viver o Evangelho de Cristo no cotidiano. Naqueles lugares mais afastados, o catecismo era ensinado não só às crianças, mas também aos jovens e adultos, que não tiveram oportunidade de aprender quando crianças.

A fonte de sua energia apostólica era sua inabalável confiança em Deus e na Virgem Maria. Padre Odécio sempre foi um homem empreendedor, realista e pragmático, sendo crítico e determinado em suas decisões, para resolver problemas, como se pode constatar nos seus esforços na obtenção do que desejava. Seu louvável trabalho em prol do progresso de Bela Cruz foi bastante compensado com resultados satisfatórios.

Até aí tudo ia bem, mas a educação deixava a desejar. Havia apenas duas escolas: uma funcionava na igrejinha de São Vicente de Paulo e era mantida pela Conferência Vicentina com apenas duas professoras leigas: Angélica Lopes e Aldenora Pinto. A outra, denominada "Escolas Reunidas de Bela Cruz", por ato datado de 13 de setembro de 1942, do Dr. Francisco de Menezes Pimentel, então interventor do Ceará, era mantida pelo Governo do Estado, mas funcionava numa casa residencial alugada pelo Estado. Era dirigida pela professora Maria Florinda dos Santos, auxiliada por três professoras do Estado e

algumas do Município, como eu, Hortênsia e Ivonilde Carvalho, fazíamos parte dela.

Com a marcha do tempo, Bela Cruz foi progredindo, como foi evoluindo a mentalidade de seu povo e aumentando a população, exigindo assim mais estabelecimentos de ensino. Graças ao trabalho e à obstinação de seu Pároco, em 1947, ele entregou à juventude belacruzense o "Instituto Imaculada Conceição", com sede própria, dirigido pela Educadora Ceci Regino Holanda, que residia em Fortaleza, juntamente com outras professoras, como: Maria Jacira Moura, Maria do Perpetuo Socorro Carvalho, Maria Inês de Carvalho, Joaninha Carvalhedo Sampaio e Maria Antonieta Moura. Este estabelecimento foi o primeiro a conferir Certificado de Curso Primário, nesta comunidade.

REFORMA DA IGREJA MATRIZ DE BELA CRUZ

> *"Pois eu ti digo que, tu és Pedro e sobre esta pedra construirei a minha Igreja e o império da morte não vencerá"* (Mt 16-18).

As raízes de uma renovada compreensão pastoral na missão do Evangelho com suas expressões concretas de ação e trabalho missionário eram conservadas por Padre Odécio, na visão que a Igreja tem

da importância no seu papel. Criada a Paróquia de Bela Cruz, logo em 1945, ele deu início a uma total reforma da Igreja, já então na categoria de Matriz de N.S. da Conceição.

Conforme a elaboração da planta, os trabalhos foram orientados pelo arquiteto Italiano Agostinho Odisio Baume, sob a supervisão de Padre Odécio que demonstrou o maior empenho pela perfeição da obra. Foi um trabalho longo e dispendioso, que chamava a atenção dos que presenciavam, pois se via estampado no rosto do Vigário grande satisfação. Embora a obra, encabeçada por ele, estivesse exigindo uma grande responsabilidade, nada lhe deixada desanimado, pois logo cedo estava entre os trabalhadores, ajudando e orientando-os.

Assim, depois de três anos de laborioso trabalho, a paróquia de Bela Cruz possuía um dos templos mais belos e mais bem edificados do Ceará. A Igreja Matriz, construída em 1894 pelo padre Francisco Teótimo de Maria Vasconcelos, coadjutor do vigário de Santana, cuja área media cento e vinte palmos de comprimento por cinquenta de largura ou seja seis mil palmos quadrados, agora sua área reconstruída mede 1980 m² com 750 m² de área coberta construída em forma de cruz, tendo agora sua frente voltada para o lado oeste.

Sua torre mede 35 metros de altura, encimada por uma estátua da Virgem da Conceição, medindo 3 metros, uma autêntica obra de arte.

A construção da Matriz obedeceu ao estilo moderno de prédios desta natureza. O teto com seu forro colorido contendo uma bela decoração artística, bem como, anjinhos, desenhos e uma estátua de N. Senhora, colada bem centro do forro da igreja.

O altar-mor e todo o interior da Matriz revelam o bom gosto e os cuidados com que a obra foi executada. As solenidades de bênçãos do imponente tempo aconteceu, a 21 de setembro de 1948, oficiada por Mons. Olavo Passos, então Vigário Geral da Diocese de Sobral. A missa solene comemorativa daquele evento religioso teve a participação dos seguintes sacerdotes: Monsenhores Odécio Loiola Sampaio e Gerardo Ferreira Gomes; Cônego Joviniano Loiola Sampaio, Mons. José Aluísio Pinto, Pe. Egberto Andrade, Pe. Expedito Silveira de Sousa, Pe. José Aristides Cardoso, Mons. José Osmar Carneiro, Pe. Cauby Jardim Pontes e foi assistida por milhares de fiéis belacruzenses.

Anos depois, Padre Odécio adquiriu ventiladores, um magnífico serviço de som, com possantes autofalantes, para a transmissão de solenidades e noticias do interesse da Paróquia e da comunidade.

Para Padre Odécio, aquela Igreja Matriz era seu lar, resultado do seu esforço, do seu trabalho e era lá que ele desabafava com Deus suas mágoas e dissabores, enquanto implorava da Virgem Santíssima as forças necessárias para o bom desempenho do seu paroquiato. Ele

se sentia convocado a ser luz para dissipar os entraves ocasionados pelas pedras encontradas no seu caminho. Era visível sua satisfação ao entrar naquele templo sagrado, ao desenvolver suas atividades sacerdotais. Ali estavam suas ideias, opiniões, projetos e desafios. Tudo o que idealizava era de coração aberto, de alma fortalecida, procurando o êxito para sua caminhada e doando-se ao máximo para ver concretizado os seus anseios.

Padre Odécio jamais se deixou abater pela vaidade ou pela cobiça, mas tudo o que estava sob sua responsabilidade procurava administrar com exatidão, como se pertencesse a ele. Não era oportunista, nem tirava proveito do que não lhe cabia, mas não costumava desperdiçar, pois aquilo que era aproveitável não jogava fora, principalmente seus bens pessoais, e os da Paróquia.

Por um espaço de mais de 50 anos, ele teve à frente de uma Paróquia extensa e, por vezes, problemática, pois apesar de seus paroquianos o amarem bastante, entre eles havia aqueles maldosos, desprovidos de boa fé que, talvez por ignorância e estupidez, visavam o Vigário para soltar sobre ele, seu veneno maléfico, desleal. Senhores ignorantes, que desconheciam as leis religiosas, revoltavam-se contra o Padre por se recusar a batizar filhos deles com prostitutas. Abandonavam as esposas e passavam a conviver com outras mulheres e tentavam foçar o sacerdote a batizar os filhos.

Se o Padre se omitia a isso, era por ordem do Bispo, seu chefe diocesano, a quem ele devia obedecer. Muitos senhores, embora reconhecessem que estavam errados, mas usando de suas blasfêmias, passavam a odiar o Padre, falar mal dele, caluniá-lo, ofendendo com palavras indecorosas, obscenas, esquecendo que o sacerdote é um ministro de Cristo, portanto, merece respeito e consideração.

Havia outros que se achavam no direito de utilizar os terrenos pertencentes à Paróquia, como se fossem proprietários. Como o Padre não lhes concedia esse direito, o chamavam de ladrão, ganancioso, ambicioso. Sabemos que naquela época, os Bispos entregavam aos Párocos toda a responsabilidade do patrimônio das paróquias. Portanto, cabia ao Padre Odécio zelar por ele e não aceitar que alguém se apoderasse, usufruindo de terrenos, vazantes, carnaubal, sem rendas ou aforamentos.

Diante de ameaças e palavrões, Padre Odécio não abria mão de seus deveres. Não o fazia por ganância ou ambição, como falavam, mas, porque aquele patrimônio havia sido confiado a ele. Portanto, agia por honestidade. Como um pároco responsável e vigilante, estava sempre de olho nos bens da Paróquia.

O padre é comparado a um pastor de um grande rebanho. Além de cuidar dele e protegê-lo, não tem o direito de vender nenhuma ove-

lha ou abatê-la para seu consumo. Se desobedecer ao patrão merece ser expulso de seu trabalho.

Padre Odécio recebia ofensas, mas perseverava nas suas obrigações de Pároco, zelando o patrimônio e cuidando da sua igreja, aquele templo que ele construiu com tanto desvelo e amor. Como pastor autêntico e comprometido com a Igreja de Cristo, Padre Odécio, defendeu sua Igreja até os últimos dias de seu paroquiato, sempre tentando separar o joio do trigo, com responsabilidade e justiça. Ao entregar a Paróquia, ele via ali os sinais da sua sintonia com o projeto de Evangelização, pois evangelizar era sua missão, sua razão de ser e o Espirito Santo o fortalecia e impulsionava esse grande trabalho.

Segundo o Concílio Vaticano II "toda a Igreja é missionária e a obra da evangelização é um dever fundamental do povo de Deus".

Padre Odécio foi um arauto do Senhor, com o objetivo de resgatar aquelas pessoas que insistiam em se manterem afastadas da Igreja. Na sua linguagem corajosa e arrojada se baseava na Palavra e Deus para trazer à mansão do Cristo aquelas almas túbias. Foi para este fim que ele construiu aquele templo, porque para ele, a Igreja é a comunidade dos seguidores de Jesus, que receberam o Batismo. Nos seus 54 anos de paroquiato, tudo fez para que sua Igreja fosse admirada e participada por todos os seus paroquianos, até mesmo aqueles por que se encontram residindo fora da sua terra natal.

Para os filhos de Bela Cruz, a Igreja Matriz é considerada um hino de fé e de amor, dado o seu significado religioso e cultural.

A Igreja proclama a misericórdia de Deus, quando diz: trazeme aqueles que ainda não me conhecem e nos quais pensei na minha amarga Paixão. Mergulha-os no mar da minha misericórdia (D. 12-16)

Daí pode-se comprovar o quanto a Igreja é missionária e deseja que os católicos façam dela a mansão permanente no coração compassivo do Cristo.

De acordo com as palavras do primo e conterrâneo José Lopes Vasconcelos, jornalista e filho desta terra abençoada por Deus: "quando criança, juntamente com meus amigos, olhávamos fascinados para a Igreja Matriz de Bela Cruz, e víamos naquele majestoso templo consagrado à N. Senhora da Conceição, a mais bonita construção, o mais belo prédio da nossa terra e por conseguinte do nosso pequeno mundo". (VASCONCELOS, 2007).

Na realidade, corroboro com ele, pois nenhum, porém, me tocou tanto e tão profundo em fé e veneração, quanto aquele suntuoso templo. Sempre que ouço o badalar dos sinos, no alto da torre da Igreja Matriz, fecho os olhos e vejo na minha imaginação, Padre Odécio com seus livros de orações, dirigindo-se à Igreja, para celebrar a Santa Missa, para os seus paroquianos.

PATRIMÔNIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE BELA CRUZ

"Eu te darei as chaves do Reino dos Céus. Tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus"

(Mt. 16,19).

Abastados fazendeiros criadores de gado, mas portadores de acrisolados sentimentos cristãos, os proprietários Domingos Aguiar de Oliveira e Nicolau da Costa Peixoto, foram os doadores da terra e do gado para a construção do Patrimônio da capela de N. S. da Conceição padroeira de Santa Cruz, hoje Bela Cruz.

O referido patrimônio constava de meia légua de terra, além de quarenta vacas e seis éguas. Portanto, um dos mais valiosos desta região.

A escritura foi repassada a 12 de setembro de 1732, pelo tabelião Manoel de Araújo Ferreira que veio de Fortaleza ao sítio Santa Cruz da Ribeira de Acaraú, termo da vila de Fortaleza de N. S. da Assunção, capitania do Ciará Grande. Este documento foi julgado por titulo canônico pelo Padre visitador José Ferreira de Azevedo que logo providenciou a construção da capela-mor da igreja que ameaçava ruir.

Durante o período de 1825 a 1935, o patrimônio foi administrado por fabriqueiros nomeados pelos provedores de capelas até 1917, quando passaram a ser nomeados pelo Senhor Bispo Diocesano.

Ao longo desses 110 anos, exerceram o cargo de fabriqueiro em Santa Cruz, vários cidadãos, inclusive meu avô paterno José Lopes da Silveira. Só a partir de 1935, a administração do patrimônio passou a ser exercida pelos vigários das paroquias em Acaraú e em Bela Cruz.

É imperioso afirmar que o sacerdote numa Paróquia serve a humanidade, acompanhando vigilante a sua maioria, zelando e salvaguardando os seus distritos fazendo-se arauto e pioneiro da organização social, pública e religiosa protegendo-a do transe, apregoando o direito e a dignidade, ministrando-lhe os valores, a fim de que ela não resvale para a desordem e a decadência.

Ao Pároco cabe cuidar do patrimônio da Paróquia, zelando pelos que lhe pertencem e que ao Padre foi confiado. Na Paróquia de Bela Cruz coube ao vigário, duplo oficio: a cura das almas e a administração do patrimônio da Padroeira. Ali ele viu, sentiu e viveu dias de glórias e dissabores também. Com as rendas do patrimônio, ele construiu a Igreja Matriz, este suntuoso templo, que tanto admiramos; o Instituto Imaculada Conceição, sem nenhum ônus do povo e colaborou para a construção das capelas.

"Era a mãe alimentando com seu leite os próprios filhos." (SAMPAIO, 1994). Naquela época, o dízimo não era cobrado, ainda.

Todos os prédios escolares, unidades de saúde municipais, estaduais e federais, cemitérios, matadouros, Penitenciária, avenidas e praças, campo de esporte, Centro Comunitário, foram construídos em terrenos doados pelo Patrimônio.

Terrenos foram cedidos para a construção de casas populares, para pessoas de baixa renda. No início, todos os rendeiros apareciam e pagavam religiosamente suas rendas. Depois, foram se afastando de seus compromissos com a Paróquia, e na perversa intenção de atingir a honestidade e a compostura do Vigário, passaram, a falar mal dele, a caluniá-lo de usurpador e assim, começaram a esbulhar o patrimônio, deixando-o agonizante, apunhalado pela satânica ganância de portadores de ideias subversivas e malsãs.

Como falou (SAMPAIO, 1994), "a maior cruz, o maior carrasco que um Vigário carrega e tem perto de si, é um patrimônio administrado com justeza e honestidade".

Padre Odécio não exigia do Senhor Jesus nenhum milagre, a não ser solicitar a graça que lhe acompanhou por todo seu paroquiato. No entanto, muitos fatos aconteceram, e as pessoas se apresentavam com semblantes indiferentes em diversas circunstâncias. Padre Odécio jamais imaginou que, no paroquiato de 45 anos, nesta terra tivesse de

percorrer caminhos sinuosos, subindo colinas e descendo baixios, absorvendo fragrâncias e sorrisos das flores e em outros momentos absorvendo o cálice amargo da perseguição, da injúria e da difamação.

Na marcha dos acontecimentos, ele podia compreender que todas as coisas têm seu reverso. No verso da alegria está a tristeza e no fundo da adversidade encontra-se o bem-estar. Vive-se os contrastes, pois Deus dá o frio e o calor, dá a doença e a saúde. Às vezes, Ele fere e ao mesmo tempo ajuda a curar as feridas. Essa era a concepção de Padre Odécio em relação às ofensas que recebia de alguns paroquianos. Na caminhada da vida, encontramos pessoas inescrupulosas que abraçam e, em seguida, magoam, lançam más palavras e ações, insultos. São esses os lusco-fuscos da vida, que Padre Odécio encontrou dentro da sua Paróquia. Mesmo assim, não perdeu de vista sua dignidade, seu caráter de sacerdote integro, fiel ao compromisso firmado com Deus e com o povo. Exerceu seu paroquiato, no governo da Igreja, diante do Papa, de Cristo e da Santíssima Virgem Maria, e seu histórico perante todos não apresentou labéu.

Padre Odécio confiava em Deus e jamais baixou a cabeça diante das decepções, das iniquidades que recebeu de pessoas más, perversas, sem formação religiosa e sem moral. Pessoas que usavam o patrimônio da Paróquia como pretexto para difamar o Padre, talvez por inveja, despeito ou frustração. Políticos insolentes e descarados, que

reconhecendo seu desprestígio, sua incapacidade e impossibilidade para enfrentar uma disputa eleitoral, utilizavam-se de panfletos indecorosos, com falsas acusações, delações obscenas para denegrir a imagem do Vigário.

As pregações de Padre Odécio nada tinham a ver com politica, com discursos persuasivos da sabedoria, e sim uma demonstração de poder do Espírito, para que a fé tivesse com base o poder de Deus e não a sabedoria dos homens.

Padre Odécio jamais se envolveu com politica e se o fizesse seria um direito dele como cidadão belacruzense. Jamais mentiu, ludibriou, nem tão pouco enganou os leitores, mesmo porque Bela Cruz é uma cidade pequena, onde todos se conhecem e sabem quem merece, ou não, administrar uma cidade. O Padre é um homem de Deus, portanto não é mentiroso e jamais valorizou calúnias, nem enganou a ninguém. Ele só queria o bem para o povo.

Quanto ao patrimônio de N.S. da Conceição, Padre Odécio foi o verdadeiro responsável por ele e ninguém teria a ousadia de se intrometer na sua administração. Não porque ele precisasse do dinheiro do patrimônio para sobreviver, pois o Padre foi um homem rico por meio de herança dos pais, não necessitava do dinheiro alheio para suas despesas.

Diante dos ataques inimigos, padre Odécio fazia dele as palavras de São Cipriano, quando falava tranquilamente: "Se Deus está comigo, a quem eu poderia temer? O Senhor é o baluarte da minha vida, perante a quem temerei?"

Foi com o pensamento voltado para Deus, que Padre Odécio sempre procurou galgar os degraus do sacerdócio e, até às honras dos altares ele foi conduzido para celebrar os santos Sacramentos, importantes para a vida eterna. Como o príncipe da paz, procurou colocar a luz nas trevas, o farol nas tempestades, arrimo nas borrascas da alma, orientando com segurança seus paroquianos inseguros, apreensivos, para encaminhá-los à pátria definitiva. Suas mãos jamais se cansaram de indicar os caminhos do bem apontando sempre em direção à estrada que leva até Deus.

Nas tribulações ele falava como São Jorge sempre fazendo guerra às maldades e às injustiças que o ameaçavam nas travessias do deserto da vida. "Há pessoas pobres de fé, de graça divina, que têm a alma vazia, desprovida de luz e da paz de Deus" (SAMPAIO 1998).

Se alguém o ofendia, na intenção de prejudicá-lo, ele lembrava logo as palavras de Santa Bárbara: "os raios não me afligem, o troar dos canhões não me abalam a coragem e a bravura, pois enfrentarei de fronte erguida e rosto sereno todas as tempestades e batalhas da vida terrena".

Sempre vencedor de suas lutas, com a consciência do dever cumprido, nas trevas de suas aflições, Padre Odécio via brilhar um raio de esperança, recuando os inimigos que atentavam contra sua fé com ameaças e opressões. Com seu escudo, esclarecedor da inteligência do seu povo e de ânimo nas lutas da vida, Padre Odécio conduzia em punho a bandeira vitoriosa, contra as tramas de malignos, sempre corajoso, intrépido e vencedor dos temporais da indiferença e da maldade humana.

CAPÍTULO III

PADRE ODÉCIO: MEDIADOR DE UMA MISSÃO SUBLIME E BENFAZEJA

"Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós". (Mt 5, 12)

A educação é um processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano, que visa a integração social do educando. Foi com esse pensamento, que Padre Odécio ao deixar o seminário assumiu esta Paróquia considerando-se um homem de Deus, da Igreja e, portanto, da humanidade. Assim, empenhou a espada levítica na arena do reino de Deus, para enfrentar o combate pela salvação de seus paroquianos.

Seu sacerdócio era o luzeiro resplandecente, a dissipar na comunidade as trevas da maldade humana, através do Evangelho de Cristo, que visa transformar os pecadores em santos. Sua trajetória brilhante de Sacerdote de Cristo veio cuidar do vasto campo de seu apostolado, que o tornou o arauto da Palavra de Deus, mediador sobe-

rano, tanto na evangelização quanto na educação das crianças e jovens desta terra.

O Sacerdote é o verdadeiro homem de Deus, assim como o satanás é o homem do pecado, como o político é o homem do povo e como o partidário das pompas e dos prazeres é o homem do mundo. Ser sacerdote é ser um retrato de Deus, é saber plantar a semente da fé, é se dar ao trabalho de abrir caminhos, para que os pecadores se convertam e possam viver em Cristo, alcançar a vitória e nunca esmorecer a cada batalha que parecer perdida.

Como mensageiro de Cristo, o sacerdote é o anjo portador da grande mensagem da salvação das almas, e encarregado de exercer seu ministério em prol do rebanho que lhe foi concedido, sobretudo daqueles que um dia hão de merecer o prémio celestial.

Para a maioria do povo belacruzense, Pe. Odécio não foi apenas um Vigário que veio para cuidar da Paróquia, absolver os pecados do povo, mas também como um representante de Cristo, um Pai cuidadoso, cauteloso, responsável pelo rebanho que lhe foi confiado em todos os sentidos tanto espirituais quanto educacionais. Um conselheiro renomado, um amigo do povo, um exemplo de vida, de fidelidade e perseverança ao chamado de Deus e à missão que lhe foi confiada.

Todas as comemorações, eventos, ou decisões tomadas pelas autoridades competentes desta terra, eram antes comunicadas e consultadas ao Padre, de quem exigiam orientações, acompanhamento, sugestões e participações, do início ao final. Jamais se negou em ajudar, nem apresentou obstáculos que colocassem em dúvidas qualquer proposta ou empreendimento, e era com prazer que o fazia.

Mas, como entre o trigo estava o joio, também entre seus paroquianos, sem sombra de dúvidas, surgiam aqueles maldosos, deploráveis, corrompidos e sem moral que o detratavam, o humilhavam com palavrões, chegando a apelidá-lo de (negro do Crato, de burro preto), pois ele próprio foi sabedor e conhecedor dos principais malfeitores.

Como representante de Cristo, jamais deixou-se abater pelas injúrias e difamações. Valendo-se do pensamento do grande CLAUDEL (1960), Pe. Odécio refletia: "Não tenhais medo! Deus existe! Deus que é o mais forte há de protegê-lo".

Confiando na Providência Divina, Pe. Odécio, foi chamado à cabeceira de alguns desses, que já no leito de morte, sentiram-se contritos e pediram reconciliação, confissão e comunhão. Como médico das almas, ele foi convocado, curou-lhes as feridas morais, fez sarar-lhes as chagas espirituais, deu-lhes a absolvição e o perdão das ofensas cometidas concedendo-lhes o conforto físico e quem sabe, o espiritual.

Como ministro da reconciliação ele sempre exerceu sobre as pessoas a competência jurídica de Deus, perdoando-lhes os pecados pelo poder divino que lhe foi conferido. Naquele momento, o sacerdote faz de Cristo suas palavras: "Recebei o Espírito Santo, aqueles a quem perdoaste os pecados, ser-lhes-ão perdoados e aqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos". É a personificação de Cristo com quem se identifica nas funções do ministério.

Entre Cristo e o sacerdote, não há apenas uma simples sucessão e continuidade do ministério, mas uma real identidade da missão. O padre age com Cristo, por sua autoridade e em seu nome. São sábias as palavras de Madre Teresa de Calcutá (1970): "Palavras nobres podem ser curtas e fáceis de falar, mas suas repetições são poderosas e infinitas".

Como disse Santo Agostinho (1961): "O padre absolve o penitente aqui na terra e Cristo ratifica a sentença lá no céu". Deus encarrega seus ministros de proteger sua glória, de lhe evitar os ultrajes, de firmar seu reino nas almas, pelo ensino de seus preceitos pela administração dos sacramentos, dirigido aos fiéis com sábios conselhos, através dos efeitos do agito do mar da vida, para conduzi-lo ao porto da salvação eterna.

Quem sabe, se essas pessoas que zombavam do nosso vigário, debochavam dele por pura maldade, desprezando-o, desvalorizando-o, ao sentirem-se presas no leito de morte, foram tocadas pelo remorso, pelo arrependimento e pelos erros que praticaram. As calúnias, difamações, ofensas e iniquidades proferidas contra o padre formaram turbilhões girando em torno de suas consciências, clamando por perdão. Isso jamais se saberá, porque Deus é um mistério inexplicável.

A confissão, chamada também de penitência é um sacramento instituído por Jesus Cristo, para expiação de faltas cometidas. Uma revelação do íntimo ao sacerdote, cuja declaração de culpa, deve permanecer em segredo entre o confessor e o pecador.

Mas, se por algum motivo, alguém por negligência omitir-se de confessar certos pecados, morrerá sem o perdão de Deus e não obterá a salvação eterna.

Na sua trajetória como pároco, Mons. Odécio deparou-se com aqueles a quem chamamos lobos com peles de cordeiros que ofenderam o padre, magoaram com palavras, ações, calúnias indecorosas sobre sua honra e dignidade, expondo-o ao público com mentiras sobre sua vida pessoal e após a morte do Padre, fala que gostava dele, que era um homem trabalhador e até chega a elogiá-lo.

Essas pessoas deveriam reconhecer que o padre é um ministro de Cristo e não um simples funcionário, um corrupto ganancioso, fútil, um mercenário vulgar, que na sociedade representa um administrador de interesses próprios.

Deus é o único Senhor da vida. A vida e a morte do ser humano estão nas mãos de Deus. (João Paulo II). Mons. Odécio, jamais agiu dessa maneira. Deus estabeleceu seu sacerdócio, dando-lhe a missão de representante de Deus junto ao povo.

Assim falou S. Bernardino de Sena (2007): "O Sacerdote é uma pessoa pública: Por ele deve passar todos os atos religiosos do cristão, para isso foi constituído entre os homens em tudo que pertence a Deus".

Mons. Odécio, em vida, foi essa pessoa que em suas funções personificou a Igreja da qual somos membros. No seu paroquiato e mesmo já fora dele, foi bastante convocado para missas, batizados, confissões, casamentos, realizando bem suas funções, que só o sacerdote é capaz de realizá-las.

Entre seus paroquianos, estavam aqueles senhores casados mas de vida irregular, que viviam imersos no adultério, envolvidos com meretrizes, e desprezando suas famílias. Condutores de mau exemplo e violadores de sua fidelidade conjugal difamavam o Padre por não ser conivente com seus comportamentos desonestos.

Defender a fidelidade entre os casais é um dever sagrado do sacerdote, obedecendo a palavra de Deus, a qual os uniu para sempre e só a morte os separará.

"Por isso o homem deixará pai e mãe para unir-se à sua mulher, e os dois serão uma só carne". (Mc 10, 7-8a).

"Eu te darei as chaves do reino dos céus, e tudo que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo que desligares na terra será desligado nos céus". (Mt 16,19).

O matrimônio é um sacramento instituído por Cristo, uma união legítima, indissolúvel de um homem e uma mulher, portanto não pode ser transgredido, pois quando um dos cônjuges viola sua fidelidade, estará cometendo adultério, um dos maiores pecados do ser humano, que fere o 9º mandamento da lei de Deus.

Era justo que o sacerdote não concordasse com este tipo de comportamento, se o casamento é um vínculo indissolúvel, e só será desfeito com a morte de um dos cônjuges. Sendo a Igreja a esposa cheia de glória que Cristo amou tanto a ponto de derramar seu sangue para purificá-la das máculas.

Por ofício, o sacerdote é o defensor desta esposa intacta, pura, que foi encarregada de protegê-la por sua integridade, para que ela também seja digna de seu adorado esposo, que é Jesus Cristo. A igreja simboliza aquela barquinha do Evangelho que, colhida pelo vendaval da incontinência humana, em pleno lago da inconveniência, em luta incessante contra as ondas agitadas da piedade se arremessam contra ela, para tentar naufragá-la.

"Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos; sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas". (Mt 10,16)

A igreja é a sociedade espiritual, fundada por Cristo, para guardar-lhe a integridade de sua doutrina revelações, direitos e autoridade para perpetuar a sua presença entre os cristãos. Mons. Odécio foi o piloto cauteloso que sempre a defendeu dos temporais e das borrascas, lutando sem temor contras as vagas esbravejantes da incredulidade, conduzindo-a ao porto seguro, onde os fiéis encontram a salvação eterna.

Como diz BAILEY, Pe. J "A primeira e a pior de todas as fraudes é enganar-se a si mesmo". A missão do Padre é sempre a mesma: continuar a ação de Jesus Cristo, único mediador da Nova Aliança, realizador exclusivo do sacrifício, que oferecido uma vez para sempre, teve a sua eficácia eterna. Nem mesmo as autoridades políticas desta terra, tiveram tanta primazia, quanto Mons. Odécio teve enquanto esteve em nosso meio, até mesmo após a sua morte.

Em 1972, a pedido de S. Excia. Dom Valfrido Teixeira Vieira, a Santa Sé conferiu-lhe o Título de Monsenhor que nos deixou o seguinte pensamento: "Na minha trajetória humana, eu sinto a mão poderosa de Deus, como norte e âncora do meu ser". Celebrar seu Jubileu de Prata, em 1966, e a 30 de novembro recebeu o Título de Cidadão Belacruzense.

Nenhum homem público, por mais que tenha feito bastante por Bela Cruz, jamais chegará a superar o que Monsenhor Odécio fez. Foi ele quem lapidou esta rude pedra, polindo-a, aperfeiçoando-a, tentando torná-la preciosa em termos de educação, tanto religiosa quanto intelectual. Foi ele quem empunhou a bandeira da formação educacional, numa cidade inculta, carente de ensino, onde por um período de 39 anos, um único professor lecionou a três gerações, aposentando-se em 1913, que foi Professor Nicácio Barbosa Cordeiro (in- memoriam).

"Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina". (Cora Coralina).

Com a aposentadoria daquele mestre, alguns professores passaram a cultivar ali a preciosa semente do saber, até 1942. Só que, aqueles alunos aprenderam apenas a ler e escrever, um ensino antiquado, ultrapassado, pois mesmo com a abertura das "Escolas Reunidas de Santa Cruz" por ato datado de 13 de setembro de 1942, do Dr. Francisco de Menezes Pimentel, então Interventor do Ceará, a mentalidade do povo e o aumento da população, exigia cada vez mais um ensino de maior consistência. (Nicodemos Araújo. Município de Bela Cruz, 1985, p. 89).

Ao chegar em Bela Cruz, Monsenhor Odécio foi percebendo a dimensão da necessidade de um aprendizado mais convincente e a

partir daí, começou a formar ideias, hipóteses e estudar meios para colocar à disposição das crianças e dos jovens de Bela Cruz, uma formação eficaz, mais atual e renovada.

Este pensamento não ficou só em conjecturas, pois dentro de poucos anos, lá estava em pleno funcionamento o Instituto Imaculada Conceição, com sede própria, dirigido por professoras preparadas, que prosseguiram trabalhando por um desenvolvimento cultural mais elevado e organizado. Se tudo isso ele conseguiu construir, foi com muito sacrifício, bastante diálogo com seus paroquianos, principalmente com aqueles mais solidários, dispostos a colaborar e que o acompanharam em toda a sua luta, para que a educação pudesse acontecer. Mesmo porque seus trabalhos, seu exemplo e virtudes, suas ideias e ideais, atitudes e ações sempre indicaram caminhos para que se possa viver em Cristo. Todos os seus feitos em prol de Bela Cruz, não os fazia para se exibir e muito menos para se expor à vista do povo. Seu propósito era melhorar a vida de seus paroquianos e principalmente das novas gerações, para que tivessem um futuro promissor.

Quando não dispunha de recursos da paróquia para prover as despesas, ele pedia ajuda àquelas pessoas mais solidárias, conscientes, que jamais se omitiram a colaborar, porque reconheciam o valor daquele empreendimento para nossa terra. Tudo era efetuado de acordo com as opiniões do povo e da maneira mais clara possível.

Ao dar início suas obras, ele refletia: "uma imagem vale mil palavras". Porque onde dois ou mais estão reunidos em nome de Deus, ai Ele estará no meio deles (Mt, 18-20). E nessa convicção, Pe. Odécio conseguiu vencer a injustiça com a suavidade, a malícia com a bondade e os problemas com as soluções.

O dever leva as pessoas a fazerem o bem, mas o amor às conduz a fazê-lo com perfeição. Sendo um homem íntegro, acostumado a envolver-se em trabalho constante, sempre teve determinação e ousadia para o serviço, para a disponibilidade.

Os valores recebidos de sua família foram aprimorados e acrescidos de outros valores que lhe deram condições para assumir tão importante tarefa: ser pastor e guia do povo de Deus, assumindo uma vida de inteira doação em favor de sua paróquia.

Ninguém se aproximará de ti para fazer-te nenhum mal, pois eu tenho um povo numeroso nesta cidade. (At 18, 10b).

Mons. Odécio fazia dele essas palavras, porque reconhecia que ser pobre é um ato permanente de fé. O sacerdócio não se inventa. O padre recebe-o de Cristo.

Para o homem que sabe ver em dimensão nunca haverá tempo perdido: o que para outras pessoas seria tempo perdido, ocioso, para ele é tempo de observação, conhecimento, testemunho de fé cristã.

Possuidor de vasta cultura humanística, conhecedor de Latim e bastante entendido em História da Filosofia, revalidando-a na Universidade Federal de Teresina – Piauí, conseguindo, habilitação para o ensino do Segundo Grau em Filosofia, Psicologia e Sociologia.

Conseguir essas professoras não foi fácil. Teve que lutar, informar-se e encontrar alguém que confiasse nele. Tudo arranjado adquiriu junto ao subprefeito uma casa residencial para hospedagem, com tudo o que tinham direito. Duas residiam em Fortaleza, não conheciam ninguém aqui e o Padre temia que essas professoras não se adaptassem numa vila do interior.

Felizmente tudo deu certo e apesar de ser uma escola particular, numa comunidade de poucos recursos, dentro em pouco as matrículas estavam esgotadas e as classes superlotadas. Até famílias que residiam na zona rural, fixaram residências em Bela Cruz, para que os filhos tivessem oportunidade de estudar. Para a inauguração foi escolhida a data do aniversário natalício do seu fundador, 17 de fevereiro, que foi comemorada com muita ostentação.

Anos depois, Bela Cruz, já possuía professoras do ensino primário filhas da terra, que foram preenchendo as carências, quando as primeiras resolveram retornar à sua terra natal.

A EDUCAÇÃO FOI SUA PRIORIDADE

"A Educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é preparação para a vida. É a própria vida." (John Dewey)

Para Mons. Odécio, o núcleo da sua missão estava em fazer o Cristo conhecido e amado. Ele considerava a educação como um dos meios essenciais para levar crianças e jovens à experiência da fé e do conhecimento, de fazê-los bons cristãos e virtuosos cidadãos. Como pastor dedicado da igreja de Cristo e sacerdote da paróquia de N.S da Conceição, sua tendência era ajudar as crianças a se tornarem pessoas integradas no profundo sentido de responsabilidade social, para transformar sua paróquia num ambiente de evangelização e desenvolver naquele meio uma escola mais convincente que desse aos alunos um ensino de 2° grau.

"É bem verdade que o testemunho de nossas ações é mais importante do que o testemunho falado". (VIRGILIO, Pe. J,CSSR,2000).

Enquanto crianças e jovens usufruíam de uma educação razoável. Mons. Odécio prosseguia em seu labor, pelo desenvolvimento cultural de seus paroquianos. E foram tais os seus esforços, neste sen-

tido, que a 14 de fevereiro de 1960 foi inaugurado na cidade o "Patronato Imaculada Conceição", autorizado a funcionar com os cursos Ginasial e Normal. Além disso, o operoso sacerdote, conseguiu também, que a Consagração das Irmãs de Caridade assumissem a direção do referido estabelecimento de ensino, que encampou o Instituto Imaculada Conceição, que tem hoje a mesma denominação.

Aquele terreno, que antes era ocupado por um cemitério público, construído em 1904, pelo saudoso Pe. Joaquim Severiano de Vasconcelos, coadjutor do vigário de Acaraú, Pe. Antônio Tomás, sem condições de sepultamentos, foi transferido para outro local, ficando o terreno de propriedade da paróquia. Embora esse espaço de terra fosse bastante acidentado, foi ali, que Mons. Odécio escolheu para transformá-lo numa das maiores casas de instrução particular da cidade. E não hesitou em trabalhá-lo.

Com recursos da paróquia, doações, leilões, oferta dos paroquianos, principalmente os de melhores condições financeiras, entre os quais, ele angariava gêneros alimentícios, dinheiro, bois, carneiros, garrotes, enfim, tudo o que produzisse dinheiro e com isso conseguiu realizar a obra tão desejada. Foi um trabalho árduo e dispendioso, que só mesmo uma pessoa de fibra como ele conseguiria executar.

Muitas pessoas o encontravam ajudando os trabalhadores, entre telhas e tijolos, conduzindo materiais, com o rosto banhado de suor, mas satisfeito por estar realizando a obra de seus sonhos.

Para que se tenha uma ideia mais convincente, naquela época ele não possuía carro nem carroça, aqui não existia trator e assim todo o material utilizado era conduzido em animais de carga (jumento, burro). Na época também era difícil madeira para o teto, o material de construção era todo comprado fora e a condução paga com dinheiro vivo, no ato da compra.

Ninguém, até hoje, conseguiu imaginar o quanto foi difícil, para aquele sacerdote, realizar tudo aquilo sozinho sem ajuda de órgãos públicos. Nem mesmo os pais que tiveram seus filhos educados no Patronato Imaculada Conceição, talvez nunca pararam um pouco, para refletir sobre a dimensão daquele desafio. Muitos, sequer agradeceram a oportunidade concedida e alguns até retribuíram com ignorância, incompreensão e menosprezo, considerando isso apenas como um dever do padre, obrigação de pároco e não como uma ação benefi-cente.

Aquela conceituada casa de formação teve sua direção entregue à Irmã Catarina Brasileiro, uma religiosa digna de menção, responsável pelos seus atos, que assumiu um estabelecimento de ensino com sede própria, medindo 8.455m² de área construída e 2.143m² de

área coberta. Contava também com 26 dependências, 15 salas de aula, uma capela de N.S das Graças, Parque Infantil, Quadra de Esportes, Biblioteca, Cantina e no centro um salão bastante amplo reservado às reuniões, recepções, bem como, um palco para exibições, dramatizações e outros eventos.

Faz parte desse contexto, um espaço reservado ao plantio de hortaliças, de flores e plantas de pequeno porte. Ao lado da quadra encontra-se a comunidade e o refeitório, ponto de concentração das irmãs que ali vivem.

Como sempre, um devotado amigo do ensino, Mons. Odécio desejava cultivar a preciosa semente do saber, visando o aprimoramento da formação intelectual dos belacruzenses. E assim, com o coração sem fronteiras, fazendo sua missão acontecer, naquela terra de pessoas piedosas e tementes a Deus, Mons. Odécio encorajado pelo pensamento de um futuro melhor na educação daqueles jovens e crianças conseguiu um corpo docente composto de 25 professores, devidamente preparados para ali trabalhar.

Foi um trabalho árduo, que exigiu bastante sacrifício, dispêndio e responsabilidade também. Naquela época em que tudo era mais difícil, material de construção, transporte, mão de obra, dinheiro, operários capacitados, tudo era uma constante preocupação, mas, nada lhe fez fraquejar.

Diante das dificuldades, Mons. Odécio fazia dele as palavras do grande Machado de Assis: "A verdade só se entrega revestida de renúncias".

Conforme esse pensamento "a ação evangelizadora não é separável do serviço em favor da promoção humana". (SAMPAIO, 1960).

Ele não perdia de vista aquele que é modelo e centro de nossas buscas, pois reafirmava no seu espírito de fé, a importância da opção preferencial pelos estudos, que ele sempre considerou como a chave de revelação e, do seu compromisso cristão, baseado nos valores do Evangelho de Cristo. Foi com esta confiança que Mons. Odécio viu diante de si e de todos os belacruzenses a realização de um trabalho magnífico, fruto do seu esforço e da sua missão aqui na terra.

Ali, já se formaram um incontável número de estudantes que hoje fazem parte de importantes posições sociais e intelectuais em diferentes contextos.

A maioria dos filhos de Bela Cruz desta nova geração já passou por esta casa de ensino, que depois de tantos anos, continua lá, firme e fecunda, alicerçada na confiança em Maria Santíssima, constituindo-se uma fonte de vida para as novas e futuras gerações.

O alicerce da educação belacruzense foi edificado ainda é 1947, quando foi entregue às crianças e jovens dali, o Instituto Imacu-

lada Conceição com sede própria, do qual já citei anteriormente. Esta foi a estrutura que conduziu o embrião, que deu origem a educação em Bela Cruz.

Mas não foi somente na sede que Mons. Odécio construiu escolas. Em 1950, tendo a necessidade de instrução no povoado de Acaticuns ele edificou a Escola São João Bosco, cujo estabelecimento destinou-se ao ensino primário e à doutrina cristã. Esta escolinha veio beneficiar boa parte daquela população que até então se encontrava carente de ensino. Ali a catequese passou a funcionar com maior intensidade e as crianças conseguiram aprender com mais facilidade e segurança, sem se deslocarem para a cidade.

A falta de professores não deixou aquela escola sem funcionamento, pois logo após sua inauguração Mons. Odécio contratou duas professoras. Iracema Pinto e Odele Silveira (in- memoriam) para lecionarem lá, por conta da paróquia. Algum tempo depois foram surgindo outros professores filhos daquela localidade, que prestando concurso público foram nomeadas professoras, de forma que até hoje a escolinha São João Bosco ainda se encontra em funcionamento, juntamente com outra escola que também foi construída pela prefeitura na administração do prefeito Júlio França de Sousa Neto (in memoriam).

Daí, pode-se perceber que para Mons. Odécio, a educação foi prioridade.

MONS. ODÉCIO, UM SACERDOTE DE FÉ E ORAÇÃO

"Uma pessoa que tem fé em Deus, nunca perde a esperança porque sempre acredita no triunfo final da verdade". (Mahatma Gandhi)

Fé é a primeira das virtudes teologais: adesão e anuência pessoal a Deus e seus desígnios. É firmeza na execução de uma promessa ou compromisso. Ter fé é orar, acreditar na oração, é rezar, é dirigir preces ao criador. A fé é a melhor medicina que o ser humano tem a seu dispor.

Não é em vão que Jesus afirma ser ela capaz de remover montanhas: Ninguém conseguia imaginar o extraordinário potencial de fé, que Monsenhor Odécio conduzia no seu coração, que o ajudava a superar todas as suas dificuldades físicas, espirituais e morais. É a fé um dom de Deus, que alimenta o homem fazendo com que ele veja a verdade. Ela alimenta o espírito, mostra a realidade da vida e nos distingue entre outros seres.

Monsenhor Odécio se arraigava à verdade, acreditava em Deus e através dela repousava confiante na rocha firme da graça divina, de viver esta verdade. É a fé que nos congrega como seguidores de Cristo, ao seu redor e em fraternidade para a missão. Ela é tão importante para a vida espiritual, quanto o oxigênio para a natureza. É um mérito sobrenatural que a inteligência humana não consegue explicar. Sem sombra de dúvidas a fé que Mons. Odécio conduzia no seu íntimo, foi portadora da verdade e sinal de salvação, para a humanidade, guiado pela estrela da fé, que foi a mola mestra de suas iniciativas e do seu trabalho apostólico. Este foi o zelo com o qual ele perseguia a luz da verdade.

Seria importante que as pessoas se preocupassem em discernir o verdadeiro do impreciso, porque embora possa ser vista sob diversos ângulos, a verdade é uma só, universalmente única. Se olhamos uma vitrine de joalheria, pode-se observar aquele diamante lapidado e pronto. Suas facetas parecem mostrar cada uma a sua luz. No entanto, as facetas são várias, mas a luz é uma só, e o brilhante ali exposto é único. Da mesma forma, para Mons. Odécio, a verdade era única, porque a luz que dela refletia em seus vários ângulos era uma só: DEUS.

O Papa Bento XVI abre solenemente o ano de 2013 como sendo o Ano da Fé, a fim de que possamos renovar sempre a nossa Fé e Confiança no Cristo e só a Ele servir.

"Todos aqueles que professam a fé devem praticá-la também, pois a fé sem obras é morta, assim como a árvore é conhecida pelo seu fruto". (Mt 12,33)

A fé é a porta de entrada para todos os dons e graças, apresentando-se como o sinal verde pelo qual permitimos a ação do Pai Celestial. Esta foi a porta que Mons. Odécio sempre procurou para viver seu dia-a-dia.

Verdade e fé em Deus, sempre o mantiveram firme em suas iniciativas, porque ele sempre acreditou nelas, pois Cristo veio ao mundo para dar testemunho da verdade e da fé. É assim que deve brilhar vossa luz diante das pessoas.

(Is 58, 7-10).

Cristo falou aos discípulos: "Por que este medo, homens de pouca fé?" (Mt 8, 26).

Para quem tem fé e acredita, o medo não prevalece. Cristo confia a nós, a missão de sermos testemunhas vivas da sua ressurreição e da sua presença entre nós.

Esse é o mistério da nossa fé e da nossa esperança. Felizes são os que creem neste Mistério, mesmo sem ter visto, porque deles é o Reino dos Céus. (Mt 28ª , 1-10)

A fé nos lembra que o Ressuscitado está e continua conosco no mundo. Ele é nossa vida. (Jo 20, 1-9)

A virtude é uma disposição firme e constante para a prática do bem. As virtudes podem ser resumidas numa só palavra: FÉ. Ela é capaz de produzir todo o agir. Supõe algo fundamental na vida humana.

Mons. Odécio, em sua vida sacerdotal aprendeu e enfrentar as diversidades da vida, como desafios à sua própria necessidade de viver e vencer, pois a manifestação máxima da fé produz o bem, a caridade e o amor. Sem fé não há esperança. Ela sempre o motivou a viver um estilo de vida específico, marcado pelo exemplo de Cristo, seus ensinamentos, sua relação com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo.

"A vida se constrói na caminhada, se realiza na generosidade, na doação e se torna plena em Deus, que encontramos nos irmãos. Não é bom que sejamos como o lago satisfeito dentro dos seus limites, mas como o oceano irrequieto caudaloso e constante que procura abrir-se para um horizonte infinito". (Pe ROQUE SCHNEIDER, S.J. 2003).

Mons. Odécio, sempre soube que não tinha tanto valor, aquilo que vinha de graça, quanto o que era conseguido com sacrifício, porque quem vive sempre a ganhar não tem oportunidade de contemplar o caminho que ele percorreu. Mas aquele que se esforça para conseguir, vai relembrar em cada parte do caminho, um tempo de luta e o sabor da conquista.

Mons. Odécio baseava-se neste ritual, pois sempre se esforçou para conseguir o seu intento, sem perseguir e sem humilhar as pessoas, pois reconhecia que só o amor salva. Apesar de sua dificuldade, é um bom sinal de Deus, mesmo que exija sacrifício, doação e bastante fé. Só o amor de Deus é a rocha firme que perdoa, e não rejeita nem condena, que ressuscita e transfigura a carne mortal.

Depois de escapar de seus inimigos, Davi cantava: "O senhor é minha rocha, minha fortaleza e salvação". (Cf: 2 Sam 22,2). E os salmos bíblicos repetem: "Ele tirou-me de uma fossa mortal, de um charco de lodo, assentou-me os pés numa rocha, firmou os meus passos". (Sl. 40,2)

Foi confiando no abrigo de Deus, que Mons. Odécio aprendeu a viver e adquiriu po significado da experiência da salvação, como proteger-se do mal e como encontrar a rocha firme, porque sem este amor, a busca da salvação se tornaria doentia e falsa. Com a força do amor, a salvação não necessitava de grandes sinais, nem desassosse-

gos e se repousava confiante no rochedo da graça de viver, porque
é o núcleo firme do Evangelho de Cristo, a única boa notícia
quem busca a salvação: o mal, a perda, o sofrimento passam. S
amor é para sempre. (Cf.1 Cor 13, 1-13)

Em sua vida sacerdotal, Mons. Odécio passou por momen
felizes de alegrias, aplausos, elogios públicos, demonstrações
apoio, louvor e gratidão. Mas, entre estes, surgiam as armadilhas
violência moral, os riscos maldosos, os sacrifícios a alto preço, que
a fé em Cristo, a oração e a verdade lhe davam forças para suportá-
Não foram 5 anos mas 59 de convivência com o povo.

Na condição de sacerdote, ministro de Cristo e educador,
pastor zeloso e firme nos seus propósitos, era convocado a exercer
papel, sua liderança pastoral e profissional, tinha que participar
programas de formação e como amigo da cultura fez questão de le
lizar seus estudos eclesiásticos na Universidade Federal do Piauí, co
seguindo láurea de habilitação para o ensino do 2º grau, a fim de qu
lificar sua competência profissional. Adquiriu métodos mais atuali
dos para a educação da juventude e aprofundando a compreensão
caráter específico da formação religiosa.

Por muitos anos, Mons. Odécio lecionou no Instituto Imac
lada Conceição, mas jamais exigiu nenhuma remuneração. Seu obje
vo era mais abrangente: instruir os jovens sobre seus deveres socia

ensinar-lhes a praticá-los, infundir-lhes o espírito e os sentimentos cristãos, hábitos religiosos e virtudes de cidadania.

Mas, para Mons. Odécio, a oração também era uma prova de amor ao Criador, pois a vida de oração é uma conquista de cada dia. Ela não cai pronta do céu. É possível que uma pessoa conheça tudo sobre a oração, seja inteligente, ousada, perspicaz, mesmo assim, não saiba rezar com o coração.

Muitas vezes, o tempo consagrado à oração nos parece cansativo, longo, como se a prece fosse um tempo perdido. E quando o desejo não se torna convicção, não haverá vida de oração em plenitude, mas apenas fragmentos, sem consistência. E se esta oração estiver fracionada, sem fé, sem atenção, a vida espiritual também se tornará fragmentada, sem efeito.

Assim, aos poucos, muitas pessoas se dão conta de que podem viver sem rezar, salvando apenas as aparências, acomodando-se à situação do mundo e continuam vivendo uma vida medíocre, sem perceber o erro. Tenho percebido pessoas, que, comungam regularmente, frequentam à Igreja, mas não se confessam, não se arrependem da vida irregular que levam, não mudam de comportamento e os vícios permanecem como se fossem normais.

Essas pessoas parecem ter medo da conversão, da mudança interior e se consideram absolvidas, mesmo imersas no pecado, que

paralisa em profundidade toda sua vida espiritual e que escondido no seu inconsciente, bloqueia a sua relação com Deus.

O profeta Isaias coloca o homem na verdadeira estrada da oração, quando diz: "Esse povo se aproxima de Deus, só com palavras O glorifica somente com os lábios, enquanto o seu coração está longe de Deus". (Is 29,13)

Para que a oração tenha sentido é necessário que estejamos ligados a fé. Sem ela em sua abrangência, a existência humana seria duvidosa. Portanto, viver é um ato elementar de fé e é com base nela, que as gerações se sucedem.

Ao assumir o comando desta paróquia, Mons. Odécio procurou incutir a fé na vida das pessoas pois, sem essa virtude a comunidade se tornaria inviável e a vida caminharia para o caos, como se cada ato humano fosse a expressão de desconfiança uns dos outros. A vida só é possível através da fé.

Foi com base nos princípios da fé cristã, que nosso saudoso vigário, depositou sua confiança no povo belacruzense sem se prender à sensação fragmentária mas, lançando-se e projetando para além. Foi criando sonhos e utopias em busca da unidade cindida que religiosamente expressou Santo Agostinho: "Minha alma não descansará ó meu Deus, enquanto não repousa de Ti". (1962)

Foi o que fez Mon. Odécio enquanto permaneceu na terra. Buscou respostas, apontou caminhos, permitiu transcendências, possibilitou reconciliações de seres humanos consigo mesmo, com os semelhantes e com Deus. Conforme sua fé cristã, ele procurou saciar a necessidade de reconciliação de seus paroquianos com Deus e com o próximo, envolvidos no ato de fé em todas as suas potencialidades. Para isso, ele incentivou jovens, motivou crianças, tentou convencer o povo para uma esperança não correspondida. Mesmo sabendo das dificuldades perante os desencontros frustrantes da vida ele jamais se esquivou. Promoveu encontros, buscou segmentos para os caminhos da conversão, da reconciliação e da adesão à mudança de vida, pois a fé e a verdade firmava-lhe a fidelidade ao Evangelho de Cristo.

Assim, nos seus momentos mais difíceis, Deus se revelava: "Ainda que toda a terra estivesse contra nós, nada teríamos a recear tendo ao nosso lado a Mãe de Deus" (MARCELINO CHAMPAGNAT, 1997).

Confiante nesta reflexão Mons. Odécio entregava-se em oração e nela ele encontrava pistas que o ajudavam a entender: o real sentido das profundezas do mistério de Deus. Sentindo-se confortado, ele adquiria forças divinas que lhe falavam espiritualmente: "Enfrente o seu medo e transforme-o em força de vida". (ANSELMO GRÜN, 2004).

Mediante a oração, fundamentada na fé, ele buscava o Se-
nhor, com suas reflexões: para além da noite escura da ignorância re-
ligiosa, desponta a esperança da aurora da compreensão, a convicção
de que Deus não abandona seus filhos nos momentos mais angustian-
tes da vida. Se a oração é sinal de fidelidade religiosa, é também um
compromisso criativo com o criador, é o combustível da alma.

Quando rezamos, nos colocamos diante de Deus, confiante
com o coração contrito, a fim de que possamos obter as graças neces-
sárias. Por meio dela as pessoas não se dão á fidelidade, mas sim, a
uma causa em que acredita, porque a oração não é um fim, mas um
efeito. Permanecer fiel não significa repetir o passado no presente,
pois a fidelidade não é mera repetição, mas uma busca contínua de
como viver no presente. Um compromisso iniciado no passado cuja
meta se encontra no futuro.

A pessoa de hoje é aquilo que ela construiu ontem e está
sempre a caminho do amanhã. (GERARDI, Agenor, Pe. Missionário
do S. Coração, 2004, p. 19).

Pessoas livres são aquelas que renunciam a muitas coisas pa-
ra chegarem ao seu objetivo, pois escolher é renunciar outras possibi-
lidades em favor de uma só. E quando se realizam se tornam mais
livres, porque a liberdade é um dom recebido, mas é também renúncia
e conquista do objetivo proposto.

Mons. Odécio entregou-se a essa pretensão de corpo e alma.
Ele comprometeu-se a vida sacerdotal não por ver com clareza o futu-
ro desejado, mas porque via a realização do futuro como possível. Ele
sabia que um compromisso não se improvisava, pois era fruto de uma
decisão madura e muito bem planejada, para viver fielmente.

Sendo um homem prático e determinado, ao abraçar o minis-
tério sacerdotal, Mons. Odécio assumiu o compromisso por toda a sua
vida, realizou um propósito seu e não uma segurança absoluta porque,
para que seu compromisso fosse definitivo precisava abranger toda a
sua pessoa, sua inteligência, sensibilidade e desejo e ele possuía todos
esses dons, pois sabia no que estava se comprometendo.

A fidelidade não é uma estátua parada no tempo, nem uma lei
morta, mas sim uma criatividade, conquistada, um ato de convicção e
de busca, que nos encoraja na nossa própria fé. Para aqueles que ex-
pressam o desejo de aprofundar a sua fé e o sentido de pertença à Igre-
ja, são oferecidas oportunidades de experiências de oração e de parti-
cipação em atividades apostólicas.

Os votos prestados por Mons. Odécio, no dia de sua ordena-
ção, foram formas de expressão e concretização de seu compromisso
fiel, diante de seu papel de sacerdote cristão, digno de fé e de riqueza
espiritual. Os votos que ele emitiu não foram preceitos frios, indife-

rentes, mas uma forma de compromisso de vida melhor, uma relação concreta com a comunidade católica que estava a sua espera.

A fonte de sua energia apostólica era a sua inabalável confiança em Deus, verdadeiro suporte onde ele depositou todo o seu trabalho pastoral. A fé e a oração foram seu ponto de partida de toda a sua fidelidade humana. Tão logo sentiu o chamado de Deus, Mons. Odécio redirecionou seu entusiasmo na preparação de sua missão como sacerdote.

A fidelidade de sua vocação foi prova e expressão de amor, porque Deus sempre atuou em sua fidelidade assumida, pois é Ele quem dá a graça e a possibilidade de ser fiel. "Deus é amor" (Jo. 4,8).

Com este pensamento, Mons. Odécio cumpriu até o fim de seus dias, a sua fidelidade, pois sempre acreditou que a Igreja revive em cada ser humano seu compromisso com Deus. Para ele, o amor que não é fiel não tem história nem raízes.

UM EXEMPLO DO PERDÃO E DA JUSTIÇA

"Mas, se não perdoardes, tampouco vosso pai que está nos céus, vos perdoará os vossos pecados".

(Mc 11,26)

O perdão é um dos atos mais difíceis do ser humano. É a remissão da culpa cujo valor gera frutos à medida que se aprofunda nas entranhas humanas.

É um gesto deliberado pela razão, uma atitude de vida e dignidade, porque no ato de perdoar encontra-se embutido o instinto de preservação, a busca de uma vida harmoniosa e pacífica entre pessoas.

Perdão e justiça são sinônimos de conscientização e de humildade. Sem respeito à vida não haverá justiça e muito menos o perdão. Foram muitas as decepções, mágoas e humilhações, impingidas no decorrer da vida de Mons. Odécio. Ele encontrou quem dissesse: Somente Deus perdoa, e não um homem pecador igual aos demais. São pessoas ignorantes, incrédulas, que jamais conseguem entender o significado do ministério sacerdotal e desconhecem o poder que Deus conferiu ao Padre, para perdoar os pecados da humanidade.

"Se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará". (Mt 6,15)

Mons. Odécio sempre acreditou no desafio do perdão, mesmo porque foi para perdoar que ele consagrou-se ao serviço de Deus. Somente pessoas vazias de Deus, de formação religiosa, irracionais, sem relações lógicas, apenas batizadas, porque foram conduzidas pelos pais quando crianças, mas jamais respeitaram o sacramento do batismo que um dia receberam por meio do sacerdote.

O perdão constrói a justiça, é sinônimo de desculpa, indulto, resgate de culpa e sua ausência afeta emocionalmente, a ponto de prejudicar as relações humanas, porque o ressentimento torna as pessoas escravas de si mesma.

No Calvário, ao crucificarem Jesus e aos seus malfeitores, um à direita, outro à esquerda, Ele falou: "Pai, perdoai-lhes, porque, eles não sabem o que fazem". (Lc 23,33-34). Foi com este pensamento que Mons. Odécio perdoou a tantas pessoas que lhe injustiçaram.

No seio desta comunidade ele aprendeu e ensinou, encontrou o que lhe fez sofrer e sorrir fez amigos e inimigos, decepcionou-se com eles, conheceu diferentes ambientes e pregou situações diversas. O respeito, o bom senso, o diálogo e a paciência são ingredientes fundamentais para uma conversão profunda e autêntica.

Como participante dos rituais e celebrações religiosas da época, em sua paróquia, Mons. Odécio, foi apresentado, pregou sua doutrina e crenças vigentes, favoreceu o entendimento e a compreensão. Como pastor autêntico, ele transmitia ao povo, as mais belas histórias e parábolas, que povoavam o cérebro dos ouvintes e os impressionava com suas ricas e proveitosas pregações.

Mesmo assim, foi interrogado, injustiçado e humilhado por pessoas sem personalidade, que não valorizaram seu esforço, seu trabalho empreendido nesta paróquia. Não se pode afirmar que essas pessoas

tenham sido agraciados ou não pelo perdão, porque perdoar é esquecer sem "lançar mão" disso, em momentos de ofensas ou discórdia ou conflitos.

Se não conseguiram se libertar desses sentimentos, é sinal de que o ressentimento permanece e não merece o perdão, porque se não perdoarmos de coração os ressentimentos, as mágoas mais profundas, poderemos permanecer acorrentados a alguém que na nossa percepção nos fizeram algum mal.

Para aqueles que o consideravam mentiroso, Mons. Odécio falou em um dos seus discursos: Não tenho inimigos. A minha consciência não me incrimina de alguma injustiça ou arbitrariedade, voluntariamente praticada. "Se alguém se julga injustiçado ou humilhado por mim, conceda-me a absolvição, porque merece perdão quem sempre perdoou". (SAMPAIO, 1997)

Perdoar é respeitar a liberdade daquele que errou, é dar ao outro uma nova oportunidade. Na vida não há perfeição, pois vivemos condicionados pelas circunstâncias que nos envolve. Com diálogo e compreensão muitas coisas que pareciam injustificáveis, poderão parecer menos graves e mais leves.

A justiça é dura e igualmente inevitável, uma vez que ela é o rosto visível do reino de Deus. A justiça é uma virtude de dar a cada um o que tem direito.

Como conciliar entre si as exigências evangélicas do perdão e da justiça? Segundo a Igreja não se pode obrigar os pobres indefesos a perdoar os poderosos, os egoístas, os corruptos, pois assim, estaríamos favorecendo o crescimento da injustiça. Também não se pode obrigar os injustos, egoístas a pagarem o que devem, porque estaríamos contrariando a lei do perdão evangélico.

Entre o perdão e a justiça não existe contradição. Pelo contrário, são duas facetas do mesmo amor e duas características do mesmo reino de Deus, que precisam andar de mãos dadas, a fim de eliminarem de vez com todos os sofrimentos e desigualdades da vida.

Para isso, nosso pároco sempre aconselhou seus paroquianos que não era preciso odiar nem lutar contra uns e outros, mas sim, contra as causas que geram as desigualdades e sofrimentos. É no território da justiça e do perdão que precisamos encontrar a solução, pois só assim conseguiremos preparar o caminho do amor e da salvação eterna.

Na comunidade onde vigora a lei do mais forte, não haverá perdão nem justiça.

Sem perdão e reconciliação não haverá a justa paz. O apelo de João Batista no Evangelho é incisivo: "Preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas". E foi com esta assertiva que Mons. Odécio incutia o perdão aos seus paroquianos.

EUCARISTIA, O ÁPICE DO SEU MINISTÉRIO

Em Cafarnaum, Jesus disse certa feita aos seus ouvintes: "Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue não tereis a vida em vós mesmos" (Jo 6,53)

A Eucaristia é um dos sete sacramentos da Igreja Católica, no qual Jesus Cristo se acha presente sob as aparências do pão e do vinho, com seu corpo, sangue, alma e divindade.

Santo Agostinho afirma: "Vocês querem compreender o que é o corpo de Cristo? Escutem, pois o que ele diz aos fiéis: Vocês são o corpo de Cristo e cada um é membro desse corpo". (1961)

Para que se entenda melhor a oração eucarística, é preciso não esquecer que ela se dirige ao Pai, portanto, precisamos nos unir a Jesus. Segundo Mons. Odécio, o reino de Deus é sempre um mistério, que necessita ser penetrado para ser entendido. Mesmo diante dos obstáculos ele estará crescendo no nosso coração. O bom líder da comunidade precisa aprender a esperar, dar tempo ao tempo, procurando fazer o possível para merecer este enigma.

"Ninguém pode chegar ao Pai, a não ser por mim". (Jo 6,14). Deus manifesta todo o seu amor por nós, aceitando a oferta de sua

vida e ressuscitando-o dos mortos. Pela oração eucarística nos unimos a Jesus para oferecer a Deus um louvor e uma adoração agradáveis. Mas, essa tarefa é imensa para nós, portanto, é preciso pedir, embora já nos tenha sido oferecida: o Espírito Santo. É ele que nos une a Cristo, para elevarmos a Deus uma adoração perfeita, em espírito e verdade. (Jo 4,23-24).

Em todos os momentos, Mons. Odécio considerou a Eucaristia o mais importante dos sacramentos. Ele jamais concordou com pessoas que participam da mesa eucarística, apenas por leviandade, sem se preocupar com a preparação, com o compromisso que precisa assumir em relação às suas faltas. Ele nunca admitiu que pessoas recebessem a Eucaristia tendo cometido o adultério, semeado discórdias, falado mal do próximo ou maquinar separações, o que seria desrespeitar o mandamento de Cristo, destruir a finalidade da Eucaristia.

"Na Eucaristia, Cristo dá esse mesmo corpo que entregou por nós, na cruz, o próprio sangue que derramou por muitos, para remissão dos pecados". (Mt 26-28). A Eucaristia que se celebra é a salvação de Deus comunicada aos fiéis. Reunir-se em torno da mesa, significa buscar o alimento para a nossa fé e coragem, lembrando que nossa vida também precisa tornar-se uma Eucaristia para a reconstrução da unidade universal.

Mons. Odécio repetia: nunca devemos nos cansar de refletir que a Eucaristia não pode ser celebrada e assumida como um simples gesto devocional, pois nos foi dada como princípio transformador da nossa própria vida, como força para construir a unidade e transformar a face da terra.

Há quem afirme que o nosso futuro está nas mãos de Deus. Conforme a Igreja, o futuro está também em nossas mãos, cabendo a cada um colaborar, a fim de que esse futuro seja luminoso. Não se pode deixar tudo a critério de Deus, esperando que ele resolva sozinho. Não se deve delegar a outros a tarefa que também é nossa.

Deus não quer que as pessoas caminhem para o futuro apostando cegamente naquilo que elas não merecem, ou confiando na força das leis dos homens, no dinheiro, no status, o que seria esconder talentos debaixo da terra e impedi-los de produzir frutos de vida eterna porque o futuro é inevitável, mas de forma imprevista e às vezes desagradável.

Se não construirmos o futuro com nossas próprias iniciativas, ninguém poderá construí-lo por nós. Deus nos cumulou de talentos, inteligência, coragem, discernimento e intenção, portanto cabe a cada um, usá-los de forma eficiente, a fim de que, os caminhos para o futuro se tornem mais acessíveis e claros.

"Ninguém prega retalho de pano novo em roupa velha; do contrário, o remendo arranca novo pedaço da veste usada e torna-se pior o rasgão". (Mc 2,21).

Mon. Odécio jamais aceitava que alguém se aproximasse da mesa Eucarística, sem que estivesse capaz de receber o corpo de Cristo. Jesus mostra para com os pecadores, uma atitude de acolhimento que desperta arrependimento e perdão dos pecados. (At 2,38).

Há pessoas egoístas que se imaginam impecáveis, que não precisam do padre para absolver suas falhas, e que, comparecer diante de Cristo já é o suficiente para terem a luz da glória total. Todavia, para transmitir essa luz Cristo exige a reconciliação, a contrição perfeita dos pecados, para que tantos que estão caídos na lama do comodismo, dos fascínios de uma vida fácil, possam redescobrir o significado e a necessidade da confissão, como processo da libertação de tudo aquilo que impede o homem de encontrar a Deus.

O foco de destaque é a comunhão, que deve haver entre os cristãos, já que nem todos têm a certeza de entrar em comunhão com Cristo, a qual deve ser vivida plenamente.

PECADO: UMA TRANSGRESSÃO DO PRECEITO RELIGIOSO

"Bendito seja o Senhor, meu rochedo, que adestra minhas mãos para o combate, meus dedos para a guerra".

Salmo (143 – 144, 1)

Cada ser humano chegará a hora da confrontação. Assim como Cristo teve de confrontar-se com o pecado do mundo, nós temos que nos confrontar com os pecados dos outros e acima de tudo com os nossos. Em sua vivência apostólica, Mons. Odécio lembrava aos fiéis que cada cristão tem que se confrontar um dia, com a fera do orgulho, da inveja, do egoísmo, que levam as pessoas a se fazerem deuses dos demais e a transformá-las em instrumentos à sua disposição.

Cada um tem que defrontar-se com o abismo da injustiça, do comodismo, da calúnia, do ódio e da vingança. Dessa confrontação, poderemos ser vitoriosos ou derrotados; livres ou escravizados; ressuscitados plenamente para a vida nova ou definitivamente enterrada no abismo da vulgaridade e da perversão.

Para o inesquecível sacerdote, justiça e misericórdia, apesar de combinarem, também se identificam entre si, pois a justiça de Deus é sua misericórdia. Quando falhamos em uma, erramos na outra e vice-versa. Há pessoas, que usam da gana punitiva que determina fazer justiça com as próprias mãos.

Por mais que o pecado seja combatido, há sempre aquelas pessoas que desconhecem a gravidade do pecado e pecam por prazer sem se preocupar com as ofensas causadas a Deus e ao próximo. Já outras, tementes a Deus, sempre que cometem falhas mais graves, se arrependem, e em expiação de suas faltas, procuram obter o perdão, através da penitência.

Contudo, há sempre aqueles de ferramenta pronta para cortar o joio, ou para vingar a lei ultrajada. A esta análise genérica de ordem religiosa podem acrescentar-se algumas considerações particulares para observar que entre as ações e as atitudes opostas à vontade de Deus e ao bem do próximo e as estruturas a que elas induzem as mais características hoje parecem duas: por um lado, há a avidez do lucro, e por outro, a sede do poder, com o objetivo de impor aos outros a própria vontade. (SOLLICITUDO 1987).

Conforme o pensamento de Mons. Odécio, Deus não tolera que autores de tantos pecados e titulares de tantas injustiças, exijam o direito de queimar o joio em praça pública. Não tolera que nossa guerra contra o pecado se transforme em guerra contra o pecador.

É possível que Deus nos peça contas da presença do joio em nossa horta onde Ele havia semeado o trigo. É preciso que cada um assuma suas próprias culpas e coloque em ação a justiça e a misericórdia.

Deus vem a nós de maneira constante e sabe que as pessoas são destinadas ao fracasso e à perdição. Mas, apesar dos nossos pecados, Cristo nos dá o privilégio da absolvição, que nos torna capazes de limpar o nosso espírito, das impurezas e faltas cometidas contra Ele. Quem se reconhece pecador, pode voltar-se para Jesus, com fé e confiança, pois o seu coração misericordioso tem o poder de perdoar (Mt 9,6)

Quando compadecermos diante Dele, teremos a luz da glória. Mas, para que se tenha essa luz, devemos resgatar tantos irmãos que estão mergulhados na lama do pecado. Jesus sempre mostra para com os pecadores, uma atitude de acolhimento que desperta arrependimento e perdão dos pecados. (At 2,38)

O coração do pecador é semelhante à cinza, necessita de penitência e conversão. E o pecador que toma consciência de sua culpa senta-se na cinza (Jó 42,6), com ela cobre a sua cabeça (Ez 27,30), alimenta-se de cinza (Sl 102,10), cobre-se de pó e de cinza (Jr 6,26).

Conhecedor da palavra de Deus, Mons. Odécio sempre anunciou um Reino de perdão para todos os seus paroquianos, a fim de que se preparassem para um encontro mais definitivo e pleno com o Criador. Por não estarem atentos e vigilantes muitos cristãos podem perder várias ocasiões e oportunidades de descobrir a presença de Deus dentro de si.

Às vezes, Cristo expressa e realiza essa esperança, mas o cristão parece desconhecer as expectativas divinas. Entretanto, quem tem fé forte e amor vivo, espera, vivendo fielmente as realidades humanas divinizadas pelo mistério de Cristo, pronto para encontrar-se na plenitude com o Senhor. Esperar é uma das características da vida cristã, condição natural daquele que crê.

Pecar faz parte da vida humana, porque já nascemos com o pecado original, e continuamos pecando na medida em que vivemos. O importante é reconhecer nossas culpas, procurar evitar o pecado da melhor forma possível e que as feras da nossa vida sejam reconhecidas e aniquiladas, pelo arrependimento e pela penitência. Mas, se não reconhecermos nossos erros e nos considerarmos perfeitos, impecáveis, impunes, ilesos e aceitarmos soltar as nossas feras, jamais haverá a reconciliação entre Deus e nós. Jesus não aprova o pecado, mas oferece a condição para sair dessa situação do pecado.

CAPÍTULO IV

4. MONS. ODÉCIO HERDEIRO DE UM IDEAL

> *Então, "Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao céu, abençoou-os, partiu-os e os deu a seus discípulos, para que lhes distribuíssem, e repartiu entre todos". (Mc 6,41).*

Desde cedo os pais de Mons. Odécio se preocuparam em construir um patrimônio para os filhos, para que ao partirem desse mundo, pudessem ter contribuído de alguma forma, deixando algo para seus descendentes. Entendiam que os bens materiais eram importantes para garantir a sobrevivência deles. Mas se esses não possuíssem outros bens espirituais adquiridos através de uma base familiar bem edificada na fé, que lhes garantissem a maturidade e responsabilidade necessárias, poderiam mais tarde sofrer algumas consequências desagradáveis.

Desde a adolescência Mons. Odécio foi agraciado com um ideal, uma herança renovada, uma propensão do espírito, objeto de suas aspirações, que perseguia seu imaginário: "ser Padre". Assim, ele já sabia o que de melhor seus pais poderiam deixar para os filhos quando da terra partissem.

Ainda criança, adquiriu dos pais valores morais e reais que jamais se dissiparam, mas se perpetuaram além da morte. Atitudes, fidelidade, respeito, coerência, caráter, justiça, trabalho e ações que valeram mais que palavras. Educação por meio do exemplo positivo, amor ao próximo e a Deus, integridade, firmeza de atitudes, honestidade e perseverança no bem, além do incentivo à carreira religiosa dos filhos.

Seus pais viveram com dignidade e de maneira correta, sempre criando condições necessárias, para que os filhos construíssem seu futuro, numa base sólida que ninguém conseguisse destruí-lo: "a educação religiosa e intelectual, o trabalho, a moral e os bons costumes". Essas qualidades fincaram raízes e se eternizaram, comprovando que Mons. Odécio foi um homem possuidor de bens materiais e financeiros, dono de muitas fazendas, propriedades diversas, contas bancárias, prédios residenciais e outros.

Esses recursos lhes davam subsídios para a manutenção e o bom funcionamento da Fundação Maria Inácia Loiola, até mesmo após sua morte.

A Igreja Católica ordena que sejam cumpridos os mandamentos da Lei de Deus. Quando Jesus afirmou, que seu reino não era deste mundo quis dizer que os valores que norteavam a vida no seu reino não eram aqueles que embasavam os reinos dos poderosos, egoístas e ambiciosos.

Por iniciativa de Cristo, os valores do seu reino foram anunciados já durante a sua vida pública: bem-aventurados os pobres, os aflitos, os mansos, os sedentos de justiça, os misericordiosos, os puros de coração e os que promovem a paz.

No decorrer de sua vida terrena, Mons. Odécio sempre procurou obedecer a esses preceitos que têm como objetivo viver bem. Mas, para isso era necessário compreender seu significado, com base no primeiro mandamento, que era sua regra fundamental.

Em suas referências Mons. Odécio assegurava: "Quem ama o próximo, não cobiça o que é dele, não o prejudica com mentiras, injustiças, hipocrisias, aparências maldosas, calúnias ou traições". (SAMPAIO, 2000).

O primeiro mandamento implica todos os outros, os quais dele são inseparáveis. A calúnia é uma das piores injustiças existentes, porque priva a pessoa daquilo que é seu direito inalienável: dignidade, honestidade, justiça.

Mesmo sendo possuidor de bens, Mons. Odécio, não precisou deles para merecer a primazia da proteção de Deus. "Se permanecerdes em minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade, e ela vos libertará", ele lembrava em sua pregação.

Libertada pela verdade da Palavra, nosso pároco teve sempre em mente as palavras de Cristo. "Se quiseres entrar na vida eterna, observai os mandamentos de Deus". Vale lembrar, que a Palavra de Deus não é imposta pela força, mas penetra no coração como suave orvalho, agindo nele à luz dos mistérios divinos.

Simplicidade e humildade são os elementos centrais na organização de uma comunidade religiosa, portanto, devemos estar em continua vigilância para não nos desviarmos a partir da vaidade, do orgulho, da hipocrisia ou da ambição. No, entanto, sempre que se age honestamente em defesa de sua reputação, de sua dignidade estará cumprindo integralmente os dez mandamentos.

O ministério sacerdotal está a serviço da evangelização. E ser importante para a dinâmica do Evangelho é poder servir e não servir-se das pessoas. Somente quem serve é importante na lógica do reino. O homem sonha com uma sociedade em que não vigore a repressão, a humilhação, a agressão moral, porque o reino com que sonhamos não está estruturado no poder nem na herança subtraída às escondidas, mas sim, no amor.

Segundo o Papa (BENTO XVI, 2011) "Tudo acaba, todos neste mundo estamos de passagem. Só Deus tem vida em si mesmo. Ele é a vida". Manifestar ao mundo o mistério de Deus que brilha em Cristo, jamais destrói a liberdade, mas a valoriza, pois o conhecimento do Evangelho é luz nas trevas, é vida e esperança.

Mas, para merecer a mansão celeste, precisamos estar sempre em comunhão com Deus, com os nossos semelhantes, sem desvalorizá-los, sem discriminá-los e sem injustiçá-los. Deus ama seus filhos, mas também os castiga quando merecem, pois "quem com ferro fere, com ele será ferido".

FUNDAÇÃO MARIA INÁCIA LOIOLA

> *"É acreditando de coração que se obtém a justiça e é confessando com palavras que se chega à salvação", (Rm 10,10).*

Desde que assumiu a paróquia de Bela Cruz, Mons. Odécio conviveu entre as crianças e na sua maioria provinda de famílias pobres. Ele conhecia a dura realidade em que viviam tantas crianças e jovens carentes de educação, de alimentação e sedentas da palavra do Evangelho de Cristo. Ele sempre dedicou suas energias, partilhando com elas seu tempo, seu trabalho, sua vida. Seu espirito compassivo animava as atitudes para com aqueles que colaboravam com os seus projetos.

De acordo com o seu pensamento, "quando abrimos os olhos e o coração para compreender o profundo sofrimento das crianças, começamos a partilhar da compaixão que Deus sente pelas pessoas". (SAMPAIO, 1980)

É a nossa fé, que nos faz ver o rosto de Jesus, naqueles que sofrem e procuram fazer algo para ajuda-los. Mediante seu contato habitual com os menos favorecidos, percebia-se seu profundo sentido de justiça e a intenção de ajudar aquelas crianças, pelo menos na formação espiritual já que a ajuda material dependia de um esforço mais dispendioso.

Às vezes, em suas atividades rotineiras, Mons. Odécio se deparava com crianças ainda pequenas que acompanhavam outras maiores para mendigar. Ao avistá-lo, se aproximavam dele, pediam-lhe sua benção e em seguida uma esmolinha. As crianças tinham certeza que seriam bem atendidas e satisfeitas com o que recebiam, mas não era o suficiente.

Aquela cena angustiante o deixava transtornado e cada vez mais desejoso de encontrar uma saída para solucionar o problema, não só por aquele momento, mas de uma forma mais concreta e real, que proporcionasse àquelas crianças um futuro mais promissor.

Lembrava-se das palavras de Cristo quando disse: "Em verdade vos digo; quem não receber o reino de Deus como criança, de maneira alguma entrará nele". (Mc 10: 15).

Mons. Odécio gostava de conversar com as crianças, pois percebia que em suas conversas simples, deixavam transparecer a verdade e, portanto, através de perguntas ele se tornava mais conhecedor da vida delas.

Aquele sentimento permanecia inapagável dentro de si, enquanto imaginava: "As coisas só acontecem no tempo oportuno e não antes dele. Um dia hei de conseguir. Deus é quem vai indicá-lo." (SAMPAIO, 1988).

Mons. Odécio conhecia nem só as crianças de Bela Cruz, mas também suas famílias, aquelas mais necessitadas, as mais humildes, suas vivências e a luta de cada uma pela sobrevivência.

Em suas reflexões, Mons. Odécio pedia à Santíssima Virgem pelas crianças pobres de sua paróquia, principalmente pelas mais precisadas e ao mesmo tempo implorava uma luz divina para que ele conseguisse uma saída para a solução do problema.

A relação da Igreja com os mais necessitados, sobretudo com as crianças sempre existiu, pois desde as primeiras comunidades católicas de Bela Cruz, já reconhecia que não era possível cultivar o amor

de Cristo sem se colocar a serviço da vida, ajudando as pessoas que mais necessitavam.

Mons. Odécio conhecia seus paroquianos e sabia que boa parte deles gostava de colaborar, sempre que fosse necessário. Mas, não é somente dando esmolas que se pode socorrer as crianças pobres, mas lutando para que a sociedade se conscientize da necessidade delas e se organize de forma a respeitar direitos e garantias às necessidades básicas de todas as crianças carentes.

"Anunciar não a si mesmo, mas Jesus Cristo, a sua vida e a sua prática, o que Ele fez e o que Ele disse. É preciso que Cristo seja anunciado"; afirma São Paulo, (FIL. 1,18).

Seguindo esse pensamento, cabia a ele como sacerdote fazer a sua parte e dar oportunidade para que aquelas crianças se integrassem na obra divina, adquirissem atitudes de fé e constância, vontade firme, confiança em Deus e a prática do Evangelho de Cristo.

O desejo de Mons. Odécio era ver as crianças bem alimentadas, satisfeitas e felizes. Como portador de uma nobre missão, não desejava ver pessoas famintas espiritualmente. Os olhares deles parecem clamar por reconhecimento, respeito, educação, esperança e autenticidade, movidos por um desejo incontrolável de dar um sentido à vida.

Era assim que via aquelas criaças pobres: vivem à margem da sociedade, excluídas das camadas sociais, desintegradas do meio, sem acesso à saúde, à escola, a uma vida familiar equilibrada. Para elas, a desigualdade de condições de vida, e de oportunidades educativas, o abandono, a exploração e a discriminação, estão sempre presentes no seu caminho. Crianças que vivem distanciadas da Igreja desconhecem Cristo, e padecem pelo martírio da fome e da miséria. No dia-a-dia são vitimas de extrema pobreza, da desintegração familiar, do abuso sexual e da desordem social.

Muitas delas são filhas de mães solteiras, pais ausentes e às vezes desconhecidos pelas próprias mães, que mudam de parceiros, a cada filho que têm, e prosseguem na prostituição, ignorantes, carentes de trabalho e de Deus.

Mons. Odécio presenciava aquela tragédia que lhe despertava piedade e tristeza. Tudo aquilo abria seus olhos e o coração, que compreendendo o profundo sofrimento daquelas crianças desejava compartilhar da compaixão que Deus sente pelo mundo. Sua fé, o fazia ver o rosto de Jesus estampado naquelas crianças e resolveu fazer algo para amenizar seus sofrimentos. A necessidade de arriscar, o levou até à periferia da cidade, onde comprovou uma terrível fragilidade espiritual acompanhada de uma descomunal miséria.

Numa de suas noites de insônia, Mons. Odécio refletiu bastante sobre o caso, e recebeu do Divino Espirito Santo uma ideia: construir uma creche, onde pudesse alimentar as crianças pobres. Um espaço, onde se desenvolvesse um fio de esperança em termos de formação educacional e espiritual, a fim de que aquelas crianças encontrassem na vida uma razão para viver.

Pensou em construir um Centro de aprendizagem de vida, de alimentação, e de educação, iluminado pela fé. Muito embora já tivesse sobre os ombros o encargo de uma paróquia bem populosa, com uma confiança ilimitada, Mons. Odécio decidiu realizar mais um sonho, no dia 10 de outubro de 1985, iniciou os trabalhos de construção de uma creche bem ampla, com uma capela, destinada a todas as crianças carentes desta comunidade.

Foi um trabalho desafiante, uma trajetória de lutas e esperanças, pois sabia que era uma forma mais segura, para melhorar a vida de muitas pessoas sobretudo das crianças que estavam vivendo sem perspectivas. Ele reconhecia que a penúria daquelas famílias paupérrimas não permitia que os filhos tivessem uma formação religiosa.

Não foi fácil, mas foi um trabalho gratificante. Toda busca traz uma esperança: na semente jogada na terra, no time que entra em campo, na prece feita, na mão estendida, na cirurgia que se realiza, no perdão ofertado, em todos esses gestos, as pessoas vislumbram os raios da esperança. Mons. Odécio construiu aquela creche, tocado por uma esperança: de um bem que havia de vir, de um sonho que ele acalentava, de uma pergunta que esperava resposta, de um problema que buscava soluções.

Imerso nesta esperança e na confiança em Deus, no dia 19 de março de 1988, na cidade de Bela Cruz, aconteceu à inauguração da Creche construída pela Fundação Maria Inácia Loiola. O ponto alto da festa inaugural foi a Missa gratulatória concelebrada pelo Cônego Joviniano Loiola Sampaio e Mons. Odécio, com a presença de autoridades e pessoas gradas, inclusive diversos filhos de Bela Cruz, residentes em Fortaleza.

O prédio, sede da creche, amplo e bem localizado, contava com 32 compartimentos, ocupando em seu campo 1.110m² de área construída com 800m² de área coberta. Recebeu desde aquele nome em homenagem à sua genitora, a qual alicerçou sua vida com seu exemplo espiritual.

Todas as despesas vieram de recursos próprios e conseguidos com muito esforço e força de vontade. Para conseguir uma ajuda alimentar, através de convênios, custou-lhe sacrifício, perseverança e bastante persistência.

Foi assim que Mons. Odécio manteve assistência e acompanhamento às crianças matriculadas neste estabelecimento que surgiu

da sua perspicácia e do seu esforço. Aquela Fundação, com capacidade de alojar 300 crianças, gozando de ajuda da Prefeitura da época e da FEBEMCE. Naquela instituição, ele mantinha 120 crianças, diariamente, recebendo alimento para o corpo, para a mente e para o espírito.

Mons. Odécio deixou a Paróquia, mas não deixou as crianças, pois elas eram o seu maior cuidado. Ali ele mantinha uma equipe bem ajustada de jovens e senhoras, além de uma religiosa para assessorá-los. Sua pretensão era que no futuro, aquelas crianças tivessem a presença e assistência da Paróquia.

Em certa ocasião, Mons. Odécio falou: "com as crianças iniciei e com elas finalizarei o meu paroquiato, considerando-as sempre como o alvo central da minha vida sacerdotal". (SAMPAIO).

Sua partida foi tão rápida que não teve tempo para confiar a uma pessoa a responsabilidade de sua Fundação, que lhe custou tanto esforço e dedicação.

Logicamente, seu desejo seria tê-la confiado à Paróquia, a fim de que ela desse continuidade ao trabalho que ele vinha desenvolvendo. No entanto, isso não aconteceu. Em vida, ao fazer um testamento dos seus bens, ele exigia que após sua falta, jamais entregassem à Prefeitura sua Fundação. Mas... ironia do destino; dentro de poucos anos, a Fundação Maria Inácia Loiola já estava à disposição da Prefeitura.

Seu testamento foi registrado em cartório oficial, assinado por ele e mais seis testemunhas, mesmo assim, nenhum se posicionou a favor do pedido que ele fez antes de partir. Não quero dizer que a Fundação não está funcionando bem, mas em meio a tantas outras instituições, a Creche não é importante para outras pessoas, como era para o seu fundador.

Acredita-se que muitas mudanças foram efetuadas, inclusive em termos de funcionamento, mesmo porque, cada um tem sua forma de administrar. O futuro da igreja e do mundo depende das novas gerações e Cristo espera delas grandes coisas. (JOÃO PAULO II, 1995).

A Fundação Maria Inácia Loiola tem, como patrono, São José, que permanece na capela exposto à veneração dos fiéis devotos que ali frequentam. Haverá de proteger aos que trabalham e, sobretudo ao seu fundador que está junto do Pai.

Para Mons. Odécio, o trabalho apostólico exige autenticidade, equilíbrio e maturidade, o que desde cedo não lhe faltou. Consciente de que os resultados de seus esforços poderiam não vir de imediato, ou até lhe causar uma frustração ou sentimento de fracasso, ele jamais hesitou em lutar pela defesa das crianças e pela conversão das pessoas que vivem afastadas de Deus.

Ele sabia que para obter êxito, na nobre missão de educar e de evangelizar, era necessário colocar toda a sua capacidade, espirito,

coração e atividade no cumprimento exato de sua tarefa evangelizadora. Mons. Odécio, nem mesmo quando jovem, nunca foi um sacerdote liberal, aberto, moderno, com ideias avançadas, mas um padre sério, conservador, tradicional, adepto dos costumes de suas raízes, embora de sentimentos religiosos, experiente e de valores morais e intelectuais.

Mons. Odécio parecia ter o impulso da águia que, assumia os desafios, alçando seu voo (elevação de pensamento, ou do talento) acima das montanhas (ápice) desenvolvendo seus sentidos e habilidades, aguçando olhos, ouvidos e competências na tentativa de ultrapassar os perigos. Foi com essa disposição que ele venceu represálias de pessoas ignorantes, sem ética, que tentaram lhe perseguir.

Apesar de ser um sacerdote, Mons. Odécio foi um homem corajoso ousado e enérgico, não temia vinganças, e de fronte erguida enfrentava aqueles que ousassem difamá-lo, porque dentro de si havia uma poderosa fortaleza, seguramente preparada para combater seus inimigos. Seu cabedal de conhecimentos, seu preparo moral e religioso, sempre o fez forte, insuperável e talvez um dos homens mais cultos que Bela Cruz possuiu.

Embora não se encontre mais em nosso meio, temos certeza de que Mons. Odécio estará intercedendo junto à Santíssima Virgem para que a Fundação Maria Inácia Loiola possa levar adiante o projeto de

seu fundador, já que, para ele a criança é o campo que Deus lhe deu para cultivar; é um tenro rebento, uma planta frágil, mas que um dia poderá ser uma grande árvore, produzindo frutos de virtudes e projetando ao longe sua sombra gloriosa e acolhedora. (SAMPAIO, 1980).

MONS. ODÉCIO, UM HOMEM DE CULTURA E DE PAZ

> *"Disse-lhes outra vez: A paz esteja convosco! Como o pai me enviou, assim também eu vos envio a vós"* (Jo. 20,21)

Cultura é um desenvolvimento intelectual, saberes, costumes e valores de uma sociedade. A cultura é a chave da vida, a base da comunidade o elemento real e insubstituível para as mudanças sociais, para os que buscam seu desenvolvimento físico e espiritual. Sem ela, as pessoas caminhariam em passos lentos, sofrendo as consequências da ignorância e da falta de paz.

Mons. Odécio foi amante da cultura. Com sua visão larga e envolvente abriu ao povo belacruzense os caminhos para a educação. Como pastor zeloso e dedicado, ele plantou na juventude de Bela Cruz a semente do saber e da cultura. Inteligente e culto, este ministro de Cristo, conduziu, com muita prudência e perspicácia, um rebanho sem

cultura, transformando-o numa fortaleza por meio da formação educacional, religiosa e pacífica.

Mons. Odécio atingiu o ponto culminante de sua história irradiando luz por todas as redondezas de Bela Cruz, onde demonstrou suas qualidades culturais e religiosas, sempre comprovando sua capacidade de trabalho, apresentando-se como verdadeiro líder de uma juventude sedenta do saber, amiga da paz e do amor ao próximo.

O bom exemplo é a principal lição que um sacerdote deve dar aos seus paroquianos. Isto Mons. Odécio sempre deu aos seus. Foi também o ensinamento mais meritório e eficaz, pois é pela visão, mais do que pela audição, que a instrução e os valores culturais penetram com mais facilidade e se introduzem com mais profundidade no íntimo do ser humano.

"É pela constância humana que se alcança a salvação" (Lc. 21, 19).

Muitas vezes, em pessoas cultas, ou que se consideram cultas, por se tornarem pretenciosas, mesquinhas, sua cultura se mantém subtendida, não se manifesta, ficam à socapa. Este tipo de comportamento tira das pessoas o direito que adquiriram, muitas vezes, com esforço e, o pior de tudo, é que elas próprias não percebem, nem se dão conta do que são.

Mons. Odécio foi o fio-condutor da cultura belacruzense, pois sempre esteve à frente da educação, abrindo um imenso leque de formação, tanto religiosa quanto cultural. A prova é que os alunos que passaram pelas escolas fundadas por ele, encontram-se espalhados por todos os recantos do Brasil e quase todos são pessoas de cultura e de paz, como ele sempre foi aqui na terra.

No entanto, percebe-se que para muitas pessoas a paz vem sendo esquecida e raramente é colocada em ação. Deus criou o mundo dos homens e sem perceberem eles jogaram no lixo aquela paz que receberam do criador, como se já não tivesse mais nenhuma utilidade em suas vidas.

Somente os fracos não descobrem que o amor é a única arma eficaz para se obter a paz. A união entre os seres humanos é a trajetória certa para se conseguir a serenidade. É a alternativa positiva capaz de resgatar a paz, a harmonia entre as pessoas. (GASPAR JOCARIOS, 2012).

Como o sol se eleva diariamente afugentando a noite, iluminando as serranias, expandindo seus raios pelos vales e despertando a primavera, assim também, Mons. Odécio, com sua cultura e sentimento católico e apostólico, chegou nesta Paróquia, para dissipar as trevas espirituais, irradiar a luz esperança e alegria.

A história de Bela Cruz não teria significado, nem seria completa, sem a história de Mons. Odécio que trouxe para esta terra a difusão da Palavra de Deus, a educação cultural e religiosa e a divulgação das Associações Religiosas, sustentando a Igreja Católica, tal como uma ponte que descansa sobre seus pilares.

"Não sejamos daqueles que exigem tanto dos outros e pouco de si mesmos. Evitemos deixar aparecer o bem para sermos louvados." (TIAGO ALBERIONE, 2012). Seguindo esse princípio, Mons. Odécio nunca exigiu de seus paroquianos aquilo que lhes prejudicasse. Se ajudavam, era de sua livre e espontânea vontade e nunca forçados. "Aqueles que negam liberdade aos outros não a merecem para si mesmos." (ABRAHAM LINCOIN, 2012).

Como amigo da cultura, construiu uma obra de arte na entrada da cidade para reverenciar a passagem da Virgem de Fátima. Recebeu a Bênção a 1° de janeiro de 1957. É digno de destacar o trabalho do escultor João Venceslau Araújo e de Djalma Lopes Carvalho, de saudosa memória.

Em consonância com a cultura, Mons. Odécio sentia-se dominado pela paz que lhe envolvia o espírito, pois via nela a imagem da construção divina iluminada pelo conhecimento e pela dignidade humana.

Em suas pregações, Mons. Odécio falou: "O coração humano foi feito para a paz e anseia a convivência harmoniosa com seus semelhantes." Entretanto, vem-se percebendo que a paz não é mais valorizada por inúmeras pessoas. Surgem na sociedade os conflitos, ambições, inveja, discórdias, enfim, problemas que fazem com que a paz se torne um ato quase impossível de ser praticado.

Paz não é apenas ausência de oposições ou simplesmente fechar os olhos e fingir que o conflito não existe. "A paz está onde o amor é maior do que o ódio, onde à esperança é maior do que a falta de fé, onde o bem é mais forte do que o mal." (FREI BETO, 2010).

A paz se encontra dentro do coração de cada ser humano. Basta acreditar e colocá-la em pratica. Somente assim, será devolvido aos homens de boa vontade um mundo repleto de amor e de bonança.

Mons. Odécio pensava assim, com a mesma intensidade e, por isso, estimulava uma cultura de paz. Para ele, a educação para a paz tinha como ponto básico a valorização da dignidade humana em quaisquer circunstâncias. As pessoas têm paz de espírito quando estão de bem com a vida , quando transmitem serenidade, harmonia em seus relacionamentos pessoais e sociais. Somente quando transmitimos esse bem-estar aos nossos semelhantes, é que somos vistos como portadores da paz. (BARROS, 2003).

No decorrer de seu paroquiato, Mons. Odécio, sempre teve pressentimentos de paz. Não aquela paz armada que às vezes se presencia em pessoas desonestas, que só têm paz quando mostram aos outros as suas armas gananciosas da maldade, da iniquidade e da ambição. Pessoas que só se sentem bem quando atingem seus semelhantes com suas armadilhas diabólicas, deixando-os sem qualquer ação de defesa. Essas não são portadoras de cultura e, muito menos, de paz.

Neste sentido é que se pode compreender a afirmação de (MALRAUX, 2005): "A guerra interroga com estupidez e a paz com mistérios". Não basta educar para a paz e para o amor. É preciso que ambos estejam presentes em todas as relações humanas, pois a instrução e a cultura são pontes poderosas de sustentação para esses dois sentimentos tão profundos que fazem bem ao coração humano.

O desejo de Jesus é a paz, a plenitude dos bens da vida.

A paz é fruto da justiça. "Felizes os que promovem a paz, porque serão clamados filhos de Deus" (Mt. 5,9). O caminho para manter a humanidade viva e nova é abrir-se ao mundo, com o diálogo, a compreensão mútua e a paz. Aquela paz que vai sendo construído a cada dia, símbolo da justiça e da solidariedade, espelho mágico da nova humanidade.

"A paz não é algo adquirido da noite para o dia, mas um processo de sensibilização, de conquistas e de vitórias, que inicia dentro

de cada um de nós e passa para nossos trabalhos e nossas atitudes". (CF 2005).

Enquanto viveu, Mons. Odécio sempre presenciou dentro de si a paz, a fé, a cultura e o amor às coisas de Deus. Essas foram as grandes virtudes, que ele preservou em sua vida. A falta de fé protagonizada por S. Tomé é uma pedra de tropeço. Ele só acreditou em Jesus depois que tocou as suas chagas. Precisou ver para crer. Sempre que comentava sobre a falta de fé, Mons. Odécio referia-se ao comportamento de Tomé e à sua falta de fé.

Somos felizes porque mesmo sem a presença física de Cristo, mesmo sem tocá-lo e sem vê-lo, temos a certeza de que em nós está o sopro divino de vida, que nos recria a cada instante e nos impulsiona a vencer o medo, as situações da injustiça e a morte, para construirmos a paz neste mundo tão carente de justiça, de fé, de paz e de amor ao próximo.

Através da fé e da nossa paz interior, poderemos ver e tocar Jesus, sempre que vemos e tocamos as pessoas a quem a paz que construímos devolve a dignidade dos filhos de Deus. No Cristo, está a esperança da nossa salvação. Assim, fé, paz e esperança formam o tripé que alicerça a caminhada dos seguidores de Jesus Cristo.

No decorrer da vida terrena, os cristãos são tentados à prática do mal. Para isso o Satanás se esconde por trás dos poderes dos meios

desonestos, lançando mão de malabarismos corruptos, mentirosos, para envolver os seres humanos, pessoas que usam de suas capacidades param se enaltecer, receber elogios de seus iguais, na tentativa de humilhar alguém.

Em alguns momentos, Mons. Odécio também se sentiu tentado por pessoas em forma de demônio, procurando envolve-lo. Sem se deixar abater, ele se mantinha firme nas suas convicções e advertia: "Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um escândalo, teus pensamentos não são de Deus, mas dos homens" (Mt 16,23).

Deus vem ao nosso encontro de maneira constante. Portanto, esperá-lo é uma das características da vida cristã, condição natural daquele que crê e espera vivendo a sua fé, a sua cultura e a sua paz.

MONS. ODÉCIO NÃO VALORIZAVA O CRISTIANISMO FINGIDO

> *"De que serve fazer o sinal da cruz sobre a fronte, se o nosso coração não está igualmente marcado com este sinal? Deus não quer repetidores de seus sinais, mas feitores deles".* (Santo Agostinho).

O cristianismo é a religião cristã baseada nos ensinamentos, pessoa e vida de Jesus Cristo, que nos instrui com as palavras da verdade, anunciadas pelo Evangelho da Salvação. Para a Igreja, não se trata tanto de pregar o Evangelho em espaços geográficos cada vez mais vastos, mas de atingir e modificar os critérios e valores, os interesses, as linhas de pensamento da humanidade, pela força da palavra.

Em sua caminhada sacerdotal, Mons. Odécio contestava o cristianismo feito apenas de palavras, mas vazio de conteúdos e sem nenhuma ação. Para ele, não tinha nenhum valor um cristianismo feito de falsas afirmativas e de promessas não mantidas. Aquelas discussões de aparências, acerca da caridade e do amor cristão, incapazes de reverter à situação da injustiça, da vingança e do egoísmo em que a sociedade continua se debatendo não têm nenhum valor. Este tipo de religião é efêmera, porque é falsa e aparente.

Ás vezes, ele comentava que pessoas chegavam a desaprovar suas profissão de fé, chegando a contradizer o batismo e outros sacramentos que um dia receberam. Contestavam suas ações, alegando que as palavras do padre são duvidosas, infundadas e que não passavam de recusas mascaradas. Mesmo assim essas pessoas eram vistas frequentando a Igreja, frente ao padre, fingindo rezar, mostrando-se religiosas, pacificas e obedientes às leis da igreja e de Deus.

É exatamente aquele tipo de cristianismo estéril e sem incidência na sociedade que Jesus denuncia, porque o que Ele deseja promover é uma religião cristã, fecunda em obras, ações e gestos de amor gratuito. Precisamos eliminar de vez o cristianismo declamatório, fingido, cujos admiradores passam a vida declamando a beleza do Evangelho, criando poesias, falando do perdão, da verdade, da paz e, no entanto, nada fazem para transformá-lo em ação, fugindo da triste realidade em que vivem.

O verdadeiro cristianismo requer inspiração, sacrifício, oração e bastante compreensão. Um pouco de contemplação, consistência e reflexão poderiam multiplicar nossas forças e nos ajudar a sair do círculo daqueles que dizem, mas não praticam.

As pastorais das comunidades poderão ser sinal de compromisso evangélico ou, simplesmente, sinal de satisfação pessoal. Deus ama e quer a vida, nós também precisamos amar e defender a vida dos nossos semelhantes. Mas, é importante refletir de que forma estamos procedendo e quais são os sinais que as pastorais realizam, para adquirir credibilidade perante os irmãos em Cristo.

Elas não precisam se preocupar com a massa, mas procurar ser fermento nesta massa.

A Igreja não está obrigada a resolver os problemas que afligem o dia a dia das pessoas, mas têm obrigação de se pronunciar, quando a dignidade da vida humana se encontra em perigo. (SAMPAIO, 2000).

As pastorais das comunidades devem dar resposta aos anseios do povo, para uma vida mais digna e mais cristã. De acordo com as advertências do nosso inesquecível Vigário, as comunidades cristãs devem ser continuadoras da missão de Jesus. São elas que devem levar a todos o gosto pela mensagem da salvação.

Somente uma comunidade solidária e comprometida com a realidade do mundo contemporâneo poderá dizer-se cristã e cumpridora de seus deveres de filhos de Deus.

Segundo o Evangelho, "o bom pastor conhece suas ovelhas". Com base nessa prescrição, Mons. Odécio não se deixava enganar, pois conhecia a vida de seus paroquianos, muito embora eles nem imaginassem.

Talvez presumissem que o Padre não conhecia seus atos, suas maldades, e até os considerasse honestas, católicas e verdadeiras. Mas, como bom observador, ele analisava os comportamentos, baseado nas informações adquiridas.

Esta verdade foi comprovada desde que pessoas que feriram a reputação do padre tiveram seus nomes desmoralizados pela má conduta praticada. Em seus sermões, Mons. Odécio comentava: "Ninguém tem o dever de submeter-se a um agressor ou caluniador, mesmo que não saiba até onde vai à defesa e onde começa a opressão do outro". Este é um discernimento a ser feito em cada situação e em certo momento certo.

Como pároco, ele procurava combater a ignorância religiosa, apontando um novo caminho a seguir para um relacionamento mais profícuo com Deus e com os irmãos. Naquele momento, era a voz do Bom Pastor que emergia sonora e límpida; voz poderosa e segura indicava a direção a seguir. Não uma admoestação, mas uma palavra amiga, que sem rodeios, tenta corrigir erros, denunciar a desonestidade e desaprovar as injustiças provocadas por alguém que não vive a Palavra de Deus.

MONS. ODÉCIO E SUA MISSÃO EVANGELIZADORA

> Jesus replicou: "*Antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus a observam*" (Lc. 11 28).

Como verdadeiro discípulo de Jesus, Mons. Odécio assumiu a missão de ajudar as crianças e os jovens a se tornarem pessoas integradas, com sentido de responsabilidade social e religiosa, que promovessem os valores do Evangelho e participassem da nobre missão de construir o Reino de Deus.

Falar de missão é falar de experiência, de mergulho no outro, de compreensão do diferente, de levar esperança de que outro mundo é possível. Ao assumir o seu paroquiato, em Bela Cruz, Mons. Odécio passou a viver o dia a dia das pessoas, as quais ainda não as conheciam. Ali, encontrou pessoas católicas amigas, satisfeitas com a presença do sacerdote. Conheceu jovens carismáticos, sedentos de Deus, e também aqueles afastados da Igreja e do Padre. Encontrou senhores profanadores que tratavam com irreverência as coisas sagradas.

Por outro lado, ele viu jovens e crianças necessitadas da catequese, da formação intelectual e religiosa; senhores carentes de confissão, de evangelização, de conscientização de seus erros. Tudo aqui-

lo o fez descobrir que sua missão era uma experiência árdua e, ao mesmo tempo, uma prática desafiadora e fraterna.

Cabia a ele conhecer melhor e respeitar as diferenças, apontar erros, evangelizar, descobrir possibilidades, incentivar mudanças. Às vezes, refletia e sentia que alguma força estranha conduzia aquela comunidade à negação de Deus e até temia que chegassem a debochar do Padre ou desprezá-lo.

Lembrava-se de BAKUNIN, (2004, p. 19) quando escreveu: "a liberdade dos outros aumenta a minha até o infinito". Neste mergulho missionário e evangelizador Mons. Odécio também ia se descobrindo. Imaginava seus valores, desafios, sonhos e utopias. Descobria suas possibilidades e limitações, mas sabia o quanto seria difícil para aqueles reconhecerem seus desvios e as falhas humanas.

No entanto, precisava estar aberto para essas experiências e mudanças, pois essa era a sua missão e reconhecia a beleza desta caminhada para Deus. A missão era árdua, mas linda ao mesmo tempo. E entre dúvidas e esperanças, a vida ia se tecendo, e Mons. Odécio ia quebrando preconceitos, enfrentando as diferenças e constatando que é possível viver dignamente, enquanto muitos trilham caminhos apáticos e abjetos. Ele descobriu que precisava construir um mundo mais fraterno, enquanto outros continuam na redoma, mergulhados no mar da discórdia e da insensibilidade. Às vezes pensava: assim como Jesus

enfrentou o mundo, o sofrimento, sozinho, preciso encarar essa comunidade de fronte erguida, pois há uma paróquia esperando a minha evangelização. (SAMPAIO, 1942).

Lembrava as palavras de Solon: "Quem aprendeu a obedecer, saberá comandar". Na vida sacerdotal, há momentos em que é necessário caminhar na escuridão da fé e no silêncio absoluto de Cristo. São situações benéficas, pois coloca à prova as suas fragilidades. É neste momento que a luz divina resplandece, e Deus se manifesta para renovar sua aliança com ele, frutificar suas esperanças e oferecer ao sacerdote a chave da fé e do exercício de sua missão.

A missão sacerdotal é evangelizar, tentando recuperar os pecadores que se encontram dominados pelos vícios, pelo ódio, pela mentira, pela corrupção moral e destruição da família, com o propósito de libertá-los de sua condição medíocre. Os discípulos de Cristo têm a missão de salvá-los desta catástrofe.

Essa missão não é confiada somente aos padres, mas a toda a comunidade católica. Ela também tem a responsabilidade de mostrar que é possível construir uma sociedade cristã fundamentada em novos princípios: na evangelização, no perdão, no serviço recíproco e no respeito pelos outros.

Tendo recebido a missão de manifestar ao mundo o mistério de Deus que brilha em Cristo, ao mesmo tempo a Igreja descobre o ser

humano, abrindo-o à verdade total acerca dele e do seu destino. Nessa perspectiva, a Igreja é convocada a servir os homens, em virtude de sua própria missão evangelizadora.

Mons. Odécio foi um sacerdote de fé, de pensamento elevado e sentimento religioso. Jamais se abalava com coisas sem utilidade. Em suas reflexões, pensava: mesmo que o corpo tenha estacionado, ele precisa continuar crescendo nos seus conhecimentos, na formação de sua personalidade, na sua vida de evangelização. E todo crescimento exige esforços, liderança e direção espiritual. "O agricultor que deseja ver suas plantações crescerem e produzirem, precisa trabalhar com afinco: preparar o terreno, colocar a semente, regar, cuidar dos insetos, até que as plantas produzam frutos". (SAMPAIO, 1995).

O ser humano é como um campo fértil. Depende de cada um fazer com que ele produza belas flores, árvores frutíferas ou espinhos indesejáveis. Tudo vai depender do trabalho, da boa vontade, da inteligência, do caráter e do relacionamento com Deus, quando nos damos a conhecer nossa própria essência de luz, vida e confiança nas nossas ações.

FALANDO DA SOLIDÃO

> *"Na cruz, quando sofria o maior abandono possível, Cristo realizou a maior obra que superou os grandes milagres e prodígios operados em toda a sua vida: a reconciliação do gênero humano com Deus, pela graça".* (São João da Cruz).

Ser sacerdote é optar por uma vida solitária, embora se saiba que nem mesmo as pedras estão sozinhas. Os peixes andam em cardumes, as aves migram em bandos, as abelhas se associam em suas colmeias, para se comunicarem.

O homem vê, pensa, sente, é consciente, ama, cativa, descobre o outro, cria laços, se organiza e aspira viver em comunidade. E foi guiado por este prisma que Mons. Odécio escolheu sua vocação religiosa: o Sacerdócio.

Iluminado pela fé, ele recebeu formação espiritual e religiosa e nas sua primeira e última paróquia viveu em comunhão com seus ideais, aspirações e esforços, numa comunidade de partilha de vida, de cultura, de amizade, de perspectivas, projetos e realizações, onde todos deveriam viver de mãos dadas, tentando construir uma paróquia progressiva, fraterna, feliz e unida.

A comunidade cristã é construída de colaboração mútua, trabalho e união. Quando os jovens se sentem dominados pela vocação sacerdotal e resolvem atender o chamado de Deus, deixam o convívio paterno onde nasceram e viveram para se entregar ao serviço de Deus, fora de casa. Embora adorem a companhia dos amigos, pode acontecer irem de alguma forma, um pouco abandonados, sozinhos, aparentemente rejeitados.

Mons. Odécio foi um sacerdote vivaz, que botava sua intelectualidade para voar e de olhar prático e abrangente, envolvia toda a Paróquia, suas necessidades, seus problemas e desafios, sua visão surpreendia seus paroquianos, pois a maioria fazia-se presente para ajudá-lo. Nem sempre ficar sozinho significa estar infeliz ou isolado, porque todas as pessoas têm necessidade de ficar só. Nesses momentos de solidão, temos a oportunidade de ouvir a voz da nossa consciência e observar o que acontece em volta.

Há quem julgue que a solidão é sinônimo de angústia, abandono ou desamparo, e, portanto, evita ficar sozinho fugindo de si mesmo, procurando nos outros aquilo que não consegue encontrar em si próprio. Quando passamos por algumas decepções ou dificuldades na vida profissional, sentimos a necessidade da solidão, para colocarmos em dia nossas ideias, nossos projetos e suposições.

Mons. Odécio foi vitima da solidão. Embora tivesse muitos amigos, ele sentia-se só, em um ambiente diferente do que viveu. Mas quando se encontrava dominado por esses sentimentos, uma força interior e poderosa, falava mais alto, dando-lhe forças para superá-los, apontando-lhe caminhos para uma saída feliz e proveitosa.

A angústia da solidão pode surgir quando nos sentimos sozinhos, sem vínculos de convivência com amigos, com familiares, e essa separação pode ocasionar o isolamento e a insegurança que, de certa forma, bloqueiam a comunicação com outras pessoas.

Em seus momentos de solidão, Mons. Odécio refletia: "Se a flor pudesse compreender e sentir, por certo, sofreria ao murchar e perder as pétalas, entretanto, é preciso que assim seja, para que o fruto chegue a se desenvolver e produzir". (SAMPAIO, 1996). Era nesses momentos que ele parava para fazer um balanço do que era mais importante em sua vida sacerdotal. Estar só, não é estar isolado, mas mergulhar em si mesmo. É um estado difícil, mas que nos faz crescer, condição imprescindível para que se esteja bem com os outros.

Mons. Odécio sentiu-se sozinho quando foi convocado, injustamente, para comparecer aos tribunais de justiça, por causa de algumas carnaúbas e nenhum de seus paroquianos prontificou-se a acompanhá-lo. Mesmo assim, ele não se intimidou porque tinha diante de si

a presença imortal do Criador, que com sua força Suprema lhe garantiu o apoio necessário.

As mesmas carnaúbas, por algum tempo, permaneceram na creche, sendo utilizadas mais tarde pela Prefeitura, local como proteção de uma praça invadida por animais, em vez de um vigilante talvez mais adequado.

Muitas pessoas não usufruem de ocasiões e oportunidades preciosas de descobrir a presença de Deus, por não estarem atentas ou por não obterem merecimentos. Aqueles que escolhem o ideal de concentração egoísta, de satisfação de seus caprichos, são inimigos do Reino de Deus e estarão marcados e condenados a um futuro medíocre. São pessoas infelizes, porque escolheram caminhos errados e assim se colocaram numa situação que impede a aceitação de Deus ficando distante da libertação, impossibilitadas de encontrar-se com o Pai.

CAPÍTULO V

MONSENHOR ODÉCIO, PRESENÇA DE VIDA EM ORAÇÃO E TRABAHO

"A oração não é mais do que uma conversa pela qual a alma se entretém amorosamente com Deus" (São Francisco de Sales)

Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na organização moral do homem. A oração é o infinito sublimar-se da alma, pelo contato com Deus. O trabalho é o inteirar, o desenvolver das energias do corpo do espírito, mediante a ação contínua de cada um, sobre si mesmo, e sobre o mundo onde lutamos. O homem que trabalha, acerca-se, continuamente de oportunidades para desenvolver sua sensibilidade, para com os demais, por meio do diálogo, da troca de atividades, de caráter físico ou intelectual, necessários à realização de empreendimentos úteis a vida.

A oração do ocioso não é aceitável porque a ociosidade a dessagra. Uma é parceira do outro. Quando o trabalho se junta à oração e esta ao trabalho, a criação do homem semelha em maravilhas. Quem quer que trabalhe está em oração ao Senhor, já que, a oração é uma

abertura à realidade da criação, um eco de vida solidária com os irmãos. É um apelo apostólico que recolhe as penas e alegrias, angústias e esperanças daqueles que Deus coloca em seu caminho.

Mediante a oração, Mons. Odécio venceu barreiras, enfrentou obstáculos, superou tentações. Quem o conheceu, sabe bem o quanto ele valorizava a oração. As seis da manhã, ele já estava subindo os degraus do altar da Igreja para celebrar a santa missa, o que fazia com bastante esmero e perfeição. Mas, antes, ao entrar na Igreja ele dirigia-se ao seu genuflexório, onde prostrado diante do S.S. sacramento orava contritamente, talvez agradecendo a Deus por mais um dia de vida, trabalho e oração. Ele sabia, que a oração mecânica não tinha significado.

Aos domingos e dias santos, Mons. Odécio celebrava duas missas, uma às sete horas da manhã e outra às nove. Às cinco da tarde, ministrava a bênção do SS Sacramento com todos os rituais e cantos maravilhosos, entoados em latim, como o "Tantum Ergun e outros", em suas várias tonalidades de músicas e outros ensinados ao povo, junto às cantoras e o velho harmônico do Sr. Joca Lopes, tendo ele como orientador.

Ali, se observava a empolgação dos fiéis, que embora não soubessem bem o significado daquelas palavras, decoravam aqueles cantos e ninguém ficava calado. Aos primeiros domingos de cada mês,

após as missas, davam início as horas de adoração do SS Sacramento realizadas pelas associações pias, a começar pela Cruzadinha, das dez horas as onze, seguida pela Pia União das Filhas de Maria e Terezinhas das onze às doze. Às treze horas, entrava a Congregação Mariana, às quinze horas as Zeladoras das Vocações Sacerdotais e das dezesseis às dezessete horas, ocorria à adoração do SS Sacramento assistida pelo povo em geral, encerrando-se com a Santa Bênção.

Para o povo, toda aquela cerimônia era uma apoteose, uma glorificação. A Igreja ficava repleta de fiéis para assistirem o espetáculo da Bênção, acompanhada de cânticos inesquecíveis. Todo aquele esplendor e honras tributados ao Ser Superior tinham momentos dos mais significativos para os fiéis. Eram momentos de glórias e orações, que atraiam famílias, jovens, idosos e crianças. Ali estava uma demonstração de fé, de religiosidade e de oração dos paroquianos de Mons. Odécio.

Também se podia perceber a felicidade dele, ao ver aquele entusiasmo do povo católico de sua comunidade que ao seu lado louvava e agradecia a Deus.

Anualmente o mês de maio consagrado a Santíssima Virgem Maria, era festejado com muita veneração. O santo terço era recitado e contemplado pelo próprio Padre, todos os dias, seguido da novena,

com ladainha cantada pelo coral e pelo povo em diversos timbres, cada qual mais lindo e tocante ao coração dos ouvintes.

Nos demais meses do ano, eram festejados os tríduos de S. José em março, S. João, S. Antônio e S. Pedro em junho e no mês de outubro o santo terço era recitado às seis da tarde, pelo Padre e assistido pelo povo, que assiduamente frequentava a Igreja.

Naquela época, não havia os grupos que temos hoje, mas tudo era organizado da melhor maneira possível, pelas associações, cantoras e pelo sacerdote, que comandava todo aquele aparato religioso.

O trabalho empreendido pelo nosso Vigário nesta Paróquia, assemelhava-se ao de um jovem que, sonhando que no cume de uma montanha se encontrava um tesouro e para alcançá-lo deveria enfrentar dificuldades, ele arriscou-se de corpo e alma até obtê-lo. Mons. Odécio foi aquele jovem estudante corajoso, ideal, reflexivo, esforçado, perseverante e conservador, que conhecendo bem, onde se encontrava o tesouro celestial, ele não hesitou, não mediu esforços e com bastante cautela, procurou as melhores passagens que deveriam conduzi-lo até o cume da verdade, da fé e da presença de Deus, onde encontrou o erário sagrado que deu sentido à sua vida eterna.

Na sua luta diária, Mons. Odécio gostava do trabalho que desenvolvia, sem se queixar, sem se afobar. Planejava seu trabalho e no

seu plano procurava fazer tudo com muita sensatez, baseado na reflexão da Bíblia: "Isso eu posso fazer".

Com este pensamento, ele assumia uma atividade mental correta, refletindo que a facilidade ou a dificuldade em suas atividades, ia depender de como ele as praticasse.

Se as realizasse com tensão e sem satisfação elas se tornariam árduas e sem importância, mas se as executasse com prudência e sem aborrecimento, poderiam se tornar mais fáceis e mais produtivas.

Assim, às vezes cansado, rezava, pedia forças e sentia-se reanimado para prosseguir.

À noite, adormecido, ouvia de seu subconsciente uma voz que dizia: "Torna-te eficiente em tuas atividades, eficaz em tuas ações", porque "Saber é Poder". E prosseguia "Fazer algo correto é bem mais fácil e vantajoso". O trabalho honesto exige calma, suavidade, mansidão de caráter, portanto, não se estafe, nem se apresse, pois jamais se deve dar o passo maior do que a perna".

Seguindo esses princípios, Mons. Odécio executou nesta paróquia importantes realizações. A disciplina sempre foi o seu leme, mantendo em dia seu trabalho, sem se exceder, mas também não costumava deixar para amanhã o que podia fazer hoje, embora cuidasse para não acumular o desempenho de suas funções, a fim de não torná-lo mais cansativo e atrasado.

No desenvolver de suas tarefas, Mons. Odécio costumava rezar a propósito delas, para pedir proteção e eficiência. Para isso, ele admitia seu "sócio invisível": DEUS. E era surpreendente a ajuda que ele recebia. Mesmo porque, o Criador sabe mais, com referência aos nossos trabalhos do que nós mesmos.

Ao abraçar sua missão de Pároco, ele já havia construído seu próprio itinerário. Recebendo de Deus, a função que lhe foi conferida, que embora árdua, ele assumiu essa incumbência com bastante confiança, acreditando que Cristo o ajudaria a enfrentar os perigos que surgissem ao longo de sua caminhada. E com certeza, ajudou-o até o final e continua ajudando no santuário do Senhor.

Na sua trajetória, Mons. Odécio encontrou pessoas consideradas blocos de mármore bruto, os quais ele deveria esculpir para o tempo e a eternidade. Seus primeiros traços foi com as crianças, retomando o cinzel e o martelo da formação religiosa e da oração, através da catequese, lembrando que não estava sozinho, pois, Deus estava com ele, ensinando-lhe as noções da doutrina cristã.

Às vezes, refletia: "Assim como meus pais me ensinaram as primeiras orações e guiaram meus primeiros passos no caminho de Deus, os professores abriram minha personalidade em formação aos apelos do dever e da religiosidade, lançarei agora os fundamentos deste edifício, que irá sustentar toda a construção do meu paroquiato". (SAMPAIO, 1942).

Pais e educadores ofereceram-lhe materiais necessários à sua estruturação social, através de conselhos, encorajamento, admoestações, cabia-lhe agora a oportunidade de construir seu monumento paroquial. Embora fosse ainda um sacerdote recém-formado, Mons. Odécio era experiente e sabia como fazer.

Como afirmou (SAINT_PIERRE, 1998) "as boas ações sobrevivem aos cidadãos e são os únicos títulos que a sociedade respeita".

Enfrentando com integridade seu trabalho apostólico, Mons. Odécio rogava ao criador seu auxílio, enquanto pensava: "Se Deus me deu essas qualidades e deseja que eu as desenvolva, não deixará de me ajudar quando for necessário". (SAMPAIO, 1996)

Sendo ele um sacerdote capaz, jamais se deixou levar por picardia de pessoas sem conhecimentos. Ele sabia que era preciso aceitar certos tipos de angústias e ao mesmo tempo transcendê-los, mesmo que, por vezes, saboreasse o cálice da amargura, procurava aceitá-lo como uma virtude e descobrir nela uma impressão de profundeza, pois era ele quem deveria experimentar a taça do dissabor, para um fim útil à sua vida sacerdotal.

Nos primeiros anos de paroquiato, os sacerdotes são como pequenas sementes que também dependem de cuidados, pois já estão

dispensados do desvelo dos pais, mas precisam crescer espiritualmente. Falta-lhes, aquele crescimento interior que além de mais difícil, nem sempre vem o suficiente para superar as polêmicas.

O crescimento espiritual da vida da graça é mais empenhativo, mais dispendioso, porque depende deles, de como vão aceitar o inesperado. As pessoas poderão colaborar, mas ninguém poderá forçar sua personalidade. Considerado uma pessoa íntima com Deus, Mons. Odécio foi sempre um sacerdote de oração e de trabalho, engajado em favor de seus paroquianos com os quais e para os quais lutou.

Para ele, era uma maravilha ver sua comunidade na Igreja, rezando, cantando, louvando e agradecendo a Deus, cada um com características de verdadeiros cristãos, pois a oração é um ato de convicção fundada sobre o testemunho, a fonte do maior número dos nossos conhecimentos.

Mons. Odécio, sempre teve em Cristo o modelo de sua vida. Seu lema, foi o que se falou do Filho de Deus: "Passou pela vida fazendo o bem". Sempre buscou oportunidades de estar entre as crianças e os jovens carentes, tentando de forma espontânea estabelecer um diálogo que atingisse suas preocupações sociais e religiosas, pois suas ações apostólicas se inseria na visão integral de sua missão, para com Deus.

Conversando com os jovens, Mons. Odécio advertia-os: "Devemos imitar um líder que não tenha falhas. E esse líder é Jesus Cristo, o

exemplo certo para todos os tempos e idades, pois sua vida jamais será superada e nunca ultrapassada". (SAMPAIO, 1960)

Através da intervenção divina, Mons. Odécio teve sua vida e missão a serviço da oração e do trabalho. Para a obtenção desse privilégio, Cristo apontou-lhe o caminho da liderança profissional e pastoral, concedeu-lhe competência evangelizadora, autonomia e equilíbrio emocional e pessoal, além da criatividade, flexibilidade, dom de ouvir e espírito de fé, trabalho e oração.

A DIMENSÃO RELIGIOSA E SOCIAL DE MONS. ODÉCIO

> *"Bem-aventurado és tu que creste, pois se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas".*
>
> *(Lc 1, 45)*

Como no seio das montanhas solitárias nascem os rios e vales, inundam fertilidade as extensas campinas, assim também Mons. Odécio deixou a solidão do Seminário para empunhar a espada levítica na arena do reino de Deus. Seu ideal era transformar seus paroquianos em colaboradores de Cristo, através da Evangelização.

Sua maior inserção na história de Bela Cruz verificou-se no seu dinamismo religioso e social, onde se deixou transparecer pela exuberância da catequese e da educação intelectual, tendo como colaboradores as associações religiosas e o povo.

Além das instituições escolares fundadas por ele, inúmeras escolinhas residenciais que deram suporte às primeiras noções da leitura, escrita e cálculo, foram organizadas em comunidades pertencentes à paróquia e por ela remunerada. Aos poucos, ele foi revolucionando aquelas localidades, numa busca sôfrega por um sentido fundamentado na fé e na dimensão social.

No decorrer do seu paroquiato, Mons. Odécio, em dados momentos, sentiu-se fragilizado, mas jamais se prendeu à sensação fragmentária de violação de seu sacerdócio, ou de ruptura da fé. Sua dimensão religiosa, lhe fortalecia e lhe dava confiança de que o caos não ia prevalecer sobre a ordem de que, para além dela, havia um sentido implícito; que diante das incertezas havia sempre uma palavra unificadora; que faze ao absurdo, o desespero e ao ceticismo não ofereceu uma resposta satisfatória às suas angústias.

Para ele a vivência da fé e da sua vocação não podiam estar dissociadas de uma prática que as comprovasse, pois somente crer em Deus não era o suficiente. Era preciso que esta crença fosse testemunhada e várias são as formas para comprová-la. A partir do momento

em que se assume um compromisso, estaremos responsáveis por ele, portanto, cabia ao Padre continuar a missão de Cristo, na busca da libertação de seus paroquianos.

Embora existissem certos desafetos entre o Padre e alguns paroquianos, Mons. Odécio sempre teve entre eles, grandes amigos, pessoas honestas, atenciosas, prestativas, que reconheciam seus valores religiosos, humanos, morais e intelectuais.

Como líder cristão, ele conhecia aqueles a quem podia confiar e por isso, em suas conversas com as crianças, indagava sobre os conhecimentos cristãos e as verdades essenciais para a salvação. Aos primeiros contatos com as crianças logo perguntava se estava no catecismo, pois seu desejo era dedicar-se ao ensino religioso conforme suas aptidões.

Ele sabia das inúmeras tentações do nosso tempo e das seduções que pretendiam silenciar a voz divina, que repercute no íntimo de cada ser humano.

E foi conversando com jovens e alguns pais que ele conseguiu conduzir ao seminário vários adolescentes, e embora nem todos tenham conseguido a vocação desejada, mas alguns tornaram-se sacerdotes. E aqueles que por motivo ignorado se afastaram do seu ministério sacerdotal, não abandonaram a Igreja, liderando grupos religiosos, pregando o Evangelho, estudando, pesquisando e escrevendo livros

maravilhosos como fez o professor Aureliano Diamantino Silveira (in memoriam).

Cultor de letras, um pesquisador incansável, que deu sua vida viajando por outros países, em pesquisas importantes para o enriquecimento de suas obras imperecíveis.

A Igreja se oferece como companheira de viagem, e oferece a mensagem eterna do Espírito, àqueles encarregados da tarefa apostólica.

Muitas crianças que Mons. Odécio acompanhou seu crescimento e por motivos pessoais não se tornaram sacerdotes, talvez por capricho do destino, mas o incentivo dos pais e dos professores os transformou em pessoas dignas d bens espirituais, de cultura e de fé, e, portanto, protagonistas da Nova Evangelização, e verdadeiros artífices da renovação social. É pela nossa constância que alcançareis a salvação. (Lc 21,19)

"Se a juventude é período de descobertas intensas do próprio projeto de vida, é tempo também de crescimento, que deve realizar-se em sabedoria, diante de Deus e dos homens". (lc 2,52)

Mons. Odécio sabia que a Igreja tinha tantas coisas para dizer aos jovens e estes tinham muitas coisas para dizer a Igreja. É neste intercâmbio de conhecimentos, que Deus deseja comunicar a plenitude de sua revelação.

Hoje, Bela Cruz tem filhos dotados da nobre missão de educar. A educação, não é somente o ensino e a disciplina, mas através da relação contínua e diária entre alunos e professores, é que deve haver devotamento ao colocar sua capacidade, seu espírito e sua vida no cumprimento de seus deveres profissionais.

Hoje, temos conterrâneos educadores, dedicados à sua profissão, cuja solicitude de mestres, está sempre voltada para suas atividades e para seus alunos também. São pessoas que cresceram no convívio com Mons. Odécio, tendo-o como orientador espiritual, ouvindo seus conselhos, assimilando suas lições de vida, sua dimensão religiosa e social, colaborando com os atos da Igreja, acolhendo suas ideias e opiniões, como manifestação de amizade e de princípios cristãos.

POSSE DO SEU SUCESSOR, PE. RÔMULO ROCHA

"Quem come minha carne e bebe meu sangue permanece em mim e eu nele". (Jo 6,52)

No plano de Deus criador, Mons. Odécio descobriu não só a sua missão, mas também o valor do seu ministério sacerdotal. Ao longo de mais de 50 anos, impulsionou a formação e expansão da catequese,

abrindo escolas, colégio e outros centros de apostolado em vários locais da Paróquia. Suas tarefas de Pároco, desenvolvidas na sua caminhada, brotaram do seu próprio ser, representando seu trabalho dinâmico e existencial.

Na sua jornada, Mons. Odécio descobriu e encontrou em si mesmo, o apelo inextinguível, que definia sua dignidade e responsabilidade de um bom Pároco. Nos seus 80 anos de existência, já cansado pelo peso da idade, mas consciente do dever cumprido, entregou a paróquia ao seu sucessor Pe. Manuel Rômulo Rocha.

Ao entregar a Paróquia, com bastante espontaneidade e alegria falou um pouco sobre a vida do novo Pároco, que ele não vinha destruir o que estava construído, mas aperfeiçoar o que estava necessitando. Pediu ao povo que fosse solidário com ele, colaborasse e trabalhasse com ele, pois se quiser um Padre amigo, leal, seja também seu benfeitor.

Entretanto, nem todos colaboraram, de forma que em poucos anos de paroquiato Pe. Rômulo preferiu sua transferência para a paróquia vizinha, sua terra natal. Mas, enquanto pároco de Bela Cruz foi um sacerdote exemplar, alegre, trabalhador, um Padre ortodoxo, bastante estimado pelo povo das comunidades paroquianas e sempre teve o Evangelho como sua cartilha. Um padre fiel à Igreja católica no seu porte sacerdotal e nos seus ensinamentos.

Mons. Odécio recebeu seu sucessor com satisfação e confiança, reconhecendo o trabalho que desenvolveu aqui como Pároco, e acrescentou: "Você vai ser o escultor, que vai podar uma árvore de 54 anos para que ela ofereça frutos abundantes. Vai ser o jardineiro, que vai cuidar e zelar os canteiros em botões, para que as suas rosas se abram e soltem perfumes e encantos. Vai ser o médico que vai enxertar novas forças, para que seus frutos se tornem mais saborosos e nutritivos". (SAMPAIO, 1996)

Pe. Rômulo é um sacerdote do nosso conhecimento, pois já conviveu nesta paróquia por sete meses. Quando ordenado, prestou serviços no seminário São José, exercendo o cargo de vice-reitor e vigário Paroquial de Massapê. Foi nomeado pároco de Marinópolis, Reriutaba, Coreaú e agora em Bela Cruz.

Pe. Rômulo foi um bom pároco, trabalhador, alegre, bem humorado, atencioso aos seus paroquianos, bastante expansivo, comunicativo, mas por decisão dele e do Sr. Bispo foi transferido para a paróquia de Marco, deixando em Bela Cruz um enorme vazio que só foi superado, porque Mons. Odécio aos domingos celebrava uma missa na Igreja Matriz.

Aquela santa missa celebrada pelo saudoso e inesquecível Mons. Odécio recordava suas virtudes, seu estilo pastoral nos seus longos anos de paroquiatos. Seus sermões que ainda ecoam no consciente

daqueles que o ouviam, ensinavam a trilhar os caminhos da salvação. Algumas vezes, quando ressentido pelas ofensas, e injustiças, proferia palavras fortes, outras vezes, com a doce mensagem de um pastor dedicado, propagava a expressão de sua dignidade e fé cristã, levando ao povo o bem-estar espiritual.

Mons. Odécio fazia dele as palavras do Papa Paulo XI: "O verdadeiro cristão é aquele que mergulha nas águas profundas do Evangelho e depois emerge para ir de encontro ao irmão". (PAPA PAULO VI, 1960)

No seu pronunciamento de entrega da Paróquia, Mons. Odécio recordou o dia em que aportou nesta terra. Um palanque foi armado no cimo de um veículo e ali mesmo, ele fez sua apresentação, dizendo ao povo: "Eis aqui o vigário de vocês".

Ao entregar a chave da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Bela Cruz, Mons. Odécio falou: "Tudo o que de bom você construir aqui em baixo, será plenamente aceito lá em cima". (SAMPAIO, 1996)

Portanto, naquele instante, no alto do palanque do Altar de Deus, ele apresentou em alto e bom som, o novo dirigente desta paróquia: Padre Manoel Rômulo Rocha dizendo: Eis ai o vosso vigário.

Pe. Rômulo esteve nesta paróquia por poucos anos, mas fez amizades, cuidou das crianças, da Evangelização, fez reformas na

Igreja Matriz e organizou grupos e pastorais. "Eu sou o Senhor teu Deus, que te ensina para teu bem, que te conduz, pelo caminho que deves trilhar". (Is 48, 17). Com este pensamento, Pe. Rômulo levou a Boa Nova a todas as parcelas da comunidade católica desta paróquia, tentando realizar entre seus paroquianos uma convivência pacífica, fraterna e comunitária.

Tendo recebido de Deus, a missão de manifestar ao mundo o mistério de Deus, Pe. Rômulo continua exercendo sua missão evangelizadora em outra paróquia, onde vive atualmente.

PAROQUIATO DO PE. JOÃO VASCONCELOS

> *"Eu vim, como a luz do mundo, para que quem crê em mim não fique na escuridão". (Jo 12,46)*

Com a decisão do Sr. Bispo Diocesano em transferir Pe. Rômulo para a Paróquia de Marco, Bela Cruz ficou alguns meses sem um Pároco e Mons. Odécio mesmo já aposentado celebrava aos domingos as missas das oito da manhã na Igreja Matriz.

Quem presenciou talvez ainda recorde, sua pontualidade e disposição com que respeitava os horários, sem atraso de um minuto se-

quer. Sempre que recordo, vem-me à memória sua imagem imperecível, caminhando apressado, com livros no braço, vestindo sua camisa preferida de cor rosa e calça marrom claro. Era uma pessoa sem vaidade, sem presunção, mas um exemplo de fé, humildade e perseverança.

Reconhecendo a necessidade de um pastor na Paróquia, o Sr. Bispo resolveu enviar Pe. João para atender os paroquianos. Um sacerdote credenciado a merecer de todos atenção, consideração e amizade. Um pastor amigo, inovador e habilidoso, de larga experiência e solidariedade.

Padre. João e Mons. Odécio tiveram apenas oito meses incompletos de convivência, mas foi o suficiente para se conhecerem bem. Ele reconhecia que seu sucessor era um Padre Apostólico e trabalhador, amigo de todos e cumpridor de seus deveres sacerdotais. Não veio para destruir o que Mons. Odécio construiu, mas para dar mais aperfeiçoamento, acrisolar o que estava precisando.

Como um bom escultor ele veio podar esta árvore de 60 anos para que ela pudesse produzir frutos mais abundantes. Ele foi o médico que veio enxertar novas forças no seu tronco, a fim de que suas raízes se tornassem mais profundas e adquirissem nutrientes para seu equilíbrio. Como bom jardineiro, procurou cuidar e zelar esses canteiros em botões, para que suas rosas desabrochassem com mais encanto e exalassem perfumes agradáveis aos olhos de Deus.

Padre João fez do nosso Templo Sagrado, uma obra prima que enriqueceu a arte-sacra da terra belacruzense, tornando-a o mais puro e santo orgulho do povo cristão. Nossa Igreja Matriz se encontra hoje como um dos mais belos templos católicos do Ceará.

É lamentável que Mons. Odécio não esteja mais entre nós, compartilhando desta alegria. Tenho certeza de que, se estivesse conosco, teria colaborado de forma concreta, nesta belíssima campanha de zelo e preservação do maior patrimônio religioso, histórico e artístico de nossa cidade.

Além disso, o quanto se sentiria feliz vendo a Matriz que ele reconstruiu e inaugurou há 63 anos, transformada agora num belo e importante Templo.

Preocupado em realizar bem sua missão evangelizadora, Pe. João ampliou a articulação das pastorais, da catequese, das associações religiosas e grupos. Fundou o Centro de Pastoral Mons. Odécio, construiu a residência Paroquial e 6 capelas nos arredores da Paróquia, criou a Peça Paixão de Cristo e várias outras obras que dinamizaram com veemência as comunidades locais.

Padre João, fez um trabalho extraordinário nesta paróquia, que jamais seria edificado fora da influência da ação divina. Para ele,

evangelizar não significa apenas palavras, mas também vivência, trabalho, atitudes, experiências vividas pela força do Espírito de Deus, pois o anúncio de suas pregações pressupõe ações construtivas que se traduzem em sinais visíveis de união com Cristo, que veio perpetuar a sua obra redentora.

Padre João, sacerdote zeloso, hábil, inteligente e bastante educado, sabe conter-se, mesmo diante das críticas e humilhações. Um homem equilibrado, pacato, pacífico, fala com moderação, age com prudência e serenidade.

Em suas atitudes, sabe evitar excessos e enganos, permanecendo atento, mas sem reações fortes nem discórdias, buscando assessoria profissional e aconselhamento pessoal e pastoral. Ele confia o êxito do seu apostolado à Santíssima Virgem, fazendo da oração e da reflexão uma prática cotidiana na sua obra de evangelização.

Padre João vivendo o seu carisma e desempenho pastoral, não como profissão, mas induzido pela vocação que escolheu, sente-se enfileirado no exército de Cristo e robustecido pela força divina. "A busca de Deus é a busca da alegria e o encontro com Deus é a própria alegria", afirma Santo Agostinho.

O mistério de Deus é um dinamismo que só podemos alcançar, dando-nos para os irmãos. Com este pensamento, Pe. João, ao promover a Festa de N. S. da Conceição, organiza também as solenidades da

Pré - Festa, a semana que antecede a Festa da Padroeira. Como afirma (Jo, 5-36), "as obras que o Pai me deu para realizar, estas que eu faço, dão testemunho de que foi o Pai que me enviou".

Onze anos de convivência, na busca do fortalecimento dos valores do Evangelho e da superação dos desafios junto ao povo, agradecemos a Deus pelo presente recebido.

MONS. ODÉCIO E SUAS VIRTUDES ESPECIAIS

QUANTO A FÉ:

"Jesus ergueu-se e disse-lhes: Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra". (Jo, 8-7)

Mons. Odécio foi um homem iluminado pela fé, pois via á distância, deslumbrava vastos horizontes que o impulsionavam a sair do comodismo e a enfrentar os desafios, sempre aberto às necessidades da paróquia. A fé é uma espécie de senha, sem a qual não se consegue acessar a realidade oculta no coração, pois sem ela não existe fé. Essa experiência sensorial, o conduzia a um sentido teológico-espiritual que atingia seu coração e sua mente.

Jesus disse a Tomé: "Introduz aqui o teu dedo e vê as minhas mãos. Põe a tua mão no meu lado. Não sejas incrédulo, mas homem de fé". (Jo 20-27)

A fé não consiste numa lista de verdades a serem aceitas e decoradas por nós, mas sim, em acreditar no Cristo que se revela no Evangelho, deixando-se que esta certeza se transforme em força motora da nossa vida. E foi neste terreno fértil, que Deus lançou a semente e fez produzir frutos em abundância.

Mons. Odécio era fortalecido por uma fé tão rica e humana que encontrava correspondência plena e completa no seu coração. De acordo com seu ritmo e potencialidade de fé, ele sempre soube escolher a forma mais eficaz, para levar a efeito seus objetivos, fazendo com que a Palavra de Deus seja divulgada cada vez mais.

QUANTO À POLÍTICA:

Política é a arte de bem governar, de cuidar dos negócios públicos. Na passagem de seus 80 anos, ao entregar a Paróquia, Mons. Odécio, em seu pronunciamento falou: "Graças a Deus, a política não me enfeitiçou. Sempre fui avesso à política dos nossos políticos. E se

político fui, foi a favor e defesa da Igreja de Cristo". (SAMPAIO, 1996).

É comum ouvir-se pessoas comentando, que não preferem dar oportunidade aos maus políticos que se aproveitam dos recursos públicos. Sem dúvida, a intenção é boa, embora desagrade àqueles políticos oportunistas, que na cegueira do poder, não percebem o mal que fazem à sociedade.

Mons. Odécio sabia que, ao deixar de apoiar políticos comprometidos com o bem da população, estaria deixando livre o caminho para aqueles que visam somente os próprios interesses e de seus familiares e amigos.

Votar é um direito, o de escolher os caminhos a serem trilhados pela nação e de optar pelo que é de interesse do povo em geral e não a favor apenas de alguns privilegiados, como se aquele dinheiro público, fosse exclusivamente do político eleito e não do povo que confiou nele para administrá-lo.

Mons. Odécio sempre foi contra a este tipo de gestão e por não acatar políticos corruptos, recebia ofensas, difamações, que o acusavam de cruel. Foram acusações falsas que não merecem perdão.

Votar é uma responsabilidade da qual não se pode abrir mão. O voto não tem preço, mas tem consequências, se não soubermos escolher nossos representantes. Se escolhermos errado, estamos deixando

para os outros o direito de decidir nossas próprias vidas. Os cristãos têm no voto um poderoso instrumento de evangelização, pois evangelizar é anunciar a boa notícia do Reino de Deus.

Não um reino distante, mas aquele que já se torna presente a cada dia quando praticamos a justiça, a solidariedade e o respeito ao próximo. E isso foi o que Mons. Odécio sempre fez.

QUANTO À SUA MISSÃO SACERDOTAL E DEMOCRÁTICA:

A missão de Mons. Odécio, na Igreja, sempre foi situar o ser humano no âmbito da ação pastoral, tentando dar sentido ao presente e perspectivas para o futuro. Como sacerdote, ele desejava oferecer orientações globais, que significassem as interações da vida religiosa a partir de seus valores, normas e princípios que interferissem no rumo e no progresso da história de Bela Cruz. Foi com este pensamento que Mons. Odécio colaborou para que esta terra fosse elevada à categoria de município.

Coerente com a posição do povo, Mons. Odécio compartilhou dos movimentos de Campanha da Emancipação Política, no sentido de conseguir elevá-la a uma cidade autônoma. Depois de várias tentativas, o plebiscito foi aprovado e em 23 de fevereiro de 1957, ocorreu a tão sonhada emancipação.

Mons. Odécio constituiu-se um baluarte do movimento, ao lado de homens ilustres e conterrâneos amigos. Como membro da comissão, ele proferiu um discurso, que mais demonstrou interesse pela independência de Bela Cruz.

No final da sessão, Mons. Odécio que fazia parte da mesa assinou a ata juntamente com os vereadores, o Prefeito empossado e o Vice-prefeito. Ele não era político, mas zelava pelo município e estava sempre presente em todos os eventos municipais ou estaduais de Bela Cruz, embora jamais preferisse ingressar em carreira política, nem optar por esta ou aquela facção.

Nos períodos de campanhas, ele se mantinha neutro, sem comentários a favor nem contra, embora como uma pessoa experiente, enxergasse longe, com capacidade de prever candidatos mais capacitados para uma boa administração. Mesmo assim, ele não demonstrava preferências e no dia da eleição, ia lá, e depositava seu voto naquele que ele achava que merecia. Essa desse ser a tática de todo eleitor, porque o voto é livre.

Como um bom pároco, era dever dele advertir seus paroquianos a votarem em candidatos comprometidos com o progresso do município. Mas se algum deles o procurasse em casa, ele o recebia da mesma

forma sem discriminação, pois mesmo bem antes de Jesus, Platão, filósofo e sábio grego, já dizia: "O verdadeiro político não ama o comando e o poder, mas usa esses, como serviço para o bem de todos". (PLATÃO, A/C).

Tudo o que ele fazia, era visando o bem do povo. Essas eram as características de Mons. Odécio, dentro do comando da Igreja Católica. A autoridade quando usada como poder e dominação, acaba destruindo o ideal evangélico que nos faz vê-la como serviço.

QUANTO À VIRTUDE:

Quando, Pároco, Mons. Odécio foi um sacerdote esforçado, jamais se poupou em nada para praticar a virtude, fazendo reconhecer que sem a sua prática, sem o temor de Deus, jamais seremos felizes.

Foi ele quem abriu horizontes, marcou conquistas e vitórias, a fim de que a virtude pudesse vencer o egoísmo e superar o ódio e a dominação. Quando se busca a vontade do Pai Celestial, tudo toma dimensões redentoras. Portanto santificação é nossa identificação com os desígnios do Criador, em qualquer circunstância e em qualquer parte que se pensa na construção do reino de Deus, que vem dar sentido a vida humana.

Ímpios e cristãos lutam pela sobrevivência, mas entre o trabalho de ambos, há uma grande diferença: o cristão possui um segredo que dignifica sua obra, valoriza suas tarefas, nobilita seu trabalho, unindo-se a Deus num ofertório de vida inteira. Já os ímpios desconhecem a tarefa do oferecimento diário que espiritualiza alegrias e sofrimentos, vitórias e derrotas, trabalho e descanso, saúde e doença, sorrisos e lágrimas, luz e trevas, o cotidiano mais humilde e mais simples.

QUANTO AO CHAMADO DE DEUS:

Quando adolescente, Mons. Odécio capinava no campo, cuidava do gado do pai e o ajudava no comércio, quando foi avisado: "Deixa de lado as ferramentas do campo, licencia-te dos cuidados do gado, renuncia o balcão do comércio...Vem, segue-me, sê meu discípulo, outra função de espera: a conquista das almas". (SAMPAIO, 1994)

Seus estudos foram padronizados para liderar, questionar, governar, tomar providências, aprovar medidas que julgasse boas, dinâmicas resistência, vencer obstáculos e lutar por um mundo melhor com as armas da mansidão e da paz.

Desde criança aprendeu a obedecer e respeitar os mais velhos, a viver e a professa a lei do Senhor. Os treze anos que passou no semi-

nário, esteve em contato direto com professores devidamente preparados, que o fizeram bastante municiado, conduzindo as disciplinas de 12 professores do seminário, que o fizeram um homem de grande cultura, alicerçado no saber, na arte de administrar uma paróquia e assumir suas responsabilidades.

QUANTO AO PODER E À RIQUEZA:

No auge de sua vida sacerdotal, Mons. Odécio ouvia a voz de sua consciência e através da qual Cristo lhe dizia: Entre os cristãos, não deve haver competição, busca de poder para dominar nem uso do saber para manipular.

Jesus lança um desafio, que só no desprendimento dos bens, encontra-se a razão de ser. "Quem se dispuser a deixar tudo por causa de mim e do Evangelho, receberá cem vezes mais, já neste mundo; e no futuro a vida eterna". (Pe. DUARTE, C.Ss.R, 2008)

Mons. Odécio foi chamado a ser evangelizador, sacerdote cristão, trabalhador por uma libertação, que viesse transformar a vida do cristão, pela luz da fé em Cristo Jesus.

FALECIMENTO DE MONS. ODÉCIO LOIOLA SAMPAIO

"Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo, e teu Pai, que vê num lugar oculto, te recompensará". (Mt 6,6)

Numa triste manhã ensolarada, Mosn. Odécio recebeu um convite de aniversário de uma menininha, cuja comemoração ocorreria em uma praia de Acaraú. Ele que nunca gostou desses ambientes assim, pensou logo em recusar o convite, mas levado pela insistência, resolveu acatá-lo. Lá chegando, abrigou-se numa barraca desapropriada, enquanto as demais pessoas curtiam o banho de mar.

Horas depois, inesperadamente, a cabana onde Mons. Odécio se encontrava, desabou, deixando-o soterrado. Com alguns esforços conseguiram retirá-lo dos escombros com vida, mas bastante machucado. Tudo foi muito rápido, logo o Padre foi conduzido ao Hospital de Sobral e colocado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Foi muito bem atendido, pois seu plano de saúde cobria todas as despesas, mas poucos dias depois, não conseguindo resistir aos ferimentos, chegou a falecer.

Foi uma tragédia, uma fatalidade, que abalou os belacruzenses, pois embora não estivesse mais administrando nossa paróquia, Mons.

Odécio era uma pessoa muito querida por todos. Um homem culto, inteligente, honesto e bastante trabalhador. Pode-se dizer que, foi ele quem fez Bela Cruz em termos de Educação Religiosa e Cultural.

Maioria do povo o considerava um grande benfeitor, um amigo de longos anos, um conterrâneo inesquecível. Assim, naquela tarde do dia 04 de julho de 2001, quando os sinais da Igreja Matriz anunciaram a definitiva partida do ídolo belacruzense, nosso primeiro pároco, o povo de Bela Cruz caiu em profunda tristeza. Perdia uma pessoa ilustre, um padre-mestre, um fundador, um chefe da Igreja Católica, um testemunho coerente de vida religiosa.

Seu falecimento revolucionou seus familiares e amigos. Como educador incansável e pregador líder da Palavra de Deus, seu trabalho foi precioso diante de Cristo e de seus paroquianos. Sua lembrança imortal viverá para sempre nos corações de seus amigos e discípulos. Ele que teve em mãos, o Corpo e o Sangue precioso de Cristo, depois de Deus, foi a ele que seus paroquianos ficaram devendo a salvação. Suas palavras serão o eco de tudo aquilo que ele ensinou em vida.

A morte é passagem de um corpo perecível para outro marcado com o selo da imortalidade. Construído aqui na terra, seu corpo iluminado pela fé cumpriu fielmente sua missão agora atende o chamado de Deus, para que na glória celeste, posa usufruir das primícias da vida eterna.

Sua passagem foi um mistério incompreensível para todos nós, um enigma de esperança de vida eterna e não de tristeza e de morte, pois segundo as palavras de Cristo: "Toda semente jogada ao chão, acaba se estragando. Mas, depois, volta à luz do sol, de roupagem nova e cores festivas".

Se a erva do campo e as flores do jardim se deterioram e renascem, temos certeza de que Mons. Odécio ferido pela morte poderá reviver no reino do Pai Eterno. Ao espalhar a semente pela terra revolvida, o camponês espera que ela volte à luz, trazendo alimento à mesa e alegria aos corações. A esperança de que, nosso inesquecível sacerdote renasça para uma Nova Vida, é fundamentada no Cristo, nas suas palavras transmitidas aos seus paroquianos, na fidelidade à sua missão e na confiança que sempre depositou na Mão Poderosa de Deus.

A esperança é de que, diante do Pai, ele tenha sido digno do acolhimento do Senhor no Santuário Divino. Mons. Odécio sempre procurou viver bem o momento presente, tendo em vista a realidade da morte. Enquanto viveu, sempre preservou dentro de si, a alegria, a fé, a confiança e o amor às coisas de Deus. Esses foram os grandes valores que ele alimentou em vida, a fim de que no momento de sua morte, pudesse ouvir o convite de Cristo: "Vem, bendito do meu Pai, e receba

como herança, o reino que Meu Pai lhe preparou desde a criação do mundo".

Em sua carta, São Paulo afirma: Tenho certeza que, nem a morte nem a vida; nem os anjos nem os poderes celestiais; nem o presente nem o futuro; nem as forças cósmicas nem a altura; nem a profundeza nem outra criatura qualquer, será capaz de separá-lo do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus.

A morte surge como uma parede fatal que interrompe a nossa caminhada na terra. Neste pensamento, pode-se afirmar que o falecimento de Mons. Odécio foi um dos acontecimentos mais inesperados e por que não dizer, dos mais tristes e inesquecíveis, da história de Bela Cruz.

Durante seus 85 anos de vida, Mons. Odécio trabalhou à exaustão, para dar vida, luz e força a esta terra, para fundar uma paróquia baseada na fé e na propagação do Evangelho de Cristo. Considerado um sacerdote exemplar, trabalhador, fiel à sua missão, um educador experiente, preparado que escolheu Bela Cruz para amoldá-la na crença da evangelização, visando formar ali verdadeiros discípulos de Cristo. Tendo recebido de Deus o encargo de manifestar ao mundo o conhecimento da Palavra, ele superou a ignorância religiosa de muitas pessoas nesta paróquia, sacrificou-se o bastante, dando tudo de si para

abrir as portas da Igreja, a fim de que a brisa renovada da fé e da salvação conseguisse penetrar nos corações incrédulos.

Por meio de sua preocupação pastoral, a prática religiosa foi concretizada, o trabalho da catequese floresceu e frutificou e a educação teve impulso, alicerçando-se na fronteira da ética e da moral cristã. Anos se passaram, mas o povo ainda tem a ousadia de quebrar o silêncio respeitoso e reverente, para demonstrar a imensa saudade daquele virtuoso cidadão belacruzense, professor, amigo e benfeitor da nossa terra. Um sacerdote, pastor e profeta, companheiro do povo, semeador da paz, da Boa Nova e da justiça.

Por causa do trabalho aqui prestado, pela honestidade com que viveu e pregou Mons. Odécio foi um mestre respeitador, um pai para seus paroquianos. Quantos alunos do Instituto Imaculada Conceição tiveram seus estudos custeados por ele. "Quem não dá tudo de si, não dá nada". (SAMPAIO, 1980)

Com seu sorriso aberto e envolvente, sempre de mão estendida, cumprimentava a todos com seu carisma excepcional, onde quer que se encontrasse. Quando expressava suas palavras, animava o povo de Deus a prosseguir sua caminhada, firme nos seus propósitos e decisões.

Como pastor profético, fazia questão de alertar: "a fronteira ética da juventude é a palavra de Deus. A dignidade humana não tem pres-

sa, quando construímos o mundo com as ferramentas que temos". E acrescentava: "Não podemos esquecer nosso compromisso com os jovens e crianças. Na ciranda da vida deve haver espaço para todos". (SAMPAIO, 1982)

Em vida, quando se sentia injustiçado, refletia: "Jesus promete a eterna bem-aventurança a todos os que recebem o ultraje da calúnia, da maledicência, da ofensa e da humilhação por causa dele". E concluía: "Ficai alegres e contentes porque será grande a vossa recompensa no céu". (Mt 5,12)

Santo não é aquele que nasce perfeito, mas quem pela graça de Deus, se tornou santo. Jesus conhece como ninguém o coração humano e sabe quanto ele é sedento.

Quantos buscam a felicidade no dinheiro, na riqueza, no poder, no êxito, em tudo e a todo custo, na posição social, no prestígio...

Jesus disse: "Felizes são os mansos, os puros de coração, os pacíficos, os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus".

O momento é de reflexões sobre aqueles que nos antecederam e sobre o dia em que mergulharmos no mundo do além e no mistério da morte, uma vez que esta atinge a todos, sem exceção, até mesmo os menos sensíveis, que acham que a morte é apenas para alguns.

Mons. Odécio, imagem humana de Deus, não só repousa na glória celeste mas vive plenamente. Partiu desta vida, mas ficará para sempre entre nós. Sua luz e força continuarão nos guiando e nos inspirando à prática do bem e nos aproximando de Deus, como verdadeiros filhos.

Compartilhando da presença real de Cristo, da Virgindade Perpétua e Maternidade Divina de Maria, Mãe nossa e da Igreja, Mons. Odécio estará participando de todos os acontecimentos nesta paróquia que já foi sua por 54 anos e pela qual tanto se devotou. Ao entregar a Paróquia ao seu sucessor Pe. Manoel Rômulo Rocha, ele afirmou: "Neste momento, eu lhe entrego a chave da Paróquia de Bela Cruz-símbolo do seu governo". (SAMPAIO, 1996)

Sejamos-lhe indiferentes ou não, o mistério da morte, está sempre cercado de respeito e de oportunidade de refletir sobre a vida e o que ela significa para todos nós, já que ninguém é imortal.

Sua missão aqui na terra está encerrada, mas no paraíso celestial, ele estará intercedendo por aqueles que o respeitaram. Junto a Deus-Pai, o mistério divino se realiza de forma plena e perfeita, pois só Deus é a verdadeira e definitiva fonte de salvação.

Em um dos seus pronunciamentos ele deixou claro que: "o seu último anseio, é que o seu verdadeiro sono, nesta cidade temporal, seja emoldurado nos átrios do Senhor". (SAMPAIO, 1991)

Obrigado, Mons. Odécio, arauto do Senhor, portador da fé e luz do povo de Bela Cruz, que na luta pela libertação integral dos cristãos, doou-se de corpo e alma para ajudar aos jovens a reconhecer a presença de Deus em suas vidas, a descobrir os valores humanos e evangélicos e a agirem de acordo com eles.

Que Deus o mantenha na memória de tantas gerações que receberam os seus ensinamentos e foram por ele conduzidos à vida espiritual. "Mons. Odécio não morrerá, ele se encanta com a eternidade cujo clarão se aproxima cada vez mais dos seus dias". (MAGALHÃES, 1991).

MISTÉRIO DO DESTINO

Ao Mons. Odécio (in memoriam)

Sempre que ouço o badalar do sino
No alto da torre de nossa Igreja Matriz
Sei! Meu coração compreende o que ele diz:
Vem! Vem pecador! Resolver teu destino.

Relembro um grande mensageiro Divino
Que foi motivo para que ele existisse
E sua missão entre o povo se cumprisse
Convocando do adulto ao pequenino.

Se ecoar é potente e retumbante
E repercute no íntimo do coração
Faz sentir diretamente a sua ação
O seu chamado pode-se ouvir distante.

Sua mensagem ao católico praticante
É um apelo, um chamamento cristão
Do líder da Igreja é uma convocação
Um convite à devoção real e mais constante.

Quando eu escuto aquele sino badalando
Fecho os olhos, vejo mentalmente,
Mons. Odécio convidando a sua gente,
E no altar da Igreja celebrando.

Ele que tanto amou aquele templo
Que se esforçou pela evangelização
Fez o possível para cumprir sua missão
Sempre fiel, pela sua fé e exemplo.

Mas um dia, triste dia, inesperadamente,
Deus o chamou ao Santuário do Senhor,
Para onde Cristo o fez merecedor
E onde ele há de habitar eternamente.

Sua partida foi tão rápida e imprevista
Deixando o povo em tristeza e abalado
Mesmo já estando da Paróquia afastado
Ele era um ídolo, uma pessoa muito benquista.

Enquanto o sino aos fieis está chamando
Tenho certeza de que ele do céu está ouvindo,
Participando daquele convívio lindo
E um cantinho para seu povo preparando.

Zela por nós Mensageiros do Senhor
Deixaste o sino convidando em teu lugar
E lá do céu sei que vais nos aguardar,
Rogando por seu povo ao Salvador.

Que um belo dia, possamos nos encontrar
No paraíso onde repousa santamente,
E o badalar deste sino novamente
Chamando outros, continua seu ribombar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Anunciando o Evangelho de Cristo*. Ed. Paulinas. S. Paulo, 1961.

_____. *Vocês são o Corpo de Cristo*. Ed. das Américas. S. Paulo, 1962.

ALBERIONI, Tiago. *Deixando o bem aparecer*. Ed. Paulinas. S. Paulo, 2012.

ARAÚJO, Manoel Nicodemos. *Município de Bela Cruz*. Ed. A Fortaleza, Acaraú-CE, 1985.

BARROS, Marcelo. *Portadores da Paz*. ASETTE. Ed. Rede da Paz. Recife-Pe, 2003.

BAILEY, Pe. J. A. *Mediador da Aliança*. Ed. Paulinas. S. Paulo, 2005.

BAKUNIN, M. *Mergulho Missionário*. Ed. Vozes. Petrópolis, 2004.

BETTO, Frei. *Paz e Esperança*. Ed. Loyola. Porto Alegre, 2010.

BENTO XVI, Papa – *Carta Encíclica Deus Caritas* est (25 de dez. 2005) Nº 31. AAS 98 (2006), 244.

CALCUTA, Madre Tereza de. Ed. Paulinas. S. Paulo, 1970.

CARTA DE João Paulo II, publicada em Roma em 14 de ago. de 1981.

CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas*. S. Paulo. SIMAR, 1997.

CLAUDEL, Paul. *Deus Existe*. Coimbra. Aster Ltda, 1960.

EVANGELLIUM Vitae. João Paulo II. São Paulo. Ed. paulinas, 1995.

EVANGELLI Neutiandi. Paulo VI. São Paulo. Ed. Paulinas, 1960.

DUARTE, Pe. J.SsR. *A Vida Eterna*. Ed. Paulinas. S. Paulo, 2008.

FRAGOSO, Dom Antônio Batista. Assessor Batista. Assessor da Catequese no Regional. NEI, Ceará, 1992.

GANDHI, Mahatma. *Fé em Deus, Oração e Perdão*. São Paulo, 2006.

GERARDI, Pe. Agenor. *Missionário do Sagrado Coração*. Ed. Paulinas. S. Paulo, 2004.

GRÜN, Anselmo. *Enfrentando a Vida. Rio de Janeiro*. Ed. Vozes, 2004.

ITEZ, Sônia de. *Jesus Cristo, ontem hoje e sempre*. Porto Alegre, 2012.

JOCARLOS, Gaspar. *O Caminho da Paz*. Ed. Paulinas. São Paulo, 2012.

LINCOLN, Abraham. *Liberdade Religiosa*. Ed. Vozes. São Paulo, 2012.

MAGALHÃES, Mons. José Edson. *Pronunciamento da missa do Jubileu de Ouro Sacerdotal de Mons. Odécio*. Bela Cruz, 30 de nov. de 1991.

MALRAUX, J. *A Guerra e a Estupidez*. Ed. Paulinas. São Paulo, 2005.

REINT, Pe. João. Acaraú – Ce, 1928.

SAINT_PIERRE, J. *Respeitando a Sociedade*. Ed. Vozes. São Paulo, 1998.

SAMPAIO, Mons. Joviniano Loiola. *Discurso pronunciado na missa do Jubilei de Ouro Sacerdotal de Mons. Odécio.* Bela Cruz, 30 de nov. de 1991.

SAMPAIO, Mons. Odécio Loiola. *Discurso pronunciado na missa de seu Jubileu de Ouro Sacerdotal.* Bela Cruz, 30 de nov. de 1991.

SAMPAIO, Mons. Odécio Loiola. *Pronunciamento no Banquete da tarde no Patronato Imaculada Conceição.* Bela Cruz, 30 denov. De 1991.

SAMPAIO, Mons. Odécio Loiola. *Discurso pronunciado na entrega da Paróquia, na passagem dos seus 80 anos de existência*, em 17 de fev. de 1996.

SAMPAIO, Mons. Odécio Loiola. *Pronunciamento na entrega da Paróquia ao seu sucessor Pe. Rômulo Rocha.* Bela Cruz, 25 de fev de 1996.

SAMPAIO, Mons. Odécio Loiola. *Discurso proferido no dia 12 de nov. de 1997, na inauguração do Fórum Judicial em Bela Cruz e que recebeu o seu nome.*

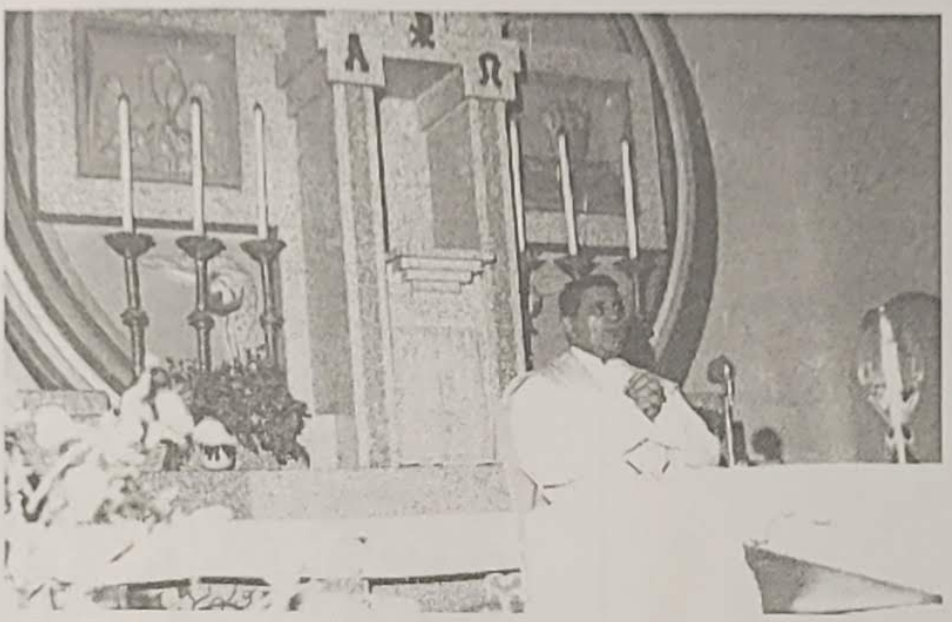
SCHNEIDER, Pe. Roque. *Construindo a Vida.* Ed. Paulinas. S. Paulo, 2003.

SENA, Santo Bernardino de. *O Sacerdote é uma Pessoa Pública.* Ed. Paulinas. S. Paulo, 2007.

VASCONCELOS, Jornalista. José Lopes. *Editorial Religioso*. Bela Cruz, 2007.

VIRGILIO, Pe. J.C.SsR. *Testemunhando Ações*. Ed. Paulinas. S. Paulo, 2000.

RECORDAÇÕES SIGNIFICATIVAS DE MONS. ODÉCIO NA VIDA DO MUNICÍPIO DE BELA CRUZ



Ao Exercer o ministério na celebração da missa no Altar- Mor na igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição de Bela Cruz.

Rev. Mos Padres: Odécio e Valdary destacam- se entre os representantes da câmara e da prefeitura.

Padre Odécio e o conterrâneo e historiador Nicodemos Araújo.

Padre Odécio e o Ex prefeito Júlio França de Sousa Neto (in-memorian).

No IIC Padre Odécio com presidente da mesa.

Padre Odécio marca presença na entrega de diplomas na Escola Marieta Santos.

Anuncia o programa da Festa da padroeira no altar em em frente a igreja Matriz.

Família reunida formando um lar que cultivavam, a fé em Deus.

Igreja Matriz de Bela Cruz. Obelisco em homenagem ao Jubileu de Ouro de Mons. Odécio

Que Deus recompense seu fiel discípulo!

- O admirável trabalho de prefácio de Mons. Manoel Valdery da Rocha que nos recebeu "o acolhimento fervoroso de Mons. Odécio, ser receptivo e afetuoso para com aquele que chega, num gesto de fina e bíblica hospitalidade".

- No livro "Resgatando as Raízes Cristãs" a Profa. Maria de Luz S. Leitão destaca: "Fundou o INSTITUTO IMACULADA CONCEIÇÃO com sua visão de mundo e do futuro, deu solidez a formação educacional, cultural e a instrução deste povo. Trouxe as IRMÃS VICENTINAS para a direção sendo o primeiro colégio educacional de Bela Cruz".

O carisma de Mons. Odécio permanece indelével em cada belacruzense: alguns, porque com ele conviveram e outros porque receberam a orientação dos pais, dos catequistas ou de pessoas que trazem consigo os princípios cristãos deste grande apóstolo que na sua caminhada deixou "pegadas" que servirão de caminho para muitos que por aqui passarão."

E você, Euralice, na sua humildade, resgatou uma parcela significativa da nossa memória, relembrando o trabalho fecundo da Paróquia e o vasto legado espiritual e histórico.

Bela Cruz agradece. Parabéns!
Bela Cruz, 2014.

Maria Neuma Vasconcelos Carvalho

'Na minha trajetória humana, eu sinto a mão poderosa de Deus, como norte e âncora do meu ser'.

'Como é bonito o trabalho do Padre. Ele salva as almas. Quem salva, se salva'.

'E se alguém se julga injustiçado e humilhado por mim, conceda-me a absolvição, porque merece perdão quem sempre perdoou'.

'Deus foi, e tem sido tão bom para comigo que as vezes faço parada e digo: É demais Senhor! Não mereço tanto'.

Monsenhor Odécio.